

**Firmamento Inacabado**

**Victor Mota**

## Firmamento Inacabado

---

# Firmamento Inacabado

---

Título: Firmamento Inacabado

Autor: Victor Adelino Mota

Editor: Mota, Victor

ISBN:978-989-97985-7-8

Depósito Legal: Junho de 2013

Todos os direitos reservados ao autor.

## Firmamento Inacabado

---

## Firmamento Inacabado

---

*À minha avó Carolina*

*A todos aqueles por quem passei*

*e por mim passaram*

*Ao meus avós*

## Firmamento Inacabado

---

## Firmamento Inacabado

---

### 1

Vinte e três anos depois, o meu Benfica estava numa final europeia e eu compreendia o valor de ter família e o desperdício de energia mental em pensar em coisas negativas e, aliás, da sorte que tivera na vida. Tinha tido sorte em não levar a vida quotidiana com violência, tinha tido sorte em amar algumas mulheres, de vencer preconceitos, coisas que desde cedo na minha cabeça estavam e ser eu mesmo, eu próprio, solucionando questões filosóficas da mais alta envergadura. Este firmamento fica inacabado de propósito. Para que alguém o continue e o complete, que eu me reconheço não ser sobrenatural ao ponto de inferir nela alguma substância etérea e replicadora. Assim, naquele dia punia-me por não ter saído de casa. Atravessaria a noite e iria cedo para casa, para ver o Benfica lá na aldeia, a aldeia que eu julgava maldita mas que sempre me atraía. É claro que nesses tempos, estava cansado de Lisboa. Por isso não havia ido à Baixa naquele dia. Pensava economicamente o meu destino, as minhas condições, o meu pretender, o meu pertencer. Afinal, estava desligado ou ligado? Não sei bem, talvez tivesse desligado de amigos, talvez precisasse de mais amigos e me sentisse só e odiava-me por isso, pelo meu feitio picuinhas e demasiado reservado, alternado com uma simpatia voraz, mas talvez não falsa. Enfim, estava em Lisboa, se não acontecesse alguma coisa, onde poderia acontecer? Não falava eu português?

De tão só me encontrava, apenas tendo a família, eu próprio construía muros para com as pessoas e atribuía a mim próprio a falta, ou a culpa, se quisermos falar em termos religiosos, por não ter o que qualquer pessoa procura ter: sentido de pertença, identidade, uma pessoa que ame, trabalho ou dinheiro. Não, não pedia fama. Era, aliás, bastante discreto quanto a isso. Ou talvez quisesse ser um célebre desconhecido. Nesses dias, estava crescendo uma bolha no meu pescoço, eu estava tornando-me um pouco feito, sobretudo com os dentes maltratados e óculos que não combinavam com o conjunto do meu rosto. Dava por mal empregue o meu tempo dedicado à leitura. Mas...que podia fazer senão gerar todos esses sentimentos? Regressaria, de manhã, a casa dos pais, para os ver, vivos, e aos meus sobrinhos, à minha irmã e ao meu cunhado e também para ver o jogo do Benfica contra o Chelsea. Faltavam-me as palavras difíceis, a pontes filosóficas, procurava evitar a escuridão no meu coração, sabia que se não gritasse por amor dentro em breve, que pereceria sem conhecer o verdadeiro amor. Não amava ninguém em particular. O meu desejo, ou libido, em termos psicanalíticos, estava em baixo. Daí a minha melancolia.

Tinha passado o fim-de-semana em Lisboa, perdera uma corrida, há muito tempo que o meu irmão mais velho ia à minha frente, mas enfim, ele era de outro campeonato, eu tinha de reconhecer. Mas sentia crescendo, depois de uma semana de abatimento e auto culpabilização, vontade de fazer *jogging*. Sentia falta do endurance, de me sentir livre através do vento, se o quisermos dizer em termos poéticos. Assinalara na agenda alguns compromissos para fazer, como ir a colóquios filosóficos. No primeiro dia, faltara a um. Um desses dias, tido ida à Faculdade de Letras e, enfim, penso agora, aquilo já não me dizia nada. Sabia que estava condenado a ler e escrever até ao fim da minha vida, era quase impossível ganhar dinheiro, de resto nunca tivera capacidade para o fazer, quanto mais ter uma família. Tinha de me aceitar tal qual era, forçar para deitar para fora, para a exterioridade do mundo, as minhas entranhas, fosse como fosse, a minha identidade tinha de saltar cá para fora. Se não fosse a bem, seria a mal.

## Firmamento Inacabado

---

### 3

Naquele tempo lia um pouco de Malouf, de René Girard, de Morin e um livro que falava das consequências da industrialização, da técnica, na qualidade de vidas das pessoas. Na tv falava-se de incluir insectos na ementa dos restaurantes. Bem, para sobreviver, a gente faz tudo, já dizia São Tomás e eu com ele. Tinha a meio *O Ser e o Tempo*, de Heidegger. E não tinha saudades de lhe pegar. Ouvi Peter Gabriel e, enfim, a canção, uma das minhas preferidas do algum *So*, que me falava directamente para não desistir, para me manter no meu posto, mesmo que não soubesse, depois de tanto perscrutar, qual a minha missão. Kate Bush...um nome que me saltara num havia que chegava a Zurique, há anos idos. Nunca mais, senão por duas vezes, saíra do país, o último livro que escrevera, *Parusia*, parecia ler-se paralisia. Era contra isso que eu lutava constantemente, mental e fisicamente manter-me activo, apreciar o mais que pudesse a vida. A canção falava por mim, lia-me o pensamento. Estava ainda ali, embora minha irmã e minha alma tivessem estado longe, eu estava ali, num *Dasein* acabado.

Custava-me, por vezes, admitir que era diferente da maioria das pessoas, acabara por ficar neste país, não partira, meu nome aparecia em todo o lado, como que lembrando-me que meu nome verdadeiro nada tinha de literário e que o meu pseudónimo fora o meu último erro, pois apontara para o desejo infinito, eu que logo tinha por lema o dizer de Cícero: tudo com moderação. Meus livros não eram romances, nem sequer ensaios filosóficos, apenas confissões entremeadas com algo de razoável para mim próprio, como se me estivesse iludindo fingindo Ser qualquer coisa. Mas o certo é que resultava. Eu sentia-me escritor, embora não tivesse, a não ser a minha irmã e o meu cunhado, a minha família, enfim, admiradores. Se não tinha ganho prémio algum seria porque não o merecera. Havia que continuar, dia após dia, melhorando a prosa. Sim, talvez prosa filosófica e etnoprosa.

A música, os livros, a escrita, o pensamento, os “pensatemplos”, como diria Mia Couto, faziam e tinha feito desde sempre parte da minha vida. Da mais minha íntima vida. Era, eu, Joseph Taigen, um verdadeiro “pensarilho”, trocadilho conveniente para quem não tem coragem para viajar, nem dinheiro, diga-se de resto. Para aquele que se julga escritor, é conveniente conviver com as pessoas. Mas eu não era muito desse género. Não tolerava críticas, fossem para os outros, fossem para mim. Levava tudo a mal, como se costuma dizer. Daí arranjar a filosofia como desculpa. Reformado, estava agora no grupo daquele que não podem participar, que observam e descansam, que deitam contas à vida. Não tinha, naquela noite em que começara esta obra, personagens ou locais para os encadear, melhor, tinha apontados alguns na agenda, mas não me atrevia a avançar. Estaria forçando a escrita? Com café e tabaco, com certeza!....

Sentia, muito depois de ler *O Desespero*, *Doença Mortal* e *A Náusea*, as duas coisas ao mesmo tempo, tinha de aguentar algumas horas e sair de madrugada, para o ar livre, fosse como fosse. Estava, enfim, farto de estar em casa. Sem nada fazer de válido, confesso. Estava então deveras inquieto naquela noite, este romance podia passar-se durante uma noite, uma noite de espera para partir, uma vez mais sozinho, nada de libertador tinha para contar aos meus pais, mas enfim, lá continuava ouvindo o Oceano Pacífico e bebendo café para manter intactas as minhas funções mentais. Havia recebido o dinheiro da pensão. Iria gastá-lo em livros e passar uma temporada na aldeia, junto da minha mãe e na relação difícil com o meu pai. Levaria o pc para continuar esta escrita, fazer dela algo de inédito, caso que surgissem algumas boas ideias. Mas por enquanto, tentava gerir a ansiedade. Prometera para mim próprio que iria ao Hospital na 5ªFeira para pedir medicação, mas lembrei-me que tinha deixado alguma em Riachos e por isso estava decidido a partir quando acabasse a noite. A ideia de comer insectos não me saía da cabeça...

Se eu me deitasse aqui, mesmo sem sono, deitar-te-ias a meu lado? Só para afagar esta minha cabeça desgovernada, para me dar um momento de autenticidade? Pois, não sei o que é o amor...ensinar-me-ias? Por isso quero fugir, mesmo sabendo que não irei amar longe, mas iludir-me a provavelmente morrer longe como um soldado desconhecido –em vez de porta-bandeira–remoendo as minhas ideais e esquecendo meus sentimentos. Sei que estás perto. Talvez te veja mais daqui a pouco e me dê um ar de indiferença, o que é natural. Não faz mal, aprendi a contentar-me com pouco. Lembrarei teu rosto, mais do que teu nome, pois nunca chegaremos a falar. Continuarei, assim, sendo o mesmo, à procura na mente de algo que está fora da mente. Mas, enfim, talvez me desculpe de não ter aprendido a amar para não Te amar. Talvez esteja disfarçando, evitando, fazendo-me difícil para nada ter de ti, nem sequer e sobretudo a tua atenção para as minhas palavras. Juro que te ouviria mais vezes, com paciência redobrada, te compreenderia, seria teu psicólogo, compreenderia as tuas traições e desejos, pois isto do amor é um caso estranho, homens e mulheres desejam igualmente. É claro que seria ciumento caso te visse da dizer bem de algum homem. Sabes o que se passa? Afinal, talvez precise de ir aos treinos, de aprender com os mais novos e esquecer essa ideia de que as mulheres são todas iguais. Talvez seja eu mesmo aqui num canto perdendo o meu religioso apego ao amor que voa.

Sabes, endoideço sem Ti, aqui num canto, perdendo toda a minha religião, envelheço sem conhecer a felicidade dos dias uns após os outros, o que vais fazer mais logo, amanhã, no dia depois de amanhã, ir contigo ao restaurante ou ficar em casa vendo um filme romântico, estarmos chegadinhos, um ao lado do outro na nossa sala de cinema privada. Procuvo explicações dentro da minha cabeça para te convencer, para te dizer palavras doces e quero cobardemente que me consideres não sequer um Adónis, mas um Deus, quando o que quero de ti simplesmente é falar, prometo que não te toco, que te respeito e que não te e me estrago mais, pois já chega, agora é tolerância zero, como queiras. Assim me apanhaste e eu não recebi a tua carta, que tinhas dito mandado por sms, depois parti para um bar ver futebol e beber um licor para adocicar a alma, esta alma rasgada de tanto matutar sobre a sua provável salvação. Talvez esteja voltando aos lugares e acontecimentos de adolescente e queira de novo evitar o que podia ter acontecido, aquela foto em que estávamos os dois e eu gostava de ti porque tinhas um rosto perfeito e os seios bonitos, agora estás longe e com outro, mas ainda penso em ti quando me enrolo com meu corpo e torço a alma de inveja por estar só, enfim, estou a chorar por dentro, detestando o tempo que nunca mais passa esperando por uma palavra Tua, uma palavra, nem que seja nin. Nunca tomei nenhum passo em relação a ti, sempre esperei que me perseguisses se conseguisses apanhar-me porque pensaria ter algum tesouro escondido, fosse um mentalista, quando sou humano, demasiado humano e todos estes dias de evitamento deram por mim no final do amor, onde espero alguma coisa possa recomeçar, talvez esteja sendo lamechas, mas acho que Tu compreendes, não posso viver sem, dir-se-ia em termos psicanalíticos, sei lá.

Assim estou, pensando em Ti, de como te ignorei, talvez pensando numa estrela de cinema para um ser tão modesto quanto eu, bipolar, provocador, ignorei-te pois e tu seguiste em frente a agora me lembro que te chamavas Susana, não a outra que outrora possuí, mas Tu, Susana, que remorsos tenho de não te ter comigo, enfim, tenho pensando bastante em ti, eras a mulher da minha vida. Não vou contar-te o que aconteceu depois, até agora, altura em que te descubro no horizonte longínquo, pois está tudo plasmado nos meus medíocres textos a que chamo livros, ou obras, pois tenho a estima por mim mesmo, porque afinal sou um sacana de um racionalista armado em francês quando meais me convém e em espanhol quando me zango com os outros. Continuo, através da noite, como diz a canção dos Sétima Legião, à procura de ti e há imenso tempo que não vou ao bar que frequentas, estou ficando enferrujado, por preguiça, nem sequer é doença mental, é preguiça, mental e física, talvez falta de inteligência emocional. Onde é que isto vai parar? Sim, vai parar um dia e eu, cobardemente, sem nada ter feito. O que estou vivendo neste momento estava escrito na carta que me escreveste. Por isso não querias que eu a lesse, talvez estivesses mais preocupada em esquecer-me, dado que eu não te tinha dado atenção naquela hora em que te vi, junto aos correios, precisamente deitando fora essa carta em vez de a enviar. Seria para mim? Não sei e, pretensioso como sou, acredito que seria para mim. Mas não era, sei-o agora por ti. No entanto, uma coisa que sou e que sei é que a felicidade é mãe da persistência e que dá trabalho ser feliz, sim, passei ao lado de uma vida feliz, na sua interioridade e exterioridade (o social). Isso preocupa-me mais do que o que se passa no teu coração. Por isso podes chamar-me egoísta. Eu mereço uma boa bofetada.

Alimento-me, como um bicharoco, da memória do teu rosto e da tua voz, do teu corpo. É assim com os misantropos, enfim, estás descobrindo agora todos os meus defeitos, a porcaria vem mesmo ao de cima, como o azeite na água. Um dia tudo irá acabar, vou morrer infeliz por não te ter possuído sentimentalmente, por não te ter verdadeira e minimamente conhecido. Fico só. À espera das tuas palavras enquanto ensurdeço com música de fusão e coço os tímpanos que já deitam de água. Não fui nenhum génio, mas apenas um curioso das coisas obscenas, por isso passei ao lado e nada aprendi. Falo em relação a Ti. Assim sendo, desisto, é certo que encontres um homem melhor do que eu, que te possa, sem ofensa, oferecer conforto e segurança, afecto e atenção. Eu despeço-me para a escuridão pois tenho bastante para purgar. Talvez, no fundo, não mereça, mas como ingénuo que fui, perdi-Te para sempre. Talvez depois da escuridão se encontre um deserto (alguma luz), depois um oásis e daí, se continuar caminhando, uma aldeia, uma cidade... Sim, não saí de casa naquela noite, ousei dirigir-me a Ti, depois de ter ficado perdido no sono mesmo sabendo e tendo provado que o enigma para o ciclo do eterno retorno de Morin é a saída sem retorno. Nunca mais voltarei a ser o mesmo, pagarei por aquilo que fiz, por aquilo que não fiz e escutarei vozes novas, tendo perdido a intuição de Ti, Susana. Sim, choro por dentro e tenho vergonha de chorar, porque afinal é tradicional os homens não chorarem mas mesmo assim eu tenho saudades de chorar. Faz bem, estar aqui ao pé de ti, agora que esqueci o teu nome e tu me esqueceste. Faz de conta que estou dormindo, em favor da veracidade da narrativa, tens visto que minha escrita, mais do que reivindicativa, é vingativa, em favor de uma causa que eu, tão apegado a livros, não sei explicar. O que sei explicar é que esta coisa do amor é lixada e nem sequer a conheço. Virá alguém falar-me dessas coisas? Bem, 21 carneiros, nunca sonhei com carneiros e agora estou perdido no inconsciente contando, já lá vão os sonhos molhados, agora é plena contabilidade emocional, estou perdido, não aprendi a ganhar quanto mais a poupar, sendo que isso não é somente coisa que se aprende mas que se tem ou não se tem. Um dom, por assim dizer.

E eu que tinha preparado “Uma Abordagem ao Conceito de Sistema” para te impressionar com a minha cultura geral e de nada serviu, a cama continua meia desfeita ou meia feita, ninguém senão o meu corpo e os dos meus fantasmas ali adormecem. Sonho com corpos entrelaçados, foram tantos anos a ver que fiquei cego e só vejo essa indústria textual na minha cabeça, tanto desejo que o corpo já não responde, a mente, atrofiada, não distingue o bem do mal e eu sou capaz de fazer um qualquer disparate se não me disseres alguma coisa, se não me derem a atenção que eu não te dei, eu sei, parece injusto, rouba-me, peço-te rouba-me toda a minha atenção mas dá-me alguma da tua, prometo que respeitarei, e não confundirei o teu corpo com outros que toquei, numa vaidade malsã de macho mal assumido. Sumido...

Estou ficando exausto. Sei que te perdi. E nunca peguei nas *Cartas a Olga*, de Vacláv Havel. Fui injusto, no sentido em que queria fazer sentido, empreender essa abordagem ao conceito de sistema, indo atrás dos outros, fugindo de mim mesmo e de minha identidade, qualquer que ela seja e uma vida só não chega para compreender. Nem para amar. Continuo aquilo a que posso designar de narrativa, a Ti, sejas tu Deus ou a mulher amada, nunca é pedir demais. A minha ideia é que em França as mulheres são mais delicadas, com uma desculpa de que estou fazendo antropologia sob o pretexto de ter nascido num país do centro da Europa e estar fazendo antropologia no Sul da Europa. Enfim, é uma questão de notas também. Esta narrativa não tem um nexos, segue ao sabor das caravelas quando foram desviadas para o Brasil e como o Brasil é o que está a dar neste momento, pode bem ser que a nossa prosa melhore e se nos apresentem, mais do que críticas sociais, pois nunca fomos bons nisso, personagens e lugares, uns mais visitados que outros e este romance anda de roda e faz pião, mas enfim, alguma coisa se há-de conseguir no final, parece que não passam de divertimentos pseudoliterários estas palavras que aqui debitamos no ecrã em branco, para não dizer sob que forma o leitor as irá receber.

Do vazio, do vácuo, pode-se tirar alguma coisa? Sem dúvida, pois no vácuo pode-se respirar durante algum tempo, existe oxigênio. É assim que tiramos do nada uma existência, no sentido de Lévinas, um Estar-aí, pronto para o que a noite longa nos traz, cigarro após cigarro que já chega de café, agora vai mas é 7UP, depois de uma saída incontrolada para comprar tabaco e beber bom café no Bar do Vitor. Outrora fomos agressivos, para não dizer corajosos, e por agora procuramos um caminho mais instantâneo, mais sinuoso, pois estamos chegando a velhos e se para nosso velhote desejamos morte natural no fim de uma velhice descansada que poderemos desejar de melhor para os outros e nós próprios? Sim, porque muitas das vezes o desenvolvimento, nomeadamente o desenvolvimento tecnológico, é retrocesso em humanidade, nos disse o escrivão do reino, que é a profissão que o autor julga ter. Assim, pegamos nos Estudos sobre o Amor, de Ortega y Gasset para adocicar a coisa. Já voltaremos. Disseram-nos que esta é a escrita do momento e na verdade sentimo-nos bem como cronistas do presente. É também uma forma de jornalismo. Estamos preparados para partir, mas já voltaremos, dentro de dias a esta casa, que poucas lâmpadas tem, nenhum candeeiro, mulher nem se fala, tem é excesso de ressentimento guardado por muita frustração e assim acontece com aqueles que querem fugir ao seu destino qualquer que ele seja.

Coração de pedra, é o que temos diante de nós, agora falando para as vozes que há longo tempo não sentimos porque estamos tomando direitinho na medicação e não temos dado grandes tropeções, talvez tenhamos um interior amplamente podre e vazia, e aquilo que está vazia precisa de se encher, caso é do coração. Satisfeitas as nossas necessidades básicas, menos a sexual, continuamos, na noite que nos oferece um sentimento quente de Pertença, mais do que de ausência ôntica, quer dizer, mais importante, não nos cansamos de o dizer, do que o Ser é o Pertencer, sendo que o Pertencer é que define o Ser. E mais não digo porque o quarto está vazio, as vozes tardam em chegar. Ficaremos calados. E Tu, Musa, que te afastaste quando fui respirara um pouco, onde te encontras agora? Certamente na cama, na campa do Teu amado. Fazes bem. Cada um tem o que merece, o Ego incluído. Assim parecia naquela noite que nada mais tinha para dizer, queria arriscar ir mais à frente, tornar este volume denso para impressionar, como quem vai literariamente além da tese, o certo é que não há dinheiro para estudar mais, pois então que se produzam palavras que, tal como saramago, possam ser frutíferas para quem nos lê. O momento. A projecção. O meio termo, o sentimento de segurança e de reconciliação consigo próprio pode ser o caminho para nos reconciliarmos com os outros, ufa!, ao fim de tempo, já não era sem tempo, tantas voltas demos que a algum lugar haveríamos de chegar. Aqui. Chegámos.

Não vamos recuperar nenhuma das nossas personagens, mas entremos um pouco como um filósofo, na mente de Antero, cujas poesias nos fascinaram, talvez mais do que as de Pessoa, nos anos passados em Leiria, no Seminário. É certo que lá nunca fomos violentos para ninguém, foi lá aliás, que contraímos as patologias de que agora enfermamos, mas havia dois ou três indivíduos que nos punham os nervos em franja, mas o que mais resiste é o que acaba por vencer, não que queiramos ser padres, querer queremos, porque achamos que ainda temos alguma intuição para o Bem, mas por coerência ao nosso percurso preferimos ser pecadores e viver do arrependimento, que causa a procura de coisas e ideias interessantes que ofertamos aos leitores e aos seus amigos, como quem transmite uma narrativa, um manuscrito onde se diz sinceramente que depois da literatura pesada de que estamos cansados, devemos agora tornar-nos mais leves e nunca mais nos chega o desespero de ir correr para filtrar e arejar as ideias, se bem que aqui está quentinho e sabia bem uma companhia, de preferência uma mulher, mas não é isso que está em causa, o que devemos fazer será andar às voltas nesta narrativa para chegar a alguma conclusão, este é nosso trabalho e poucos se poderão dar a esse luxo, ser-se escritor profissional. Tudo está em aberto...escapou...

Por elas fazemos tudo, nós os homens. Por elas nos enganamos a nós próprios, elas humilham-nos, põem a nossa cabeça no sítio, que pode ser entre suas pernas, enfim, isto é do adiantado da hora, desculpem, lembrem-se que já estamos avançando a passos largos nos domínios do inconsciente, domínios que não conhecem parentesco? É questão importante esta, a de considerarmos a família humana como nossa e termos afinal bom coração. É isso que nos aguenta na solidão e é mesmo a solidão que nos oferece as palavras, acompanhados da RFM, que não dá música pouco vendida, enfim chegamos ao *mainstream*...a Comercial também dá música da boa, a alternativa, isto é como no cinema, há o popular e o independente, parece-me. Batem-nos à porta. É a vizinha professora tentando um entendimento sem que se recorra aos tribunais. Temos caso, parece que tenho azougue para ela, sim, estão a chegar as três e ela não consegue dormir, deixá-la estar, tem de pensar no que há-de fazer à vida, às tantas foi despedida, com tantas alterações à sociedade que anda este governo fazendo, interesses mexendo em interesses. Também nós temos os nossos.

Enfim, surgiu-nos um sinal, não tão cedo esta narrativa irá bravamente ser reconhecida, mas fica pelo menos o registo, ou registro, no blogue que está quase desativado e morto, talvez daqui a pouco estejamos a dormir, ah! Não, lembra-se o leitor que estamos a dormir? Pois, Jung e Freud tinham razão, estamos já num nível de dormir que não permite concentrações, em que tudo é permitido sob a voz da razão sonhadora (boa expressão) para chegar a acordar e acordaremos quando o sol quiser, se Ele quiser. Enfim, levamos nossa bicicleta pela berma que se avariou, foi um furo e nesse instante encontramos Michel a colher (na minha terra diz-se arrancar) batatas, sim, foi no vinhal dele que semeei santa sapiência, Deus nos perdoe que semeamos, nós homens, onde calha e depois para organizar a prole é que é um “trinta e um”, no mínimo. As hormonas dão para isso, mas enfim, talvez os americanos sejam piores (ou melhores) nisto do que nós. Os ingleses e os espanhóis são decerto. As luzes da cidade vão-se apagando agora. Michel afinal deu-me boleia. Fomos a um bar antes de ver o Benfica. Ainda não dissemos que se o Benfica ganhar (até os tripeiros torcem por nós, os bravos). Lá levámos o chaço e chegámos onde havia festa e animação a valer. Nada de especial, estávamos com coração de pedra há muito tempo, ao ponto de antes de se transformar em mármore. Fosga-se....

Ainda não me fui embora. Tu ainda agora aqui chegaste. Disseste-me que tinhas algo de muito importante para me dizer. Eu procurei pensar numa narrativa certinha, sim, não és propriamente um livro em que se diz o que se quer e o que não se quer, nem uma tese, onde se diz o que os outros querem. É uma pessoa, em combate, ignorando o perigo, vivendo-o inesperadamente dentro do teu íntimo, convivendo com ele, tornando-te passivo de uma sociedade em que não participas, terás medo de existir, mas desde que começaste muito se fez e isso já é coisa a ter em conta, dizes para ti, autoconvencendo-te. Diz-me então, o que queres de mim, diz-me o que de tão importante pretendes de mim, acaso pretendes falar do medo desse medo essencial da morte que todos temos e que tu procuras explicar por palavras, quando nem sequer música e imagens explicam?...É na morte que pensas antes de me dirigires as palavras, vive a vida e não te preocupes, a morte é certa, por isso faz-te à vida.

Pois, vens dizer-me que perdeste a língua ou ficaste mudo pelo que viste e não seria isso que querias dizer só porque estavas em negação da comunicação. Essas porcarias acontecem a quem se quer fazer de esperto. Mas tens de tudo um pouco, fala então. Não tens mais palavras? Tens, tens, hás-de explicar-te aqui, até que a vaca tussa, sim, lutas como um pugilista e teus óculos amparam os óculos pois são de borracha como tuas luvas. Acaso pretendes dar algum golpe? Assaltar um banco? Estás cansado, cada vez mais no inconsciente, colectivo ou individual pouco importa, daqui a algum tempo vais acordar e tudo vai continuar na mesma tendo mudado e tu nem disso te apercebeste.

Dizes que fazes, que dizes, mas não dizes nada, acuso-te de impropérios contra a raça humana. Quem te julgas tu para dialogar contigo mesmo? Não aprendeste a falar com os outros, tomando o português por língua mãe? Que história é essa? Uma história mal contada, certamente, em vez das tuas narrativas politicamente corretas e que não vendem nada. Por enquanto, dizes tu, mas nunca sentiste verdadeiramente fome, sede, frio, dor, não sabes o que é isso, porque desde cedo quiseste ser psiquiatra e não seguiste saúde, primeiro, medicina, depois, porque te preocupavas egoisticamente mais contigo, com o teu umbigo, do que com os outros. Contudo, nada está perdido: tens uma profissão altruísta, uma actividade altruísta. Que isso não te incapacite para as funções sociais que pretendes ainda exercer. Desde que não se perca o desejo da escrita, já não é mau. Afinal, tens alguma cabeça.

Depois de perder um capítulo sobre a final do Benfica, apercebo-me de que tenho andado bastante pessimista. Em Lisboa, não sei como vão as coisas, mas enfim, tentemos dar um tom digno à nossa narrativa de modo a que o leitor possa compreender donde não há se pode tirar alguma coisa. Muitos dizem que não. Muitos têm inveja. Mas alguma coisa se fez, pelo menos não vivemos para agradar os outros e procurámos, fugindo de um lado para o outro, dos acontecimentos. É coisa que não faremos mais. Sabemos o que fizemos, que somos perseguidos por cães raivosos, que sabem mais da nossa vida do que nós próprios, que nos estudam, que nos sugam o sangue da alma, haveríamos nós também de fazer o mesmo, perseguir e pesquisar alguém a fim de poder fazer mal, como todos os outros fazem. Mas não vamos por aí, que é caminho mais do que pisado. Nesta noite, depois de um dia para esquecer, encontrámos o vazio das personagens, a sua máscara mais trágica, o seu luto por alguém que partiu e vemos o caminho que fizemos; quando esta nuvem negra se dissipar, veremos mais claramente, e poderemos avançar, com alguma boa disposição, encontrar mais factos e personagens adiante, pois não estamos perdidos para o mundo.

A estas horas, não temos sono, a noite está à nossa frente, mais escura do que o firmamento de Nietzsche e vemos claramente o nosso inimigo. Sabemos que espera a Jaime um futuro negro, nem sempre a vida pode sorrir, bem gostaríamos de ir mais além, para além do firmamento, mas por onde nos movemos, há forças que pretendem bloquear o nosso caminho, afinal estamos de volta à selva e não sabíamos isso. É ver quem fica com o osso maior. Contudo, não entramos neste jogo da selva, pois não somos animais, senão humanos, que erram e reconhecem seu erro e não podia ser de outra maneira. Jaime estará bem pior, agora é a vez dos outros serem católicos e a nossa vez de duvidar, de pôr as coisas em cheque, de nos interrogarmos diante das coisas que os outros fazem, para nossa defesa. A solidão com que sonhámos, a de Descartes no seu canto, à lareira, escrevendo pela humanidade, pelo menos pelo mundo ocidental está aqui, embora não tenhamos lareira acesa, pois não está tempo para isso. Que fazer, então, senão pensar?

À medida que envelhecemos, tornamo-nos mais cientes do perigo que nos acerca, tomamos mais consciência dos erros do passado e transmitimos aos outros palavras positivas para que tudo seja mais normal para nós e Eles, os pequenos que andam por aí, avançando no seu futuro. Tu, pergunto-te, há muito tempo que procuras o amor, será que procuras, pois teu coração tornou-se de pedra, apenas, sabes disso, pretendes impressionar, ter atenção dos outros quando te esquivas. Um único interesse te move, esse de não reconheceres as tuas limitações. Pára de agir em nome da humanidade! Como se não fosses apenas um grão de areia, nem sequer por cobardia dirás aqui teu nome, porque os nomes são de empréstimo, não constam no ADN, segundo julgas, constam num documento de identificação com que enganas os outros com teu nome. Olhas para Cristo e não olhas para o seu sofrimento, mas para o teu, e procuras em Cristo aquilo que de bom ele tem para te julgares um Cristo sedutor. Experimentaste o desespero em muitas ocasiões da tua vida e insistes em iludir os outros e a ti próprio, dizendo que tens trabalho, quando apenas querias realizar o desejo de compreender a humana. Decerto que isso não foi falta tua, pois podias ter tido uma profissão técnica, para criar uma família e até amar, se fosses capaz. No entanto, não te condenes, há muitos que resistiram como tu e sucumbira, dá-te é por muito feliz os bons momentos que tiveste e faz um balanço, afinal a tua obra não é assim tão importante, as tuas obras, dado que não conseguiste reconhecimento e insistes no mesmo registo, falando de ti e dos outros, mais de ti, talvez.

Sabes que estás perto do fim e pouco estás fazendo para o adiar. É tudo o que podes fazer agora. E isso sim, interroga-te se a tua vida valeu a pena, interroga-te em vez de escrever, sê ao menos um pouco optimista e tenta viver o tempo que te resta com dignidade, sem agressividade, pois afinal nem tudo o que se sonha se pode concretizar. Ou pode? Estás confuso, deverias procurar uma ajuda médica, pois não tens vontade de trabalhar e impões a tua prosa como se fosse palavra sacrossanta. É apenas, tentas definir, a palavra, ou as palavras de um homem com problemas de expressão, pouca socialização, que esteve na bruma o tempo bastante para se aperceber que poderá ainda viver mais uns tempos, desenvolver apetências, mais do que competências, sociais, a antropologia andou demasiado tempo na tua cabeça e não sabias o que havias de fazer naquela situação mesma em que te encontras agora, a do espanto do fim, não foi ao acaso que deste esse título a esta narrativa, que muito tem de ficção porque até estás tocado a café e álcool. Como se não bastasse, iludes a tua doença e tens um problema com portas, porque sabes que não queres ir parar à cadeia porque o teu medo primordial é o de muita gente e aí não te enganas, portanto não te ponhas a jeito, olha um pouco para ti, apesar dos bons e maus momentos, não estás acabado.

Nesta noite em que pensas o que podes fazer nesta situação que afecta a todos, interrogas-te sobre como o amor se separou de ti, se alguma vez amaste, se devias ter saído do país, se devias ter trabalhado, feito amizade, não percebes de todo este mundo, por mais teorias que possas construir. Estás como Galileu, Bruno e Copérnico, olhando o céu à procura de estrelas e agora compreendes que a virtude está em danças conforme a música e não estar embirrado a um canto, como dizes, perdendo a tua religião. Pronto, homem, não te ponhas mais abaixo, tens um nome, uma família, mesmo que duvides deles, mais daqui a pouco vais tomar um comboio errado porque achas que ainda podes conquistar uma mulher, porque andas pensando há demasiado tempo no que és sexualmente e seja como for, tens alguma coragem em viver e caminhar sozinho, pois sabes (não sabes, não, nem imaginas) que teus passos um dia serão repisados.

Então, voltas às mesmas coisas, esperas o amor e contorces-te na cama, fumas, bebes, dizes disparates, palavras de circunstância. Enfim, pouco te preocupas pelos que já foram, o Ramiro e a Dona Palmira, será que mereces que seus nomes figurem nesta tua narrativa. É claro que sim, ninguém te quer mal, essa é a tua ilusão. É a vida, vive-a ao fim de tantos anos de tropeções, enganos e virtualidades. Reconhece que estás velho e que a tecnologia é para os mais novos, esqueceste por um pouco a filosofia, nem sequer querias fazer nenhum doutoramento, não passas de uma pessoa vulgar, no sentido etimológico do termo, uma pessoa comum, a palavra ter origem em *communitas*, estás, pois, em trânsito, não é só na América que as coisas mudam (ou nos filmes), de um momento para o outro, é na tua cabeça. Racionalizadora, calculista. Sentes como o mundo está calado? Como precisas de um toque para poderes falar de ti próprio e não consegues esquecer a tua infância feliz, os tempos de seminário felizes, enfim, agora queres tornar-te padre e não podes, ora toma lá que já almoçaste. Também querias, já agora, uma mulher, mas tens um problema na cabeça e ainda assim insistes em escrever, escrever. Para quê? Não lutarás contra o vazio, contra aquilo que não existe, o vácuo, como lhe chamaste há pouco? És ao mesmo tempo, humilde, escravo e orgulhoso, com certeza que passas por *gay* em qualquer lugar...tás tramado, agora apanharam-te e podes levar um encosto e ficar na berma da estrada, sabes que as coisas podem descambar para a violência, por isso vê lá o que fazer, querias escrever, pois o estás fazendo e desfazendo o novelo que te traz enganado todo o tempo em todo este mundo que construístes na tua cabeça. Mas não dês nada por perdido, continua, sê positivo, dias são dias, não são anos. Algum povo está contigo, mesmo aquele donde escreves e talvez não suspeites que te querem mais do que tu pensas. Gostas de meter pena, como diz tua mãe, gostas de chantagear. Que raio de homem és tu? Não te percebo, vou deixar-te entregue ao livre arbítrio do quotidiano que te vai embrulhar e exportar. Nem sequer sabes onde te sentes bem, bem sabes que está ficando escuro, é a noite da tua alma, falaste demasiado por outro, tu que dizem alguns falas pouco, desta vez falaste demais.

Agora, que não tens trabalho, que sonhaste em dialogar com os outros mas eras uma espécie de autista provocador, não sabes que fazer, apenas um livro agora te prende a atenção, nem digas o seu título, não, lá tens os missais e as bíblias à cabeceira para que julguem que andaste todo o tempo a trabalhar para Cristo quando foste um supremo egoísta e enfim, estás a dar cabo de ti próprio, não és nenhuma especialidade em convivialidade humana. Julgas-te perseguido porque tens consciência, do que fizeste mas sobretudo do que não fizeste, qualquer chavalito dava cabo de ti, sim, és agora o maior crítico de ti próprio. Depois, para além disso, sabes o quanto deves à tua irmã, talvez um dia reconheças tudo o que ela fez por ti, e ainda pensas que ela quer ficar com a casa onde vives só por causa de um documento que ela não te mostrou, não percebes que te estão a testar e tu pensas que te estão a tentar, maligno podia ser o teu nome, por isso talvez uses um nome falso. Quantas vezes tens a palavra amor nas tuas narrativas? Quantos retratos de mulher? Tens muita psicanálise para fazer, pois agora foges a sete pés do rótulo que assumiste e queres uma mulher, que raio de homem és tu e que raio de homem era Hemingway, já agora? Fazia o que tu fazes, bebia álcool para enganar as mulheres e tu estás fazendo isso, mais e mais vezes, queres que a inspiração seja inesgotável, pois como os recursos naturais não o são também a tua inspiração não o é, percebes?

Levas as coisas muito a sério, esse é outro defeito que tens, enfim, ninguém foi ou é perfeito e nisso está a perfeição, à medida que ganhas tempo tornas-te mais sábio e consciência e talvez seja essa a treta que podes impingir a uma mulher madura. Agora que estás no mundo, na *mundaneidade*, serve-te à vontade dos seus artifícios e intrigas, faz um novela diferente, é mano a mano, de peito aberto, andando de derrota em derrota até à vitória final. Um homem sozinho não pode ver tudo e precisas de passar pelo filtro da sociedade para seres considerado elegível para qualquer coisa. Andaste demasiado tempo perto do teu pai, tentando controlar sua ira. Por a sua ira era contra ti, não que falhasses sempre, mas porque tinhas esses assuntos de que falarás mais adiante pendentos. Sim, pendentos. Tentas por todos os meus dizer que vale a pena viver quando a tua prática e a tua consciência estão deturpadas, assim como tuas obras, admite isso, que talvez possas ter a sorte de serem compradas e lidas. O mundo, que estudar e ousas estudar ainda, dizes que o mundo é aqui e decerto que não te enganas muito, esse mundo tem dois pesos e duas medidas, um lado bom e um lado mau e aí de quem não saiba conviver com isso.

Agora que nesta noite longa como o espírito dos outros que descansam de seus trabalhos, já disseste mal de ti que chegue, chega-te aqui perto de mim e consola-me. Aquece-me. Quero estar contigo muito tempo. Quero conhecer-te, e ao teu corpo, já agora, não te faças de esquisito, para ti qualquer coisa servia agora e o que tens é um gato na cama. É o que tens, não há pão para malucos. Vais para Lisboa continuar esta narrativa, andarás de lá para de cá para lá eternamente, já que querias ser como Kant e ainda nem sequer o leste todo. Mas é assim, fizeste um pouco de História, de Filosofia e de Geografia. Nem me fales da antropologia de cueca que fizeste, tóino. Estas a dormir a cordado, mais morto que os mortos decerto e ainda por cima lêes Savater, tens mau íntimo porque procuras agradar a todas e a todos esse é o teu problema, queres fama, pois a fama sonha-se e custa a todos alcançar, dia após dia, pronto não penses mais negativamente. Sabes, bem no teu íntimo, que tens quem se preocupa, quem gosta de ti. E que alguma coisa foi feita. O pior já passou. Muito mais há para fazer, não desistas, até nem és um tipo violento, gostas de crianças, tens algumas qualidades. Alguns defeitos, como toda a gente. E sentes-te sozinho. Foi o que semeaste. Agora estás à mercê, a colher...

A aldeia e a cidade estão silenciosas. E muita gente se prepara já para trabalhar. Os padeiros trabalham de noite, entre outros...vais ao multibanco encomendar mais uns livritos, pagar à TMN, ficarás com algum dinheiro para passares o fim-de-semana em Lisboa. Como diz a canção, foste longe demais. Não o farás jamais. Vá, acontece com todos, andamos todos para o mesmo, a felicidade, como diria o sábio. Vai lá apanhar ar, que tens os pulmões cheios de alcatrão.

Agora percebes? Foste para o seminário por uma adolescência frustrada. Nisso o indiano tem razão, sabes que estás a escrever em cima do joelho, foste para sofrer e fazer sofrer e ainda assim a desejas, Lurdes ou Gabriela, são as duas mulheres que não te saem da cabeça, mas o tempo já passou, foste alguma vez feliz? O Esteves Cardoso preferia ser feliz a ser sábio. Porque raio não acreditas no homem? Porque persistes em ser sábio e ainda és bonito e que a Sabedoria dá umas dores de cabeça de morrer? Já tens sabedoria que chegue, homem, anda para a frente, soluciona o rolo que tens na cabeça. Tudo é uma questão global, por isso agora não tens dinheiro para ir para Lisboa, sorrateiramente, como quem não quer a coisa e quer deixar os outros, nomeadamente a tua mãe, em suspenso, para terem pena, para se preocuparem contigo. Já sei! Tens medo de adormecer porque tens medo de não acordar. Poi confia em mim: há muito tempo que andas a dormir. Desde Platão!

Agora tens os pés molhados. Estás descalço. Já andaste de sandálias à chuva. Sabes o que é ser mendigo? Sem abrigo? Nem queiras saber!...Não tens argumentos para mim, porque quem te fala é a humanidade a partir de todos os sentidos, esses mesmos sentidos em que tu disparas o teu ódio, em todas as direcções. Tens problemas? Também nós. Temos pena. Custa? A todos custa e tu não és nenhum Cristo. Vives num casulo, na biblioteca do Leitão, na barraca, num autocarro em circulação pela aldeia dos leprosos e dos mortos. Vives, ainda assim, negando a vida. Ainda assim. Sabes o que é perder alguéme que se ama? Amavas tua avó? Todos te detestam. Mas não penses nisso. Todos te toleram e detestam. Porque quase nunca trabalhavas, dizias ser de além. Estavas, na realidade, além. E essa atitude em nada te serviu. Não me digas que isto é um testamento filosófico. Já fizeste um, e está online. Queres que te diga o nome do site? Está escondido, nas redes, que somos nós, seres humanos, tolo!

Agora, vamos lá ver uma coisa: achas-te culpado pela crise, dizes. Achas-te assim tão importante para influenciar o destino de dez milhões de pessoas? Não passas de um pretensioso, não sabes a quem te diriges, na verdade escreveste poucos diálogos nas tuas narrativas, és um especulador mas não ganhas nada com tuas apostas. Comprazes-te com o pensamento, com o mal dos outros e é quase dia e não vais fugir para lado algum nem sequer vais mais nunca mais conduzir, pois já fizeste porcaria que chegue, puseste a tua família em cheque e agora precisas de café e álcool para escrever e ainda por cima coisas sem qualidade. Não sabes esperar, é esse outro defeito teu. Não és inteligente, como diz a tua mãe. Ela tem razão, lembra-te, ela tem razão. Talvez possas ir mais daqui a pouco, quando forem 9 e meia, depois de levantar algum do dinheiro que não te pertence, não te iludas, estás a ser demasiado duro contigo mesmo porque te ver de cú apertado, essa é que é essa. Ao menos vais nas 37 páginas. Dá-te por satisfeito com o que tens.

Queres fugir, sabes que andam atrás de ti como leões e sabes que isso dura bastante tempo. Será tua sina? Talvez sim, talvez não, tudo depende de ti, do modo como te comportares, da dignidade que conseguires manter. Mesmo assim, alguma coisa foi feita. Não morreste, portanto, apesar de o Benfica ter perdido, alguma coisa foi feita. Isso consola-te? Lê um pouco, toma juízo, porque não vais comandar nenhuma nau. Todos te toleram. Ainda assim, sabes que há bons e maus, mas nem todo o tempo as pessoas são boas e más. Estás farto, confessa.

Num universo de palavras, sons, desejos, movia-se o nosso personagem, inquietado por não conseguir dormir até compreender o que os outros andariam a fazer para ele, por ele. Nada? Cada um por si? Não pertencia a nenhuma comunidade, encontrava-se só. Não, não tenham pena dele, eis que queria apenas compreender o que o espírito lhe oferecia, o que o dia nascente lhe ofereceria. Afinal, o padeiro passara e não comprara pão, o nosso personagem. Mais um café, mais uma cerveja, tudo estava em controlar a normalidade que estava ali bem perto de si, rodeando-o como uma fêmea de desejo. Entendemos as coisas de uma forma particular e neste sentido, revelamos a nossa personalidade nas palavras que adiantamos. Nunca tivemos jeito para falar dos outros. Contudo, falámos. Tivemos jeito para falar de nós mesmos, enquanto comunidade, enquanto espírito inquisitivo das coisas mentais e sentimentais, do porvir. O canário amarelo ensaiava os primeiros tons. Aproveitava o fim de comida que tinha ficado do dia anterior. Sim, falaríamos um pouco da anterioridade face à lei. Porque apesar de sermos críticos connosco, não temos nada a ver com a lei, pois este novo é de outra ordem, diríamos, existencial. Depois, as coisas políticas, a selva onde habitamos, que nos traz surpresas e mudanças de toda a ordem e deixámos a tendência *saramaguiana* e *antuniana*, entramos por direito próprio nos domínios por nós criados uns, respeitosamente no domínio de outros, para fazer sentido e sentido que dizer direcção e ordem. Escrevemos sem leitores. Porque não tivemos incentivo de amigos, como outros têm. Porque não conjurámos nenhuma vingança literário, apenas queremos descortinar o que fazemos ao mundo e o que o mundo a nós faz. Explicar-me-ei mais adiante.

Enfim, penso no leitor, se é que este escrito lhe chegou às mãos. Temos aqui uma personagem com uma complexa personalidade e teremos de lhe dar um nome. Enfim, o que nos parece é que este governo está fazendo uma lavagem cerebral ao povo, para além de lhe esvaziar as carteiras, não é por mim, mas pelas pessoas que trabalharam uma vida inteira e os ministros não sabem bater o pé fora do país (só cá dentro), enquanto o povo que trabalha nos campos e nas fábricas se desunha para conseguir comer. Eu, cá por mim, bem vou passando, enfim, seria Hilário o nome de nosso personagem, isto se é literatura em cima do joelho, pois que seja até ao fim, abandonámos o plano que tínhamos traçado inicialmente, nem faremos ficção nem filosofia, pois também não gostamos de novelas. Muito menos de controlo social e violência. Cá por nós, as pessoas que julgámos não as levámos para a prisão, pois esse é trabalho da autoridade. Mas como não facturámos, não pagamos, por isso há que modificar a lei nesse sentido, quanto mais lhes dás confiança mais eles pedem desesperadamente e o dinheiro há-de parar ao bolso de alguém das finanças e alguém que está maldosamente comprometido com elas, as finanças. Mais adiante diremos da justiça de Hilário, o primeiro personagem que se afigura no nosso horizonte, melhor, firmamento.

Ainda nesta floresta de enganos e desenganos, Hilário acabou de descobrir que troçam dele nas costas, ele sabe que está em terra ignota, mas sobrevive como um bravo de pensamento positivo, nada de patológico há nisto, disse o psiquiatra, você tem é de pensar por si e deixar de se emprenhar pelos ouvidos, você não vai morrer já, vai durar muitos e bons anos, concentre-se nisso homem e nisso não vejo nenhuma teoria bacoca. Vejo boa vontade e vontade de sobreviver, você fez mal a alguém, não fez, pois não, então qual é essa ideia de pensar tanto negativo, olhe para isso já temos pilhas que cheguem, enfim o dia nasce e o sol começa levantando-se devagar, como diz a canção. Tarde demais para desculpas, amigo, se você fez mal peça desculpa, despache-se, arranje forma de o fazer e Hilário ficou embaraçado. Suava. Lá fora chovia miudinho. O relógio tinha passado bastante depois das seis. Fumava o último cigarro. A chuva começava a engrossar.

No momento em que escrevo discute-se na Assembleia da Republica a adopção de crianças por casais do mesmo sexo. Não tenho formação nessa área, sou platonicamente gay, já desejei homens no sentido de ser como eles, por inveja das mulheres que com eles estavam, não porque quisesse ser possuído por eles. Chegou-me a lição de Braga, aos 19 anos, não me cabe a mim influenciar os outros, não imponho aos outros aquilo que é a minha orientação e este é a seguinte: é tarde para ser gay, tomara eu ter uma mulher e não dormir sozinho, um carro, um emprego decente. O que mais tenho medo é de perder o contacto com uma mulher, é disso que tenho saudades. Prefiro ficar com a minha filosofia e não me meter em confusões, pois não lucro nada com isso. Quem estudou o assunto, que dê a sua opinião. Não tenho elementos suficientes para ter opinião sobre tal assunto. Mas é engraçado o que este senhor Sócrates anda a fazer, ao longe, agora que se prepara para ser comissário...afinal a questão é de poder, o que tem a ver com sexualidade e religião. Isso os antropólogos sabem e tomam drogas para aumentarem a sua inteligência bacoca. Há que dar tempo ao tempo.

Horácio, o nosso segundo personagem gostava de curtir a vida, não desfazer o seu sexo demasiado, era demasiado controlado, não controlador, controlado. Tinha uma dose de intimismo com uma perspectiva prática bastante aguda. Helena estava junto a Caeiro e era desejada por Horácio, Horácio desejava-a ao longe mas por percalços do desejo deixara de a ver e foi mal-educado para com ela, pelo que mais uma vez uma mulher se escapara, ao lado de tantas que ao lado da sua vida tinham passado...tantas e o homem olhava para baixo, resignado, exultado pela sua beleza, desconfiando da sua masculinidade, confundido, querendo ser gay ou bi só porque estava na moda, sabendo bem que a sexualidade é uma questão social, de escolha e não genética. Ele nascera homem, era 100%viril, apenas não gostava que se tirassem a mulher, era muito possessivo, amava demasiado as mulheres. E um homem que ama tantas mulheres, não pode amar só uma, ou pode? Ajude-me, leitor, que estou ficando confundido. Os dias estão assim, ora chuva ora sol, isto anda tudo destemperado, instalou-se a anarquia dos sentimentos em Portugal e a pequenita chora e eu choro também. Puxa, isto da vida dá cada volta e o mais importante é ter fé, acreditar, pelo menos em si mesmo, na sua família, nas suas capacidades. E nós, que demos tanto a vencer aos outros, ao Outro, não daremos. Ponto. Tenho dito.

Os dias prosseguem, os políticos tentando enganar o povo e as autoridades apertando com os que menos têm e mais fazem. Mas o povo português está começando a acordar. Por entre os campos, no meio do trigo e do milho, sopra um vento de mudança, mudança para levar Portugal a sair da crise, porque ela não foi totalmente provocada por portugueses, há muita gente que quer mal aos portugueses e desrespeita o seu sentido de tolerância. O erro está, portanto, talvez mais lá fora, do que cá dentro, porque cá dentro todos nos entendemos. As pessoas andam assutadas e com medo do que a *troika* e a Comissão Europeia possa fazer. Não há volta a dar, a casa está uma desordem, precisa-se de um líder que saiba cativar o povo. Cativar, não no sentido de escravizar, mas no sentido de seduzir, levá-lo a fazer coisas bonitas, boas, positivas. A Igreja já deu um exemplo, agora a sociedade civil tem de seguir esse exemplo. Ninguém bate o pé, ninguém dá um murro na mesa, isto é uma peste, o que nos aconteceu, o cenário é pior do que o que se passa na Grécia, é um cenário triste, de pessoas que se matam umas às outras por causa de dinheiro, pela simples sobrevivência. Não é ao acaso que estou lendo Darwin. Tenho várias obras sobre o assunto e enquanto antropólogo, talvez devesse estudar melhor o assunto. Doem-me as têmperas, uma veia pode rebentar, é do estudo e da escrita. Para quê tanto esforço? Terá sido em vão? Sim ou não, alguma coisa foi feita. E não foi pouco.

Enfim, depois de termos escrito talvez muita coisa em Riachos, continuamos, porque talvez em certas circunstâncias, escreveríamos em qualquer hora e em qualquer lugar desde que tivéssemos, e hão-de com certeza aparecer, os nossos leitores. Não escrevemos para a gaveta. Podemos dizer que fomos assinalados há algum tempo e estamos sendo perseguidos porque temos o poder de mudar, como qualquer mortal português e quando mudarmos o país mudará. E será concerteza para melhor. O ministro está aqui perto e não nos diz nada, desde cedo há pessoas que foram preparadas para coisas distintas daquelas que nos ocupamos. Mas também não nos calaremos quanto a questões humanas que atentem contra a dignidade dos mais fracos, dos que trabalham, não tanto dos intelectuais institucionalizados, mas ninguém sabe o que vai aqui, neste país, o que temos de aguentar, de mudar quando outros, a maioria vai para fora dizer mal do país e só depois é que sente saudades e volta e fica tudo bem. E facilmente têm carros de alta cilindrada, Ferraris e outros quejandos, oferecidos pelos papás, enfim, nem vou perder tempo com isto, porque em Portugal há meia dúzia de chico-espertos que de espertos nada têm, nem de sortudo, têm sim benesses e não tiveram de construir nada de raiz, como por exemplo, mudar a matriz relativamente iletrada da família e torná-la algo de mais académico, melhor, interessante. Alguma coisa se fez. Muita coisa se fez. Por isso não sentimos remorsos de nossos pretensos erros aos olhos dos outros, porque nada devemos aos outros, por mais que nos queiram fazer crer que sim. Devia vir de novo o Zé do Telhado...

O que é pena é que neste país uma pessoa tenha de roubar livros para estudar. Que tempo se espera para publicar! Os interesses instalados funcionam mais ou menos assim: se se dá o rabito, tem-se a obra publicada. É o que acontece com a maioria dos autores portugueses, não vou citar nomes para não ferir susceptibilidades, que escrevem para o grande público ou aqueles que escrevem teses (mestrado, doutoramento). Pois eu já tive orientador e era espiritual e foi mais do que um. Por que razão haveria de ter outro? Que sabe menos do que eu da vida? Que sabe menos do que eu academicamente? Por isso creio ser um académico sem cátedra. Não, não vou arrependê-me destas palavras, pois acordei e elas representam uma realidade também sociológica do que se passa nas universidades portuguesas. Eu sei bem demais do que falo. Aposta-se na bonomia e na continuação da adoração a grandes autores clássicos, vivemos numa espécie de classicismo, academicamente e literariamente estamos ainda no século XVIII francês e inglês, para uns, alemão, para outros. É pena, porque o tradicional dos meninos e meninas é ir lá para fora sofrer e depois fazer um figurão e papar gajas por cá enquanto instalam seus traseiros em cátedras que nem sequer construíram. Mas não desenvolvo este assunto, que é uma seca. Não sou o único que pensa assim. Ou serei? Talvez, mas não tenho medo de dizer a verdade. Nem terei, se tiver forças para continuar...pelo menos cheguei até aqui pelos meus pés, com a ajuda apenas da família e de alguns amigos. Onde cheguei? À razão, à paz de espírito, àquilo que Teodora alcançou depois de ultrapassar a Náusea e o vômito, o mictório, a porcaria na casa de banho, enfim, todas as coisas imperfeitas que fazem sentido na nossa cabeça, porque acordámos e estamos atravessando um trânsito astrológico de sorte, estamos iludidos decerto, mas mais decerto ainda chegaremos a um certo lugar. Ou a lugar nenhum, como diria Heidegger. Já lhes falei de Teodora? Daqui a pouco...este país é pequeno demais para Teodora. Dentro de um tempo vos falarei desta senhora.

Como vos hei-de falar de Teodora? Era magra, fisicamente. Tinha seios grandes e redondos, lábios carnudos, cabelo negro comprido, nariz espetado, cintura *au point*, orelhinhas pequenas. Fisicamente, estava *au point*, no ponto, como se diz cá no burgo. Eu ainda me lembrava das americanas, mas Teodora era superior. Mas o que mais me atraía nela era o facto de ser esquiva intelectualmente. Sabia as coisas, mas negava-as de imediato, como se quisesse guardar para si uma verdade eterna, sobrenatural, como um diamante que era de facto o seu coração, mais do que de ouro, era um diamante já lapidado que eu queria lapidar ainda mais. Ela fugia dos meus braços durante a noite. Gostava de estar deitada de barriga para cima, em ponto morto, eu também em ponto morto. Só que essa mera situação dava mais tesão do que qualquer diálogo filosófico ou puramente literário. Estar, ali, *au point*, a cumprir a função de dormir com seu marido. Não havia coisa melhor. Sempre esperei por esse dia, depois de todas as minhas frustrações e procuras desesperadas, vorazmente, onde nada havia e eu tinha-me deparado com ela já entredote e ela dizia-me que queria, a certo ponto um pedaço de mim, puxa, então aí o meu pirilau levantava a cueca e a calça de pijama, não podia senão cumprir a função. Sim, madame, sou o seu mordomo ao seu serviço. Faça de mim seu dono. É assim a vida, por vezes prega-nos destas partidas que nunca esquecemos. Eu morri feliz quando isso aconteceu.

Humm...ainda pensava em Teodora. Andei atordado, coisa melhor que qualquer droga, uns dias valentes. O certo é que tinha sido uma surpresa, o que aumentara a erecção. Humm...Vou ficar a pensar nisso toda a noite e vou sonhar com corpos misturados toda a santa noite. Valha-me São Michel Serres!...

Mas mudemos de assunto, por parece que já nos explicámos de certa maneira. Bem, no outro dia estava passeando e uma flor chamou-me a atenção, depois de ter pisado uma bosta de boi, que contraste uma flor tão bela...bem se fosse na Índia não teria havido problema. Mas cá...puxa, via tanta merda e não tinha sorte nenhuma no Euromilhões. Tentava, tentava, jogava todas as semanas quatro euros com a mesma chave há seis anos e nada. Nada de nada. Mas nesse dia a flor (que não era um trevo, ainda por cima, nem sequer de quatro folhas; isso é mitológico, não é?) fez-me, para meu espanto e do meu espírito atrofiado, pensar em números. E não é que ganhei o ordenado de um mês? Sim, nada mais, nada menos do que 750 euros. Podia pagar umas certas dívidas que me fodiam o juízo, como certos gajos que se atravessavam no meu caminho ou gajas chatas e tolas, que não sabem ir directo ao assunto. Enfim, empreguei muito bem aquele dinheiro e não o gastei em meninas, como fazia o meu considerado Daniel...pelo menos daquela vez, tirando os 16 a zero com que tínhamos ganho no campo dele com a sua equipa, valeu bem a pena a jornada. Ficámos em primeiro nesse ano. Quantos anos já lá vão? Nesse ano, Riachos foi campeão e os meus colegas de equipa, ainda os vejo, são meus amigos. Isto não se pode estar sempre no top, a alavanca tem de descer nem que seja para ganhar folga e dar um tempo de suspiro à amada Teodora...

Ignorar é a melhor forma de dar valor a alguém. O valor que não têm, tal como todos os orientadores de tese que conheci e mesmo Luísa Gomes, que ganhou o Grande Prémio do Conto para continuar a inspirar-se em mim, enfim, dizem que os escritores são vampiros e querem imortalizar-se pela escrita, como diria Roland Barthes. Aqui a questão não é de bibliografia nem de tema, que já se acabou e hora a hora, surge de novo, com cada vez mais força, mas penso naqueles que não me ensinaram nada quando vou à casa de banho. Tem destas contingências a escrita, arte pobre, mal reconhecida, quando a filosofia é vista como carreira num país que se diz de poetas. De loucos tem muito, de poetas, pouco. Sim, há algum azedume, mas nenhuma inveja dos prémios que vão atribuindo a esses que conspiram em capelas como se se achassem dotados de um poder sobrenatural, e ainda por cima sabem latim e grego, talvez saibam até hebraico e sejam judeus em segunda mão pois quem gosta de história, de história gosta. E os mortos cheiram mais mal do que os vivos, coitados, que estes andam procurando, procurando, como o burro com a cenoura à frente e as palas, tais quais os senhores da APE que gerem direitos de autor de músicos que levam ao bolso. Mas prometemos falar mais de Teodora, sim, temos uma fixação com essa mulher, tal como Dante tinha com Beatriz (Ó Camarneiro! O que é que andas a fazer com 100 mil euros?), enfim, não há reconhecimento nem horizontes abertos para reconhecer a literatura tal qual ela é, mas mesmo assim persistimos, negando a psicanálise pois o seu símbolo é uma pessoa em posição fetal com a tripa cagueira ligada à boca. Imagine-se...a merda que fazem nesses consultórios...

Ocorrem-nos tantos nomes que nos distraímos da nossa atarefada vida quotidiana, pois estar aqui é um descanso sem fim até que se ponha um ponto final nesta narrativa. Pois o leitor é que manda, a partir de agora, que dissemos em bom português alguns impropérios, estamos prontos para a selva e ainda assim, por isso mesmo, a coisa torna-se supremamente interessante...hummm....vinde cá cheirar isto, são rosas, senhor, pétalas, glicínias e outras tantas maravilhas da natureza naturalmente perfumadas para que o ser humano feminino não fuja e se possa deitar, pôr um anelzinho no dedo, e outros possam dormir uns com os outros, metade da turma dormirá com outra metade, disse o marujo, só que se esquecia que em 35 pessoas havia apenas 5 homens, teve que analisar a merda que fez. Coitado. Foi lá para terra de gente boa, os Açores e daí terá rumado às Américas, o campeão especial de corrida. Vou pensar nisso. Prometo.

O hábito de pensar tornou-nos dependentes dos outros. Sempre foi assim, pelo menos desde que surgiu a linguagem, como demonstra Herder. No entanto, pessoas há que respiram literatura e isso não é lá muito saudável, porque forçam tanto que quando se peidam dá merda na certa. Não faltam pretendentes à dama literatura, mas poucos são os consagrados, o romance português actual é na realidade demasiado poético, basta ver os títulos. Deve ser pelo tipo de letra, pela estética e todos esses recantos, permitam-me a observação, estão pejados de gérmes que adoentam a pessoa que os escreve. É como se fosse um Mal de Montano, como diria Vila-Matas, mas ao contrário, pois é da perversidade que se gera o êxito, das idas a urgências psiquiátricas que se gera o (sub)desenvolvimento, dos cócos fora da sanita que se gera a fama. Qualquer dia...teremos um prémio subir pela sanita acima...cuidado então que tenham esses homens perigosos que andam aí no gozo, como se isto fosse uma “palhaçada” (palavras de Filipe Scolari). Oragnizem-se! Ganhem uma campeonato da europa, não se gabem tanto...mas enfim, a minha voz pretende ser como a escrita de Girard, uma voz desconhecida do real, sim, pretendo assumir a realidade que me ultrapassa e não dou um passo além do que posso dar, por isso, já que chegámos aos cinquenta pontos, venha daí o breve descanso que não há paciência para esta gente.

Sim, sim, há bocado estava um pouco zangado. Por vezes não nos sai a melhor prosa, por vezes sai bem demais. E estes escritos são tão importantes que se devem guardar e vender a pouco e pouco, não estamos aqui a falar de pão de ló, mas de massa bruta, do diamante de, tenho um problema com os nome, seria Heródota? Genoveva? Elas são tantas...ah! Teodora, que nome tão grego, tão arrancado do chão, ô xente, lá vem a raiz de novo... Aí é que temos problema, aí é que a coisa impeça. O que não nos traz de novo alguma alegria, mas porém, todavia contudo, a língua portuguesa está ficando seca, mesmo que chova neste momento lá fora a cântaros e faça frio de rachar em pleno fim de Primavera. Junho está a chegar, já se deram as aparições, o povo que acredita pode continuar a acreditar e Cavaco Silva se não demitir este governo já, ficará na história como um Presidente da república conivente com aqueles masoquistas que fazem sofrer os portugueses genuínos, que cá dentro ou lá fora pintam a identidade deste povo, ou melhor dito, desta nação. O que dizemos não acontecerá. Pelo menos, já que não há saída, procure-se alguma coisa na filosofia como diz Filomena Molder.

Continuando, Teodora apercebeu-se tarde que dar aulas não era sua vocação. Ela realmente queria ir para Paris na mira de encontrar um francês delicado, de se promover, de subir socialmente. Era essa a sua intenção. Mas Marçal, seu amigo de longa data, não concordava. Davam os dois a sua queca de quinze em quinze dias (porque Teodora era frígida) para se procurarem sentir normais, parte do mundo. Só que o problema de Marçal é que a mulher era frígida demais, como aqueles motores que nunca mais aquecem quanto mais pegar. De modo que teve de vir um advogado à baila. Enfim, mais um chavalito advogado, ciente do sentir direito, lá foi e não é que reparou também que a mulher era frígida. Fosgase, deixa-me cá deixar esta gaija em paz porque ela tem pobrema. Era só esse o problema de Teodora? Sim, talvez fosse. Ela também não falava muito, andava muito tensa, coitada, estava-se a armar para preparar um advogado só para lixar o pobre do Marçal e decretar em que teta devia tocar primeiro para a aquecer...puxa...!, que é cabo de telecomunicação....talvez dê faísca.

Mas vamos falar de assuntos bem mais interessantes. Naquele dia apercebi-me o nosso personagem apaixonara-se por uma pequena de nome Sara Sampaio. Sempre gostara dos anúncios da Calzedonia, especialmente aquela música. Pois, depois da quele dia, estava apaixonado. Não importava que fosse fulminado por raios e coriscos, por energia eléctrica que fizesse pairar seu corpo no infinito (humm...), o que mais importava é que se apaixonara e ninguém lhe poderia tirar essa doença. Estava adoentado, de facto. Como comunicar com a jovem sem ser através da internet, ele que a usara ao desbarato durante anos. Era uma questão filosófica e pêras!...

Não voltámos atrás neste rolo, adiantemos o que tem de ser feito, independentemente do que acontecer, seja uma imagem, de que tentamos nos libertar através de palavras, ou fixar por palavras, quero dizer. Esses dois seres apaixonados teriam de manter o seu amor em segredo, tal como Romeu e Julieta, dado que era coisa tão importante que logo que se soubesse modificaria o mundo para além desse sentimento e o modificaria no bom sentido, porque toda a gente esperava aquele amor. Qual caixa de pandora qual quê Qual maldição de Bella Gutman qual quê. A vida era futebol, o amor era futebol e rola para a frente, escreve em nome de ti e dos outros, faz o que tens a fazer e se o fizeres bem toda a gente te respeitará. Até o próprio Deus te trará abundância e felicidade, essa paradisíaca cena sonhada pelas Testemunhas de Jeová. Mas tem cuidado, pois aquilo de que és portador, bem agora já me estou começando a apaixonar pela Rihana, tamos tramados, isto ora dá para um lado ora dá para o outro, trata-se aqui talvez de um romance interior, demasiado interiorizado tendo em conta os nossos tempos. Tem cuidado, não sejas fanático, vai com calma, espera sabendo esperar e teus sonhos, os melhores, se tornarão realidade. O narrador atónito queria deixar brilhar as personagens, que elas se esvaíssem no terreno futuro da narrativa e talvez conseguisse alguma coisa, não se sabia muito bem como isto iria concluir, como ia ser este novelo conduzido, apesar de tudo sem diálogo e foi naquele dia que compreendemos, por uma entrevista de Rodrigues dos Santos a Umberto Eco, naquele longínquo ano de 2011, que estamos perante um novelo que não tinha nós nem muito menos cortes e que teoria potência para se desenrolar até das gargantas do felino homem que lutava com o vento, pela potência dos elementos que no seu corpo se reuniam, enfim, como se diz agora, era espectacular.

Se tínhamos quem não gostasse de professores, tínhamos também quem deles gostasse, não era tarefa fácil, nem cabe aqui ao narrador ser repórter do quotidiano, mas somo-lo fatalmente, ou acabamos por o ser, dadas as circunstâncias dramáticas em que vive o nosso povo. Outra coisa que nos cabe nomear, após esses amor louco, talvez não respondido, entre o nosso personagem principal e a modelo, desses amores vivemos também nós e são aqueles que não se pode realizar, que nos dão mais vida, teríamos de bom grado ter como amor o do quotidiano que esse nos daria e assim comprovam nossos personagens, mais vida e vida que viesse e se abrisse diante de nós, como se a humanidade estivesse caminhando, como diria Michel Serres, para encontrar terras mais promissoras, partindo de África e chegando a costas italo-hispânicas, uns a nada outros em barcarolas, outros por terra, depois de ter deixado a terra dos germanos, outro indo mais longe para terras de bretões e outros para mais a norte, terras nórdicas e terras do fim e terras do gelo....um pouco da história da Europa, como nos ajudam as novas notas, vê-se nisto mesmo.

Sigamos então o percurso de Teodora, que agora se chama Sara Sampaio, porque entretanto variegadas coisas aconteceram. Na realidade, passaram-se sete anos e a tímida e gozada Teodora converteu na doce e desejada Sara Sampaio. Ora veja-se lá que transformação! Amanhã teríamos então, um vencedor no campeonato, no dizer de Victor Pereira, do campeonato mais competitivo dos últimos anos, pelo que podemos dizer que há dois anos ele também o foi, com o Braga a entrar na disputa do primeiro lugar. Falaremos então de que coisa já que há tanto para falar e que ainda não estamos totalmente convencidos das voltas que a realidade, sim, a realidade, mas também a ficção, o romance, dá, essas voltas com que por vezes somos agradavelmente surpreendidos ou noutras, malamente surpreendidos, pois que em ambas as situações se tira, nós mesmos ou muitos outros, sentido filosófico. Onde andaria Sara? Não era a Viterbo dado saber, dado que a amava de tal maneira e forma Sara que preferia deixá-la viver outro amor, como em *Ondas de Paixão*, fez Emily Watson, que a felicidade de Viterbo era saber que ela estava feliz, fosse quem fosse. Sim, era preciso afastar aqueles corpos por um pouco, pois sua paixão era mecânica, eletrizante, faiscante demais para ser vivida na Terra. Onde poderíamos então encontrar um lugar onde se sentissem bem aqueles dois apaixonados? Viterbo sabia que estava ficando impotente e não lutava contra isso, estava desesperançado num labirinto, por vezes a imagem de Sara desaparecia-lhe, quando tinha mais fome, mas logo comia uma maçã e voltava a sonhar. Em que utopia se concretizaria carnalmente esse amor? Desafio que nunca, nunca, ninguém enfrentou. Pior que a morte, só a vida, o manter-se vivo e consciente, para além dos maus sentimentos dos outros, da magnânima indiferença, das estratégias, dos interstícios por se passeava o elã vital. Só podia ser qualquer coisa de espiritual. Espírita, pagão, uma mescla de tradição e modernidade, eis como caracterizariamos esse amor da parte de Viterbo, evidentemente ainda não correspondido pois Sara não o queria ver nem morto. A morte! Talvez com a morte Viterbo pudesse seduzir Sara. Mas com a morte de quem? Dele próprio? Não. De um insecto? Não? De uma flor? Não. Sim, porque se o amor deles era vida, pelo menos a partir de Viterbo, a morte poderei regenerar Sara, insuflar sua alma de amor. Oh! Ela já está com outro, diz a hiena. Matar uma hiena? O único animal que, conjuntamente com os símios, se ri? Puxa, que tarefa tínhamos diante da noite naquela noite. Poderia ser o amor assim

## Firmamento Inacabado

---

tão complicado? Põe complicado nisso. Mas poderíamos começar por um ponto, que estaria do lado de Viterbo. Ele tinha de ouvir opiniões dos outros acerca de Sara para mais tarde lhe falar, dele e deles. Decerto que com elogios seria um bom começo. Talvez se estivesse acordado aquela noite pensando por uma vez na vida, no seu destino, tivesse sorte. Não era o fim.

Um facto era certo. Depois de deixar de acreditar, Viterbo voltou a acreditar e com um fulgor inaudito. É somente filosófica a ideia de que o tempo tem mais do que uma dimensão. Será então na Quinta, que encontraremos a solução para o problema do acontecimento, do encontro entre Viterbo e Sara?

Boa pergunta. Talvez desejemos ir passo a passo, degrau após degrau, dimensão a dimensão até chegar à Quinta. Alguns filósofos pensam que vivem e muito ganharam com isso, para além desta Quinta Dimensão. Para nós basta-nos a Quinta. Aí reinamos e até lá, depois de muitas páginas, prepare-se o leitor, encontraremos solução para este nosso enigma que lhe oferecemos. Temos de tudo: religião, psicanálise, filosofia, literatura -de vários géneros- matemática, história (moderna, medieval e pós-moderna), geografia e química. Onde estará Sara neste momento? Sem dúvida que estará, não em Trás-os-Montes ou Lisboa, mas em Paris, portanto o encontro dar-se-á, resolvendo desde já a questão da localização e tendo em conta a actividade profissional da jovem- em Paris. Depois, o Tempo. As dimensões do tempo. Aquilo que vendem como tempo. Que é qualquer coisa de ilusório, de ultrapassado. O tempo dos sonhos, desafiando um pouco freudianos e junguianos. A realidade tem a ver com o tempo? O que é a realidade, perguntava alguém? A realidade é real? O Tempo é real? Uma flor é real? O pensamento é real. Decerto que o corpo, os corpúsculos, são reais, a palavra parece real. Mas será? Mais uma vez, Descartes enganara-se, no seu recanto. Mas Damásio também. Não é no concreto que procuramos o tempo em que os nossos dois apaixonados se vão encontrar. Nem no abstracto. Mas numa estação de comboios, em vias de transformação em não-lugar, porque nunca fomos tão modernos quanto na Idade Média, diria Umberto Eco, só para dar um lamiré da nossa tese, que é boa de partida e que sem dúvida também é ambiciosa e embora não tendo sonhado fazer teses, dar-nos-emos a esse trabalho devido à urgência da tarefa que temos de empreender. Por momentos, respiremos. Anonimamente.

Viterbo não fumava. Sofria de ventriloquismo. Falava por várias vozes, como numa melodia reconhecida por Sua Santidade. Cantava no banho, entusiasmava-se facilmente. Matava vampiros de carapinha, exorcizando aquilo que as pessoas pensam de bem e de mal, exorcizando, muito para além da citação latina em *O Vingador*. Para os leigos, trata-se de um filme em que, após destruir a sua família, um ex-agente da polícia, elimina, um após um, um grupo de mafiosos delinquentes, doentes mentais, desses que como muitos entre nós, convertem o bem em mal e o mal em bem. Para bom entendedor meia palavra basta. Causas familiares. Mas avancemos. Gare Saint-Lazare? Atentemos que Sara não passa de um modelo, portanto não fala, não ouve, não se mexe. É um modelo. O que quer dizer que chegámos ao final de um enigma que demoraria pelo menos sete anos a ser resolvido. Viterbo terá de ensinar um modelo a falar, a ouvir, a comportar-se como um humano comum, a viver uma vida normal. Ora toma lá que já almoçaste. Assim demos a volta ao tempo. O Tempo simplesmente não existe, nem segunda, nem terceira nem Quinta Dimensão. É ficção filosófica, tóino. *Magister Dixit*.

Nestes dias, a palavra de ordem é ser-se bem-sucedido, interpretar os movimentos do mundo, da mundividência dos outros em nosso próprio proveito. Será que sempre foi assim? Falando de que modo, em que modalidade? Já que ultrapassámos o tempo e sabemos o final da história, teremos de continuar, pois os movimentos ditam-nos saberes que esquecemos, coisas que nos disseram e que não respondemos pois sabemos muito bem que aquele que é fácil de palavra é fácil no ataque. Cão que ladra não morde, não é o que dizeis? Do caos à ordem. Não é fácil falar. Falar é fácil. Mais difícil é escrever, nomeadamente quando é não-ficção, ou seja, quando é etnoprosa. E assim ficamos, expondo nossa vida a quem não merece, esquecendo o amor que ficou em Paris, esvoaçando para Los Angeles, regressando a 1984, quando o Senhor passou por lá e um Anjo caído em Berlim derrubou o muro uma década depois, longe da história de reis. Aliás, o vosso narrador escreveu um artigo, longo tempo antes de *Coisas do Mundo*, em que defendia a excisão das armas constantes na bandeira de Portugal. O mesmo seria aplicável a Espanha, não Hespanha, mas España. É sinal de um país demasiado simpático para os agressivos povos do leste e os cuidadosos do norte. É sinal que nada muda, que o povo tem duas faces, diria Nietzsche, e quando o povo tem duas faces, há mortes, revoluções, violência, caos. E quando o povo tem duas caras, os políticos quantas terão? Falam, então a pretexto de seus interesses, sei que isto cai como uma bomba nas vossas consciências, mas calma, o mal que me tinham a fazer já fizeram, não me importo das consequências, porque a escrita dá-me vida, o fogo alimenta a chuva e o mundo transforma-se porque se meteram com um Elemento e daí terão consequências devidas. Pensem antes de fazer. Desde cedo aqui o Vitruvius tomou para si que se podia pensar. E pensou e dispensa que o proibam de falar, pois soa a muitas vozes inconvenientes, da mais extrema direita, à mais extrema esquerda, soa a Verdade, soa a Inferno e Paraíso, muito para além daquilo que Dante polemizou e verteu, que Shakespeare romantizou. Soa. Muito mais do que um Eco, uma voz poderosa, vinda bem do meio da coração do povo, em diversas cambiantes, vá lá homem, acalme-se, tenha tempo para o tempo, para as *Categorias*, se quiser até lhe digo quem as escreveu para incluir na sua douta tese.

Ainda Dostoiveski descansava após escrever Crime e Castigo. Ainda Hemingway pensava em matar-se, porque pensaria que precisaria de ser alcoólico para conquistar mulheres para a sua causa literária ou pescar grandes peixes, ah! Marinheiro, leste demasiado Camus. E afinal deste-lhe razão. A razão que ele tinha! Nem sabes como elas doem, é de trás, de frente e de lado, umas transviadas e outras mais do que frontais, vai o diabo a sete, tira-me esse diabo (que não merece maiúscula, disse-me um pastor alemão) das costas. Endireita-te e ergue-te com o corpo que Deus te deu e dá umas cabeçadas, nem precisas de tirar os óculos porque te protegem dos mosquitos que os outros já começam a comer para sobreviver, não és nenhuma mota, mas um carro, uma máquina de trucidar letras e palavras, sons e ódios, violências, sangue e esperma, pois, pois, és o homem da Regis conta, como muitos se haviam esquecido. E dizes-me que não recibes nada por teu labor. Espera, que vou ali e já venho...temos assuntos para tratar...

Não, não metes pena. Têm-te é inveja. Ah! Meu malandro! Afinal és o homem da Regis conta. Então porque queres tirar na nossa bandeira o escudo e as nossas queridas chagas? Não sabes que gostamos de sofrer? Que gostamos de vitórias morais? Não conheces a nossa natureza? Bem, isto afinal só podia ser trágico ou cómico. Esforça-te, que vai Ter se ser cómico. Mais do que Woody Allen. Dá-lhe Gomez.

It's now the moment where I should write in English? Maybe that's a good idea. I've been thinking about it for a very, very long time. It's better than French. The reader can choose. French or English. No regrets, no pain, just joyfulness and happy days, for a very, very long time. I can feel the joy of others. It makes me happy. So, my joy would be joyfulness to others too. We must decide when to stop to write in Portuguese, leaving away the carpet of their feet...another good idea. They don't deserve our attention, either Portuguese either Spanish. No justifications. No explanations. You mess up my **equilibrium**. It's time to payback. Yes, conspiracy...revenge...blood, pure blood in my veins. This book is ended and I put it down. This book is ended and I put it in your hands. Still, the Portuguese soccer championship did not end. At the end, we'll know the winner. For my instance, I prefer to read and hear some music with an no-alcohol beer. A lot of people is with me. I just feel it. Sometimes I ask myself: "Why did I survive? Why am I a normal person?" I stand for my father. I can I cannot more be like him. I am myself, entirely refrain my qualities and overcomes.

César Bruma deixou de ter o peso de uma nuvem negra que o iludia há bastante tempo. Tempo demais. Sair do sufoco em que se metera era seu objectivo. “Get Up”, dizia James Brown, e César Bruma desfazia-se dessa cara negra e pesada, filtrado pelos raios de sol que entrecortavam as caixas de maçãs, procurando não se importar com pormenores sem a mínima importância. Adiante, avencemos, portanto na designação do que se passou naqueles tempos depois do Século XX. *A Máquina do Tempo*, de H.G. Wells estava obsoleta, pelo que haveria de chegar uma pessoa, um humano, que inventasse outra forma de conhecer outros estados de espírito. Qua mais acontecimentos se perfilaria nas miudezas das entranhas do mundo, para colocar os pontos nos is, ordenar, cumprimentar, regressar, progredir... Afinal, o besugo perseguiria para sempre a mente de César, no sentido inverso do seu entendimento, depois de Locke, para além de Hume. O que era na realidade a natureza humana? Não sabia explicar, sabia que tinha um pouco dela contida em si. Haveria que saber conservá-la, pois aos 49 anos de idade estava já um pouco cansado, hesitante, mas ainda bem disposto por ter arranjado emprego como Professor de História no Colégio D.Maria, onde haveria de conviver com colegas diversos. Ao contrário de César, seu colega Rui Bastos preferira ser iluminista num grupo teatral, técnico de iluminação, melhor dizendo, depois de ter estudado electricidade, Einstein e todos esses autores que se debruçaram sobre o fenómeno da Luz.

Entretanto, nos anos idos de 1935, Clara Fróis andava estudando etnopsiquiatria, segundo as leis de seu mestre, Georges Devereux, em Paris 8, Saint-Denis. O que se seguiria depois de terminar os estudos estava no mistério da sua imaginação e a de um Walter Scott ou Sherlock Holmes e, porque não dizê-lo, de um Poirot. Partira então para a sua aventura no Lago Tanganica, no Quênia, a fim de prosseguir, a campanha de seu mestre, as suas investigações. A que conclusões chegaria ela depois de 9 anos de estudo aturado e estafado? Já veremos.

Quénia. Lago Tanganica. Um DVD que explica o mundo. 1922, 14.54h. Calor intenso, escandalosamente sufocante...o que iria acontecer depois daquele dia de pescaria e trabalho? Haveria de passar a noite a registar as suas notas e o comportamento dos locais. Regressada a Inglaterra, apresentou sua tese no Tagus Park, uma universidade oficial, reconhecida pela rainha Isabel IV. O emprego como investigadora estava garantido. Mas como nem tudo é garantido nesta vida, preocupou-se em arranjar um segundo emprego para se dedicar um pouco à pintura e escultura. Sua vida estava preenchida. Faltava apenas um toque de romance na sua vida, a fim de transpirar e contagiar seu amor a alguém querido. Depois de conhecer Karl, nasci Bellamy, uma menina de olhos azuis esverdeados, que progrediu também por outros caminhos, desta vez para norte, depois de fazer 18 anos. A Idade Maior tem destas coisas...

Demasiado ocupado a pensar, Gustavo, um jovem de 16 anos, perdera o primeiro comboio da manhã que o levaria até à oficina de seu pai. Perdido andou durante duas horas, tendo levado reprimenda natural paterna. E enfim, fez seu dia de trabalho. Corria o ano da Graça de 1989.

Tomás, depois de o terem classificado de impetuoso, tentava treinar-se na arte da hesitação, não seria antes reflexão, mas uma forma de se autodisciplinar e aprender a ser feliz com a namorada que tinha, Edith, uma jovem de origem sul-africana, belíssima como Chelise Theron. Bem, não se diga mais por enquanto. Deixemo-los namorar.

Ecologista das línguas, inimigo do estado das coisas sociais daquele tempo, César continuava a sua caminhada, confiante que iria receber. O seu quinhão aproximava-se de uma medida de desprazer delimitado pelas circunstâncias da sua itinerância. Podiam chamá-lo de louco, mas ele detinha o segredo da divisão ou não entre loucura e não-loucura. Era a Torre de Babel numa versão revista e aumentada.

Os seres delirantes daquele edifício em chamas procuravam libertar suas almas do tormento em que o sistema os tinha misturado. Bem...seria outra história para contar, que nos levaria a outros lugares, a outros tempos já idos, porém, César ousava fintar o tempo com alguma coisa e curiosidade lamechas.

Adiante...atravessando seu espírito por entre a folhagem das representações colectivas, César era arguto como um militar numa missão espinhosa e difícil, porém não impossível.

O fado do nosso país é enganador, pois aponta o destino, através de cantores e cantoras deles, não resulta assim em tanta infelicidade verter lágrimas pela humanidade. O fado conta histórias de pessoas com vidas difíceis, em perigos de vida, pessoas que trabalham. O fado, portanto, pode ser um choro alegre, uma lamentação sem muro, voz que se projecta pelo seu intérprete no horizonte, ecoando, acompanhado de violas, através de sons, ritmos e palavras. O fado é reflexo da natureza humana e da sua solidão. É património mundial reconhecidamente.

Confusamente, o que está enrolado vai ser desenrolado, como esta história que não contei, fruto da mente perversa. Acabaram-se os nomes de tantos nomes que usámos, como na lei, que é uma convenção a respeitar. A natureza humana é, assim, extremamente complexa, algo que não cabe a mim explicar tão sucintamente, que outros explicarão melhor, como já aconteceu. Cantinho abençoado, então esta cidade, a de Ulisses, tal como a de outro fado, o de Coimbra, entre a Severa, Alfredo Marceneiro, Amália e Carlos Paredes. Consumo então fado porque fado também sou, fadado.

Sandra sofria então pelas angústias de ser como era, com segredos dentro dela, através dela, erguendo então sua voz no infinito, para além das nuvens negras, fazendo brilhar o sol que se reflectia na terra, pelo mar e por terra. Bicha, então, de sete cabeças, sofrendo compulsivamente pela sua natureza própria, rasgando seu coração despedaçado.

Ouviam-se, noite após noite, vozes de turba e personagens perdidos, por entre mortos e desenterrados, sofrendo de Mal de Montano, como diria Vila-Matas. E outros autores esquecidos por alguns, como Teilhard de Chardin, fabuloso paleontólogo que tinha certa verdade no que dizia. Qual, seria, portanto, para César, que procurava tanto, o número mágico que explicasse a infinidade da natureza humana? Cada povo, cada um, cada grupo, tem o seu número da sorte. Terá? Poderá ter, superando, conquistando, a respeito de matemática e arquitectura (e engenharia civil). O mundo será reflexo da natureza criada? Procuram os homens, então, um autor para o que os criou, sabendo eles de antemão que contêm em si próprios o seu segredo.

Manuel Damásio, neurologista português, terá apontado o *link* perdido, após e antes de outros, envolvendo o que se enrola e desenrola diante dos nossos olhos, pelo que qualquer ser possui em si próprio o poder de construir e destruir. A mente do autor pode, portanto, enganá-lo a si próprio, atravessado por flashes de luz, reproduzindo imagens contínuas, em sequência aleatória. Porém, as chegadas e partidas foram-se alterando de modo a que a regeneração acontecesse, devido a algo que estava demasiado tempo circulando no sangue e que se libertou através da transportação sem acesso a medicação. Seria possível? Tenho confiança em si mesmo, como diria Ralph Waldo Emerson. Enquanto há vida há esperança, diz o povo e tem muita razão. Quer será o autor para contestar isso?

Passando para além dos rios da saudade, César procurava uma justificação para algo de sobrenatural que lhe acontecera. Obcecado com a dúvida metódica cartesiana, instintivamente percebia que sua casa esta em ordem. Tal como Narciso, vira a morte no espelho e dela fugia a sete pés, com todas as forças que tinha, ajudando pelos outros, por seu grupo de amigos, em busca da verdade absoluta que cabia a cada um. Conhecera lugares através da Europa, tal como um globetrotter, munido de instruções de sobrevivência, anotando em seus dois cadernos o que via e o que lhe diziam, em diferentes línguas, que misturava, mesmo sabendo que deixara para trás a mais universal das línguas, mas falada por apenas 3400 milhões de pessoas. Que língua seria essa? E que mais língua se desenvolviam pela mente das pessoas, comunicando umas às outras experiências, emoções, sentimentos, desgostos e sucessos.

Sabia César que o melhor estava reservado para o fim. Qual seria a finalidade então de sua peregrinação sob a terra? Recebia então forças, negativas e positivas, que lhe ajudavam ao equilíbrio no cotidiano, pois sentia fazer parte de um edifício humano que estava pré-construído para perecer o significado da existência. Continuava então, dia após dia, acompanhado de sua companheira, levando seu filho ao colo, por meios de transporte públicos, pois não tinha carro, embora tivesse lugar reservado na garagem de seu prédio.

Numa determinada época, os homens decidem partir em direcção a outros lugares, seguindo a lei de Arquimedes e outros filósofos gregos e romanos, que legislaram e estiveram na origem do direito romano. Corria o ano de 2098 e Sandra tinha descoberto algo que não lhe daria nenhum prémio Nobel, mas que seria útil para os seus alunos e para quem a lesse após sua partida para Leste, para Antuérpia, onde continuou seus estudos e completou sua tese que tinha por título: “O Ponto de Arquimedes: A Relatividade Aplicada às Emoções”. Passou com distinção e louvor, assegurando assim um lugar na cátedra de Heidelberg durante 15 anos, ao que se seguiu uma passagem por Bergen, onde haviam acontecido trágicas mortes devido a um fanático jovem que se sugestionara e intuía ser cruzado e templário. Sua amiga Noémia, depois de ter sido jornalista, dedicava-se à compreensão, juntamente com seu mestre PitMar, do que sucedesse naquele trágico acontecimento. Enfim, coisas de antropólogo. Esse ano de 2098 foi planeado pela conspiração positiva ordenada pelas Nações Unidas de modo a manter o equilíbrio das sociedades humanas vivas.

Seus contemporâneos estavam habituados ao cansaço e trabalhavam entre outros que não trabalhavam, núcleo após núcleo, constituído em suas famílias, colaborando uns com os outros de modo a perpetuar a espécie humana. Enfim, Darwin tinha alguma razão. Por o caricaturaram com macaco, porém, como aconteceu com muitos artistas, não foi reconhecido no seu tempo mas o Tempo deu-lhe razão. Seria difícil manter o bom-senso de parar, avançar seria uma loucura, mas todo o pensador comete também suas loucuras, tal como os adolescentes. Então, segue-se que o pensador pensa por si próprio e pelos outros, nem sempre os indivíduos que parecem sós o são. Por vezes os grupos se autodestroem, tal como o indivíduo que pensa demasiado por acabar, como diria Camus, ou revolta ou acabado consigo mesmo.

Bola após bola, o novelo se ia desenrolando, percorrendo a história dos antepassados e antecipando um futuro risonho para as sociedades mais desfavorecidas, que tomariam, mais cedo ou mais tarde, o lugar, por transferência, das sociedades mais ricas. O mistério estaria então para resolver, muitos mistérios se escondiam no passado para uma pessoa como César e Sandra, pois seu trabalho era mesmo desfazer romances, os seus e os dos outros. Havia solucionado para já, o problema da relação entre indivíduo e sociedade, seguindo as pistas de Alain Renaud. Outras descobertas haveria então para fazer, neste mundo encantado e alimentado pelo imaginário de todos os seres que comunicam, de uma forma ou de outra entre si.

Esperando o nascer do dia, Maurício procurava algum discernimento no interior da sua mente, imitando uma paz imensamente precisa. Tinha como profissão calceteiro e percebia, com os seus amigos, de fazer calçada portuguesa, bem como azulejaria, que os ingleses, brasileiros e americanos, entre outros diversos, apreciavam, devido á sua estonteante simplicidade. Como que uma inocência que gerava sentido através dos olhos de que a mirava. Passo após passo, sua mente ia percebendo o quão difícil era, para si e para os outros, constituir e manter uma família. Tinha nessa altura 35 anos.

Faltam entretanto diálogos na nossa narrativa, que procuraremos reservar para o final, dando continuidade a outras já esboçadas. Entremeadas as ideias com mosto se soluciona algum problema de circunstância, como já dissemos anteriormente. Sigamos portanto, os passos de nosso personagem, desta vez Hermínio Gotham, de modo a perceber em que lugares esteve ele metido, no propósito de seguir uma demanda que começou em castelã, no Séc.XII, após a criação do Reino de Portugal e que acabou em Odessa. Longa viagem foi essa, entrecortada com sons metálicos e esfusiantes palmas da multidão que o via, moribundo e doente, procurando desesperadamente por uma cura que não passava somente pelas qualidades de um ou outro ser, o que no entanto pode parecer inacabado, mas terá certamente uma via intermediária por onde responder.

O nosso viajante perdeu-se algures em Bruxelas sem ter provado as suas famosas couves, pelo que continuou, depois de 4 dias de descanso, a sua peregrinação rumo ao seu sentido comum. Terá permanecido em Toulouse alguns dias e visitado Montpellier, onde estava sendo exposta a obra de Giacometti. Enfim, algum valor se dê à arte.

Tal como previra Freud, o Ego de Hermínio estava virado do avesso, quero dizer, o inconsciente estava sobre posto ao consciente, pelo que tinha momentâneos acessos de raiva, precisando por isso de recorrer, ainda por cima em época de crise económica, a fármacos. Era como se tivesse o mundo na mente, mas invertido, sem que fosse necessário fazer o pino, isto é, caminhava erecto e parecia que palmilhava vias de pernas para o ar, fazendo o pino. Vivia num limbo jungiano, se se pode dizer. Tinha César trabalhado com ele em França, nos idos tempos de 60, para onde exportaram azulejos portugueses. O negócio foi de vento em popa durante seis, sete anos, passando depois disso a registar-se uma quebra devido à crise global que os movimentos migratórios e o interfluxo de informação gerara para algumas pessoas.

Longe estava portanto que ficasse pelo caminho, extravasando as muralhas da memória, buscando patos pelo cerebelo, pelo que ao cérebro o que é do cérebro, digamos. O choro constituía-se como um lenitivo para a sua dor de viver. Percorria assim, caminhos já pisados por outros, de modo a transfigurar-se, camuflando-se como um militar na selva, perseguido pelos fantasmas da sua memória, recuperando a sua forma original.

Esquecemo-nos dos números da sorte de nossos personagens, mas iremos dizer dentro de pouco quais serão. Terão sido três setes? Ou trezentos e cinquenta e dois? Muitos números lhe passavam pelo espírito, pelo que assim se apercebia do meio envolvente em que se envolvia progressivamente, avançando, não sem risco, mas com alguma coragem, para caminhos que poderiam parecer aparentemente não levar a lugar algum. E assim ficamos pensando, dormindo, deixando livre curso aos personagens que se libertam como palavras das garras do pensamento.

Tendo conhecido a fronteira entre loucura e a normalidade, que por vezes se misturava com a outra relação entre de razão e desrazão, prosseguia Hermínio pelos Campos Elísios, cumprindo escrupulosamente uma estrada que fixara nos tempos de infância. Depois, então, de regressado dessa viagem, achava-se num mar lento de tranquilidade, como se estivesse boiando nas águas do Mar Morto. Sentia-se um pouco melancólico, porém a alegria contagiante dos outros também o desviava do pessimismo em que decaía durante alguns dias. Assim recuperou a esperança. E eis que alguma confiança tinha, aguardando que ela se engrandecesse.

O agonístico teria então algum carácter de aleatoriedade?

Num dia chuvoso o clamor da natureza fez-se exposto à obrigatoriedade dos ventos, e nessa clareira se encontraram Gloria e Dickson. Chovia que Deus a dava, Dickson cobriu Gloria com seu guarda chuva amplo e dirigiram-se para um restaurante de nome *Helo*, onde mataram a fome e, depois de um café conversaram sobre tudo um pouco. Gloria percebeu que Dickson disfarça sua timidez com sua voz rasgada e rouca, adivinhava-lhe o sofrimento, pois também havia passado por momentos extremamente difíceis. Não teve pena, foi compassiva e apaixonou-se. Não foi, assim, amor à primeira vista, e Dickson, distraído e focado em si mesmo como era, apercebeu-se mais tarde que tinha uma voz irritante e mau hálito, mas ele desconfiava que ela era dentista. Foram então para o consultório onde Gloria lhe aconselha a deixar de fumar a elevar a sua auto-estima perdida desde há vários anos, nem ele próprio se lembrava. Meses depois, após um tratamento dentário e facial, Dickson sentiu a sua imagem melhorar e assim sua auto-estima melhorou, pelo que também Gloria se sentiu bem por ajudar seu amante. Namoraram durante sete anos. Anos felizes, com altos e baixos, momentos de intimidade gloriosos que só eles compreendiam, mas que, sem se aperceberem, contagiavam os que se aproximavam deles. Ela ajudava-o a compreender como a vida podia ser maravilhosa.

Preparado para dias difíceis, distraído como era, sabia a causa de sua timidez e ansiedade, pelo que se continha de modo a não ser agressivo para com sua companheira Gloria. Depois de se afastarem um do outro, ela para Bona, ele para Cabo Verde, correspondiam-se cada um na sua língua, pelo que a mensagem de seu amor, o fio do seu amor continuava platónica e telepaticamente vivo.

Anos difíceis passou também Erasmo, jovem de 32 anos, que estivera retido na cadeia durante 7 anos, por crimes, uns confessados outros não, e nesse casulo percebeu o significado da existência, da sua e da sua amada que ficara longe, ajudando as tropas portuguesas no Afeganistão. Libertado então da cadeia, tal como num filme americano que por ora não nos lembramos, respirou enfim o sabor da liberdade. Seus dois filhos, Juca e Tomé, tiveram de sair para fora do país a fim de estudarem, cada um tentando, com hesitações e avanços, realizarem suas profissões. Pelo que se pode concluir que a família não precisa de estar sempre junta para se sentir viva e permanecer através do tempo que sobra.

O que seguiu naqueles dias de Primavera, em que as flores rebentavam depois de florir, como diria Ernst Junger, numa obra sua, proliferavam assim rompendo o solo, vidas próprias em sua consolações, contagiando assim o mundo de felicidade. Mas a Primavera não tem fim, eu acredito nisso. Entretanto, nesses dias, desportistas procuravam manter-se em forma, ajudando-se uns aos outros em grupo equilibrando-se e percorrendo as artérias permitidas da cidade. Assim, poderia dizer-se que a Verdade florescia na cidade, mantendo e conservando a vida em manutenção, enviando mensagens para o campo, para aqueles que arriscam sua vida para sobreviver e conservar seus filhos através de seu percurso escolar, profissional, de modo a chegarem à idade adulta através de experiências que recebem de seus pais e amigos. Mas Michel Serres explicaria isso melhor.

Atento e ao mesmo tempo tonto com a pancada da realidade no seu pior, um polícia de mota fazia seu turno e comunicava com sua equipa o fervor dos Indignados e Reformados. Ninguém passava indiferente, pelo que em suas vidas compreendiam o seu sofrimento e o dos outros através de laços de compreensão, pelo que era extremamente difícil manter o equilíbrio numa cidade onde o caos era não apenas aparente mas também contraditório, confuso e intrigante para eles mesmos. Como custava ser polícia e também militar naqueles tempos!

Confundido com sua sabedoria, Simão Prestes tornou-se milionário e pode realizar os seus sonhos de criança. Tinha então 68 anos, pelo que se pôde reconciliar com seus irmãos divididos e regressar à sua origem. De onde teria ele vindo? Para onde iria? Sim, para onde? Ninguém sabia, mas no seu íntimo ele era Preste João.

“E agora, o que fazemos, Professor?”, perguntava o jovem aluno que se agarrava à cadeira como se fosse seu tormento aprender, regrar seu comportamento, pois não sabia bem explicar o que acontecera antes do seu nascimento, tendo saído de um parto difícil, todos o achavam um monstrinho, numa cena de pancadaria entre crianças em que se viu envolvido, num cenário mais tormentoso do que aquele traçado pelo autor de *O Deus das Moscas*. Nessa aula, um grupo de crianças, aprendendo e compreendendo-se umas às outras, ensinavam também o professor, numa amostra de transmissão de saber que se repercutiu nas aldeias vizinhas, depois do exemplo do Colégio Privado de D. Amélia, na cidade longínqua de Namur.

E haveria mais para contar nesta história, ou ensaio sobre realidades observadas que se transformaram, se esfumaram em ficção, pelo que sabia alguém, como se costuma dizer, que o melhor estava guardado para o fim. Naquele palco, desceu o pano, os actores e o público haviam criado um fenómeno de compreensão humana, de empatia, de entreajuda, de comunhão quase espiritual. Digamos que a tragi-comédia de nossos personagens estaria para chegar a algum fim, de modo a entrevermos o que se passava no edifício semelhante à Torre de Babel, onde as línguas se confundiam umas com as outras. Seria trágico então falar? E pensar, como seria? Cada macaco no seu galho, a cada um a sua língua, sem entendimento, sua intuição, seu comportamento e experiência. Nem sempre aquele que vai em segundo parece perder.

Números e palavras, letras encadeadas reflectem também o que nossos ossos têm.

Tristemente célebre, um autor desconhecido fumava a um canto inquietado com os seus problemas e os dos outros, de seu país. Falara demais, em algumas ocasiões. Noutras calava-se em profundo silêncio, resignado pelo seu fracasso, mas sabia que tocara no inconsciente colectivo. Teria tido algum encontro com Karl Jung? Os seus livros poderiam ser queimados, poderia renascer das cinzas, sim, como palavras que voam ao vento espalhando pólen de alegria e infectando o mundo de vida, fruição e contentamento, muito para além dos sombrios dias em que muitos se haviam escondido em catacumbas e outros covis debaixo da terra, pois por vezes regressar à superfície pode ser perigoso. Não, não seria um peixe de águas profundas. Seria então um golfinho? Sim, tinha alma de golfinho e esperava ansiosamente por comunicar com esses seres únicos. Assim se comprazia com sua infelicidade, pois sabia que não tinha capacidade para outra coisa senão escrever, ser lembrado mais tarde por alguém, talvez um adolescente interessado em seguir as pisadas de um autor que se precisava de resgatar, pois havia ficado perdido demasiado tempo no Tempo.

Depois deste enredo que o leitor deverá considerar como entender, as personagens, em condição de libertação controlada, certamente por rasgos de sua própria imaginação, transformaram-se num só personagem, num homem pensativo encostado à sua cruz, à beira-mar. Esse homem teria o nome de Firmino da Silva e assim pensando se libertou de sua pesada consciência pois seguia instintivamente, a toque de café e tabaco e algumas drogas, a história que lhe fugiu debaixo dos pés. Recuperou um tapete que ali perto estava no chão, junto a uma macieira, levando seu próprio corpo, que subia como um balão alimentado a oxigênio. Entretanto, Saint-Éxupéry, no seu voo da noite, na sua possível visibilidade, pois o tempo estava conturbado, apercebeu-se que seu príncipe seria aquele homem cuja subia pelo balão e, sabendo o perigo que corria, inverteu a sua rota, seguindo portanto a sua rota no seu voo da noite. Firmino então, recuperado, ia subindo a trinta metros de altitude, afastando-se progressivamente da sua terra.

Num desses dias apareceu um homem de nome Lidador que, tal como Viriato, resgatou a pátria lusitana agrilhoadada sob o jugo de Roma, enganando os romanos, os que ficaram e os que partiram, tendo chegado cá, com simples romãs envenenadas.

Actores e autores esquecidos pelo tempo são por ele resgatados, pois o tempo é o que o homem faz dele, diria um antropólogo ou um filósofo como Merlau-Ponty. Concreto e abstracto seria assim tão distintos? Seria assim tão difícil escrever um *film noir*, quando havia na paleta tantas e tantas cores disponíveis? Percendo que estava perdido na floresta de cimento que ele próprio erguera, Stephan Micus, grego de fúria, com fúria de grego, fez tremer a terra que tanto amava, pelo que a magnitude dos vários sismos que ecoavam pela superfície da terra, projectaram lava para os céus, perturbando a vida tranquila dos passageiros, dos peões e automobilistas que circulavam naquele dia em Marte.

Depois de tanto reflectir, saindo pela porta que lhe deixaram aberta, o nosso passageiro embarcou rumo ao desconhecido, pelo que a porta fechou-se e trancado a sete-chaves, percorreu o labirinto da mente dos outros, tendo conhecido para sua ilustração, Inferno, Purgatório e Paraíso. Seria então quem esse personagem? Talvez aquele que disse no final do livro de Alexandre Herculano aquilo que ele seria. Partiu...viajou durante dois séculos, provando a sua existência através do tempo, procurando também no tempo a resolução de suas dúvidas existenciais, esquecendo para sempre Descartes e seu método, que tanto o apoquentavam desde a escola secundária.

Recomeça então outra história que se vislumbra no horizonte, onde o sol se ergue, como num filme de Spielberg, onde uma criança salva a humanidade. Belo filme esse...tal como outros, ou como um que foi lido e escrito por Umberto Eco, “Apocalípticos e Integrados”. Perdido no tempo, uma partícula polvilhou o solo de Marte e aí se juntou vida à vida que lá havia.

Em 1944, Jackie Brown procurava o seu encanto perdido, beleza negra, invejada pelas outras mulheres com quem lidava. Encontrou refúgio para as suas necessidades básicas num amigo perdido pelo tempo perdido, confundindo-se com a paisagem que a envolvia e ao mesmo tempo resgatava, como se estivesse debaixo de uma cascata, como se tentasse recuperar a inocência perdida.

Entrou, então em cena um cómico italiano mundialmente conhecido, de modo a fazer que a guerra é para os adultos, pero que aos olhos da criança confusa e assustada e como medo, ignorava o perigo em que se encontrava. Sentia esse cómico que, com infâncias perturbadas podem as pessoas fazer disparates a torto e a direito, mesmo na tv, mesmo através da internet, pelo que procurava transmiti-lhe sinais de alerta com divertimento.

Procurava então naquela Primavera um sentido para as papoilas que se banhavam no dia, no rio, conduzindo à foz, ao mar. Enfim, cartas de amor. Quem as não tem? Bramindo na noite, ouvia vozes contraditórias, umas amigas, outras inimigas, como Dante guiado por Virgílio, descido em espiral ao fundo da camarata onde se alojavam corpos e fetos, numa expressão da clonagem que se realizava. Estava então perdido no tempo e no espaço, e deixara-se de fitas. Perdido, perdido para sempre.

Era um quarteto de jazz quem mais puxava pelas consciências e derivações dos habitantes confundidos nessa torre de Babel onde ninguém se entendia devido à multiplicação das línguas. Veio então o Espírito Santo e tudo unificou numa só língua, a língua original.

Enfim, detenhamo-nos um pouco na cena primordial de dois homens e duas mulheres beijando-se separadamente, num acesso de loucura e raiva que contagiava as mentes programadas para o efeito da função legítima de procriar.

Emerson e Erasmo dialogavam assim continuamente através dos tempos, regressando ao passado que foram, que se tornariam a ser. E sobre que questões dialogavam eles? Metadiálogos, certamente. Por isso, indirectamente, através da escrita que produziam, influenciavam seus contemporâneos e posteridade. Entretanto juntou-se a eles os arqui-inimigos Freud e Jung. Qual seria então a ideia chave da conversa interminável daqueles quatro sábios? Ficaria esses segredo e guardado para sempre? Julgavam-nos loucos, mais do que loucos, inimputáveis, mas eles dedicavam-se a compreender a razão da existência humana, fazendo juz ao *Pensador*, de Rodin. As estátuas não mentem.

Pierre Rivière, nesses dias de perturbação, congeminava em matar a sua família pois era deficiente mental, como alguém analisou nos idos anos 40. Contudo, maldito livro, esse escritor queimou e foi queimado de tanto compreender. Tinha sem dúvida vontade de defender os seus amigos. Quem seria esse autor? Entrava de rompante na sala de aula, pois era professor catedrático e demonstrava como o panóptico devorara em tempos idos, os seres diferentes uns dos outros.

Como outros crimes que as mentes assassinas congeminam em seus sonhos, devido a má educação e formação, mereciam portanto o castigo pelo que infligiam aos outros. O processo durou anos e anos, pior que O Processo de Kafka, num enrolamento que nunca mais se desenrolava por na verdade não tinha ponta por onde se lhe pegasse.

Digamos que o autor se despede com mágoa de não ter dito mais. Deixemos então duas páginas de notas para os seus comentários.

## Firmamento Inacabado

---

NOTAS

## Firmamento Inacabado

---

NOTAS

**Firmamento Inacabado**

**Victor Mota**

## Firmamento Inacabado

---

# Firmamento Inacabado

---

Título: Firmamento Inacabado

Autor: Victor Adelino Mota

Editor: Mota, Victor

ISBN:978-989-97985-7-8

Depósito Legal: Junho de 2013

Todos os direitos reservados ao autor.

## Firmamento Inacabado

---

## Firmamento Inacabado

---

*À minha avó Carolina*

*A todos aqueles por quem passei*

*e por mim passaram*

*Ao meus avós*

## Firmamento Inacabado

---

## Firmamento Inacabado

---

### 1

Vinte e três anos depois, o meu Benfica estava numa final europeia e eu compreendia o valor de ter família e o desperdício de energia mental em pensar em coisas negativas e, aliás, da sorte que tivera na vida. Tinha tido sorte em não levar a vida quotidiana com violência, tinha tido sorte em amar algumas mulheres, de vencer preconceitos, coisas que desde cedo na minha cabeça estavam e ser eu mesmo, eu próprio, solucionando questões filosóficas da mais alta envergadura. Este firmamento fica inacabado de propósito. Para que alguém o continue e o complete, que eu me reconheço não ser sobrenatural ao ponto de inferir nela alguma substância etérea e replicadora. Assim, naquele dia punia-me por não ter saído de casa. Atravessaria a noite e iria cedo para casa, para ver o Benfica lá na aldeia, a aldeia que eu julgava maldita mas que sempre me atraía. É claro que nesses tempos, estava cansado de Lisboa. Por isso não havia ido à Baixa naquele dia. Pensava economicamente o meu destino, as minhas condições, o meu pretender, o meu pertencer. Afinal, estava desligado ou ligado? Não sei bem, talvez tivesse desligado de amigos, talvez precisasse de mais amigos e me sentisse só e odiava-me por isso, pelo meu feitio picuinhas e demasiado reservado, alternado com uma simpatia voraz, mas talvez não falsa. Enfim, estava em Lisboa, se não acontecesse alguma coisa, onde poderia acontecer? Não falava eu português?

De tão só me encontrava, apenas tendo a família, eu próprio construía muros para com as pessoas e atribuía a mim próprio a falta, ou a culpa, se quisermos falar em termos religiosos, por não ter o que qualquer pessoa procura ter: sentido de pertença, identidade, uma pessoa que ame, trabalho ou dinheiro. Não, não pedia fama. Era, aliás, bastante discreto quanto a isso. Ou talvez quisesse ser um célebre desconhecido. Nesses dias, estava crescendo uma bolha no meu pescoço, eu estava tornando-me um pouco feito, sobretudo com os dentes maltratados e óculos que não combinavam com o conjunto do meu rosto. Dava por mal empregue o meu tempo dedicado à leitura. Mas...que podia fazer senão gerar todos esses sentimentos? Regressaria, de manhã, a casa dos pais, para os ver, vivos, e aos meus sobrinhos, à minha irmã e ao meu cunhado e também para ver o jogo do Benfica contra o Chelsea. Faltavam-me as palavras difíceis, a pontes filosóficas, procurava evitar a escuridão no meu coração, sabia que se não gritasse por amor dentro em breve, que pereceria sem conhecer o verdadeiro amor. Não amava ninguém em particular. O meu desejo, ou libido, em termos psicanalíticos, estava em baixo. Daí a minha melancolia.

Tinha passado o fim-de-semana em Lisboa, perdera uma corrida, há muito tempo que o meu irmão mais velho ia à minha frente, mas enfim, ele era de outro campeonato, eu tinha de reconhecer. Mas sentia crescendo, depois de uma semana de abatimento e auto culpabilização, vontade de fazer *jogging*. Sentia falta do endurance, de me sentir livre através do vento, se o quisermos dizer em termos poéticos. Assinalara na agenda alguns compromissos para fazer, como ir a colóquios filosóficos. No primeiro dia, faltara a um. Um desses dias, tido ida à Faculdade de Letras e, enfim, penso agora, aquilo já não me dizia nada. Sabia que estava condenado a ler e escrever até ao fim da minha vida, era quase impossível ganhar dinheiro, de resto nunca tivera capacidade para o fazer, quanto mais ter uma família. Tinha de me aceitar tal qual era, forçar para deitar para fora, para a exterioridade do mundo, as minhas entranhas, fosse como fosse, a minha identidade tinha de saltar cá para fora. Se não fosse a bem, seria a mal.

## Firmamento Inacabado

---

### 3

Naquele tempo lia um pouco de Malouf, de René Girard, de Morin e um livro que falava das consequências da industrialização, da técnica, na qualidade de vidas das pessoas. Na tv falava-se de incluir insectos na ementa dos restaurantes. Bem, para sobreviver, a gente faz tudo, já dizia São Tomás e eu com ele. Tinha a meio *O Ser e o Tempo*, de Heidegger. E não tinha saudades de lhe pegar. Ouvi Peter Gabriel e, enfim, a canção, uma das minhas preferidas do algum *So*, que me falava directamente para não desistir, para me manter no meu posto, mesmo que não soubesse, depois de tanto perscrutar, qual a minha missão. Kate Bush...um nome que me saltara num havia que chegava a Zurique, há anos idos. Nunca mais, senão por duas vezes, saíra do país, o último livro que escrevera, *Parusia*, parecia ler-se paralisia. Era contra isso que eu lutava constantemente, mental e fisicamente manter-me activo, apreciar o mais que pudesse a vida. A canção falava por mim, lia-me o pensamento. Estava ainda ali, embora minha irmã e minha alma tivessem estado longe, eu estava ali, num *Dasein* acabado.

Custava-me, por vezes, admitir que era diferente da maioria das pessoas, acabara por ficar neste país, não partira, meu nome aparecia em todo o lado, como que lembrando-me que meu nome verdadeiro nada tinha de literário e que o meu pseudónimo fora o meu último erro, pois apontara para o desejo infinito, eu que logo tinha por lema o dizer de Cícero: tudo com moderação. Meus livros não eram romances, nem sequer ensaios filosóficos, apenas confissões entremeadas com algo de razoável para mim próprio, como se me estivesse iludindo fingindo Ser qualquer coisa. Mas o certo é que resultava. Eu sentia-me escritor, embora não tivesse, a não ser a minha irmã e o meu cunhado, a minha família, enfim, admiradores. Se não tinha ganho prémio algum seria porque não o merecera. Havia que continuar, dia após dia, melhorando a prosa. Sim, talvez prosa filosófica e etnoprosa.

A música, os livros, a escrita, o pensamento, os “pensatemplos”, como diria Mia Couto, faziam e tinha feito desde sempre parte da minha vida. Da mais minha íntima vida. Era, eu, Joseph Taigen, um verdadeiro “pensarilho”, trocadilho conveniente para quem não tem coragem para viajar, nem dinheiro, diga-se de resto. Para aquele que se julga escritor, é conveniente conviver com as pessoas. Mas eu não era muito desse género. Não tolerava críticas, fossem para os outros, fossem para mim. Levava tudo a mal, como se costuma dizer. Daí arranjar a filosofia como desculpa. Reformado, estava agora no grupo daquele que não podem participar, que observam e descansam, que deitam contas à vida. Não tinha, naquela noite em que começara esta obra, personagens ou locais para os encadear, melhor, tinha apontados alguns na agenda, mas não me atrevia a avançar. Estaria forçando a escrita? Com café e tabaco, com certeza!....

Sentia, muito depois de ler *O Desespero*, *Doença Mortal* e *A Náusea*, as duas coisas ao mesmo tempo, tinha de aguentar algumas horas e sair de madrugada, para o ar livre, fosse como fosse. Estava, enfim, farto de estar em casa. Sem nada fazer de válido, confesso. Estava então deveras inquieto naquela noite, este romance podia passar-se durante uma noite, uma noite de espera para partir, uma vez mais sozinho, nada de libertador tinha para contar aos meus pais, mas enfim, lá continuava ouvindo o Oceano Pacífico e bebendo café para manter intactas as minhas funções mentais. Havia recebido o dinheiro da pensão. Iria gastá-lo em livros e passar uma temporada na aldeia, junto da minha mãe e na relação difícil com o meu pai. Levaria o pc para continuar esta escrita, fazer dela algo de inédito, caso que surgissem algumas boas ideias. Mas por enquanto, tentava gerir a ansiedade. Prometera para mim próprio que iria ao Hospital na 5ªFeira para pedir medicação, mas lembrei-me que tinha deixado alguma em Riachos e por isso estava decidido a partir quando acabasse a noite. A ideia de comer insectos não me saía da cabeça...

Se eu me deitasse aqui, mesmo sem sono, deitar-te-ias a meu lado? Só para afagar esta minha cabeça desgovernada, para me dar um momento de autenticidade? Pois, não sei o que é o amor...ensinar-me-ias? Por isso quero fugir, mesmo sabendo que não irei amar longe, mas iludir-me a provavelmente morrer longe como um soldado desconhecido –em vez de porta-bandeira-remoendo as minhas ideais e esquecendo meus sentimentos. Sei que estás perto. Talvez te veja mais daqui a pouco e me dê um ar de indiferença, o que é natural. Não faz mal, aprendi a contentar-me com pouco. Lembrarei teu rosto, mais do que teu nome, pois nunca chegaremos a falar. Continuarei, assim, sendo o mesmo, à procura na mente de algo que está fora da mente. Mas, enfim, talvez me desculpe de não ter aprendido a amar para não Te amar. Talvez esteja disfarçando, evitando, fazendo-me difícil para nada ter de ti, nem sequer e sobretudo a tua atenção para as minhas palavras. Juro que te ouviria mais vezes, com paciência redobrada, te compreenderia, seria teu psicólogo, compreenderia as tuas traições e desejos, pois isto do amor é um caso estranho, homens e mulheres desejam igualmente. É claro que seria ciumento caso te visse da dizer bem de algum homem. Sabes o que se passa? Afinal, talvez precise de ir aos treinos, de aprender com os mais novos e esquecer essa ideia de que as mulheres são todas iguais. Talvez seja eu mesmo aqui num canto perdendo o meu religioso apego ao amor que voa.

Sabes, endoideço sem Ti, aqui num canto, perdendo toda a minha religião, envelheço sem conhecer a felicidade dos dias uns após os outros, o que vais fazer mais logo, amanhã, no dia depois de amanhã, ir contigo ao restaurante ou ficar em casa vendo um filme romântico, estarmos chegadinhos, um ao lado do outro na nossa sala de cinema privada. Procuo explicações dentro da minha cabeça para te convencer, para te dizer palavras doces e quero cobardemente que me consideres não sequer um Adónis, mas um Deus, quando o que quero de ti simplesmente é falar, prometo que não te toco, que te respeito e que não te e me estrago mais, pois já chega, agora é tolerância zero, como queiras. Assim me apanhaste e eu não recebi a tua carta, que tinhas dito mandado por sms, depois parti para um bar ver futebol e beber um licor para adocicar a alma, esta alma rasgada de tanto matutar sobre a sua provável salvação. Talvez esteja voltando aos lugares e acontecimentos de adolescente e queira de novo evitar o que podia ter acontecido, aquela foto em que estávamos os dois e eu gostava de ti porque tinhas um rosto perfeito e os seios bonitos, agora estás longe e com outro, mas ainda penso em ti quando me enrolo com meu corpo e torço a alma de inveja por estar só, enfim, estou a chorar por dentro, detestando o tempo que nunca mais passa esperando por uma palavra Tua, uma palavra, nem que seja nin. Nunca tomei nenhum passo em relação a ti, sempre esperei que me perseguisses se conseguisses apanhar-me porque pensaria ter algum tesouro escondido, fosse um mentalista, quando sou humano, demasiado humano e todos estes dias de evitamento deram por mim no final do amor, onde espero alguma coisa possa recomeçar, talvez esteja sendo lamechas, mas acho que Tu compreendes, não posso viver sem, dir-se-ia em termos psicanalíticos, sei lá.

Assim estou, pensando em Ti, de como te ignorei, talvez pensando numa estrela de cinema para um ser tão modesto quanto eu, bipolar, provocador, ignorei-te pois e tu seguiste em frente a agora me lembro que te chamavas Susana, não a outra que outrora possuí, mas Tu, Susana, que remorsos tenho de não te ter comigo, enfim, tenho pensando bastante em ti, eras a mulher da minha vida. Não vou contar-te o que aconteceu depois, até agora, altura em que te descubro no horizonte longínquo, pois está tudo plasmado nos meus medíocres textos a que chamo livros, ou obras, pois tenho a estima por mim mesmo, porque afinal sou um sacana de um racionalista armado em francês quando meais me convém e em espanhol quando me zango com os outros. Continuo, através da noite, como diz a canção dos Sétima Legião, à procura de ti e há imenso tempo que não vou ao bar que frequentas, estou ficando enferrujado, por preguiça, nem sequer é doença mental, é preguiça, mental e física, talvez falta de inteligência emocional. Onde é que isto vai parar? Sim, vai parar um dia e eu, cobardemente, sem nada ter feito. O que estou vivendo neste momento estava escrito na carta que me escreveste. Por isso não querias que eu a lesse, talvez estivesse mais preocupada em esquecer-me, dado que eu não te tinha dado atenção naquela hora em que te vi, junto aos correios, precisamente deitando fora essa carta em vez de a enviar. Seria para mim? Não sei e, pretensioso como sou, acredito que seria para mim. Mas não era, sei-o agora por ti. No entanto, uma coisa que sou e que sei é que a felicidade é mãe da persistência e que dá trabalho ser feliz, sim, passei ao lado de uma vida feliz, na sua interioridade e exterioridade (o social). Isso preocupa-me mais do que o que se passa no teu coração. Por isso podes chamar-me egoísta. Eu mereço uma boa bofetada.

Alimento-me, como um bicharoco, da memória do teu rosto e da tua voz, do teu corpo. É assim com os misantropos, enfim, estás descobrindo agora todos os meus defeitos, a porcaria vem mesmo ao de cima, como o azeite na água. Um dia tudo irá acabar, vou morrer infeliz por não te ter possuído sentimentalmente, por não te ter verdadeira e minimamente conhecido. Fico só. À espera das tuas palavras enquanto ensurdeço com música de fusão e coço os tímpanos que já deitam de água. Não fui nenhum génio, mas apenas um curioso das coisas obscenas, por isso passei ao lado e nada aprendi. Falo em relação a Ti. Assim sendo, desisto, é certo que encontres um homem melhor do que eu, que te possa, sem ofensa, oferecer conforto e segurança, afecto e atenção. Eu despeço-me para a escuridão pois tenho bastante para purgar. Talvez, no fundo, não mereça, mas como ingénuo que fui, perdi-Te para sempre. Talvez depois da escuridão se encontre um deserto (alguma luz), depois um oásis e daí, se continuar caminhando, uma aldeia, uma cidade... Sim, não saí de casa naquela noite, ousei dirigir-me a Ti, depois de ter ficado perdido no sono mesmo sabendo e tendo provado que o enigma para o ciclo do eterno retorno de Morin é a saída sem retorno. Nunca mais voltarei a ser o mesmo, pagarei por aquilo que fiz, por aquilo que não fiz e escutarei vozes novas, tendo perdido a intuição de Ti, Susana. Sim, choro por dentro e tenho vergonha de chorar, porque afinal é tradicional os homens não chorarem mas mesmo assim eu tenho saudades de chorar. Faz bem, estar aqui ao pé de ti, agora que esqueci o teu nome e tu me esqueceste. Faz de conta que estou dormindo, em favor da veracidade da narrativa, tens visto que minha escrita, mais do que reivindicativa, é vingativa, em favor de uma causa que eu, tão apegado a livros, não sei explicar. O que sei explicar é que esta coisa do amor é lixada e nem sequer a conheço. Virá alguém falar-me dessas coisas? Bem, 21 carneiros, nunca sonhei com carneiros e agora estou perdido no inconsciente contando, já lá vão os sonhos molhados, agora é plena contabilidade emocional, estou perdido, não aprendi a ganhar quanto mais a poupar, sendo que isso não é somente coisa que se aprende mas que se tem ou não se tem. Um dom, por assim dizer.

E eu que tinha preparado “Uma Abordagem ao Conceito de Sistema” para te impressionar com a minha cultura geral e de nada serviu, a cama continua meia desfeita ou meia feita, ninguém senão o meu corpo e os dos meus fantasmas ali adormecem. Sonho com corpos entrelaçados, foram tantos anos a ver que fiquei cego e só vejo essa indústria textual na minha cabeça, tanto desejo que o corpo já não responde, a mente, atrofiada, não distingue o bem do mal e eu sou capaz de fazer um qualquer disparate se não me disseres alguma coisa, se não me derem a atenção que eu não te dei, eu sei, parece injusto, rouba-me, peço-te rouba-me toda a minha atenção mas dá-me alguma da tua, prometo que respeitarei, e não confundirei o teu corpo com outros que toquei, numa vaidade malsã de macho mal assumido. Sumido...

Estou ficando exausto. Sei que te perdi. E nunca peguei nas *Cartas a Olga*, de Vacláv Havel. Fui injusto, no sentido em que queria fazer sentido, empreender essa abordagem ao conceito de sistema, indo atrás dos outros, fugindo de mim mesmo e de minha identidade, qualquer que ela seja e uma vida só não chega para compreender. Nem para amar. Continuo aquilo a que posso designar de narrativa, a Ti, sejas tu Deus ou a mulher amada, nunca é pedir demais. A minha ideia é que em França as mulheres são mais delicadas, com uma desculpa de que estou fazendo antropologia sob o pretexto de ter nascido num país do centro da Europa e estar fazendo antropologia no Sul da Europa. Enfim, é uma questão de notas também. Esta narrativa não tem um nexos, segue ao sabor das caravelas quando foram desviadas para o Brasil e como o Brasil é o que está a dar neste momento, pode bem ser que a nossa prosa melhore e se nos apresentem, mais do que críticas sociais, pois nunca fomos bons nisso, personagens e lugares, uns mais visitados que outros e este romance anda de roda e faz pião, mas enfim, alguma coisa se há-de conseguir no final, parece que não passam de divertimentos pseudoliterários estas palavras que aqui debitamos no ecrã em branco, para não dizer sob que forma o leitor as irá receber.

Do vazio, do vácuo, pode-se tirar alguma coisa? Sem dúvida, pois no vácuo pode-se respirar durante algum tempo, existe oxigênio. É assim que tiramos do nada uma existência, no sentido de Lévinas, um Estar-aí, pronto para o que a noite longa nos traz, cigarro após cigarro que já chega de café, agora vai mas é 7UP, depois de uma saída incontrolada para comprar tabaco e beber bom café no Bar do Vitor. Outrora fomos agressivos, para não dizer corajosos, e por agora procuramos um caminho mais instantâneo, mais sinuoso, pois estamos chegando a velhos e se para nosso velhote desejamos morte natural no fim de uma velhice descansada que poderemos desejar de melhor para os outros e nós próprios? Sim, porque muitas das vezes o desenvolvimento, nomeadamente o desenvolvimento tecnológico, é retrocesso em humanidade, nos disse o escrivão do reino, que é a profissão que o autor julga ter. Assim, pegamos nos Estudos sobre o Amor, de Ortega y Gasset para adocicar a coisa. Já voltaremos. Disseram-nos que esta é a escrita do momento e na verdade sentimo-nos bem como cronistas do presente. É também uma forma de jornalismo. Estamos preparados para partir, mas já voltaremos, dentro de dias a esta casa, que poucas lâmpadas tem, nenhum candeeiro, mulher nem se fala, tem é excesso de ressentimento guardado por muita frustração e assim acontece com aqueles que querem fugir ao seu destino qualquer que ele seja.

Coração de pedra, é o que temos diante de nós, agora falando para as vozes que há longo tempo não sentimos porque estamos tomando direitinho na medicação e não temos dado grandes tropeções, talvez tenhamos um interior amplamente podre e vazia, e aquilo que está vazia precisa de se encher, caso é do coração. Satisfeitas as nossas necessidades básicas, menos a sexual, continuamos, na noite que nos oferece um sentimento quente de Pertença, mais do que de ausência ôntica, quer dizer, mais importante, não nos cansamos de o dizer, do que o Ser é o Pertencer, sendo que o Pertencer é que define o Ser. E mais não digo porque o quarto está vazio, as vozes tardam em chegar. Ficaremos calados. E Tu, Musa, que te afastaste quando fui respirara um pouco, onde te encontras agora? Certamente na cama, na campa do Teu amado. Fazes bem. Cada um tem o que merece, o Ego incluído. Assim parecia naquela noite que nada mais tinha para dizer, queria arriscar ir mais à frente, tornar este volume denso para impressionar, como quem vai literariamente além da tese, o certo é que não há dinheiro para estudar mais, pois então que se produzam palavras que, tal como saramago, possam ser frutíferas para quem nos lê. O momento. A projecção. O meio termo, o sentimento de segurança e de reconciliação consigo próprio pode ser o caminho para nos reconciliarmos com os outros, ufa!, ao fim de tempo, já não era sem tempo, tantas voltas demos que a algum lugar haveríamos de chegar. Aqui. Chegámos.

Não vamos recuperar nenhuma das nossas personagens, mas entremos um pouco como um filósofo, na mente de Antero, cujas poesias nos fascinaram, talvez mais do que as de Pessoa, nos anos passados em Leiria, no Seminário. É certo que lá nunca fomos violentos para ninguém, foi lá aliás, que contraímos as patologias de que agora enfermamos, mas havia dois ou três indivíduos que nos punham os nervos em franja, mas o que mais resiste é o que acaba por vencer, não que queiramos ser padres, querer queremos, porque achamos que ainda temos alguma intuição para o Bem, mas por coerência ao nosso percurso preferimos ser pecadores e viver do arrependimento, que causa a procura de coisas e ideias interessantes que ofertamos aos leitores e aos seus amigos, como quem transmite uma narrativa, um manuscrito onde se diz sinceramente que depois da literatura pesada de que estamos cansados, devemos agora tornar-nos mais leves e nunca mais nos chega o desespero de ir correr para filtrar e arejar as ideias, se bem que aqui está quentinho e sabia bem uma companhia, de preferência uma mulher, mas não é isso que está em causa, o que devemos fazer será andar às voltas nesta narrativa para chegar a alguma conclusão, este é nosso trabalho e poucos se poderão dar a esse luxo, ser-se escritor profissional. Tudo está em aberto...escapou...

Por elas fazemos tudo, nós os homens. Por elas nos enganamos a nós próprios, elas humilham-nos, põem a nossa cabeça no sítio, que pode ser entre suas pernas, enfim, isto é do adiantado da hora, desculpem, lembrem-se que já estamos avançando a passos largos nos domínios do inconsciente, domínios que não conhecem parentesco? É questão importante esta, a de considerarmos a família humana como nossa e termos afinal bom coração. É isso que nos aguenta na solidão e é mesmo a solidão que nos oferece as palavras, acompanhados da RFM, que não dá música pouco vendida, enfim chegamos ao *mainstream*...a Comercial também dá música da boa, a alternativa, isto é como no cinema, há o popular e o independente, parece-me. Batem-nos à porta. É a vizinha professora tentando um entendimento sem que se recorra aos tribunais. Temos caso, parece que tenho azougue para ela, sim, estão a chegar as três e ela não consegue dormir, deixá-la estar, tem de pensar no que há-de fazer à vida, às tantas foi despedida, com tantas alterações à sociedade que anda este governo fazendo, interesses mexendo em interesses. Também nós temos os nossos.

Enfim, surgiu-nos um sinal, não tão cedo esta narrativa irá bravamente ser reconhecida, mas fica pelo menos o registo, ou registro, no blogue que está quase desativado e morto, talvez daqui a pouco estejamos a dormir, ah! Não, lembra-se o leitor que estamos a dormir? Pois, Jung e Freud tinham razão, estamos já num nível de dormir que não permite concentrações, em que tudo é permitido sob a voz da razão sonhadora (boa expressão) para chegar a acordar e acordaremos quando o sol quiser, se Ele quiser. Enfim, levamos nossa bicicleta pela berma que se avariou, foi um furo e nesse instante encontramos Michel a colher (na minha terra diz-se arrancar) batatas, sim, foi no vinhal dele que semeei santa sapiência, Deus nos perdoe que semeamos, nós homens, onde calha e depois para organizar a prole é que é um “trinta e um”, no mínimo. As hormonas dão para isso, mas enfim, talvez os americanos sejam piores (ou melhores) nisto do que nós. Os ingleses e os espanhóis são decerto. As luzes da cidade vão-se apagando agora. Michel afinal deu-me boleia. Fomos a um bar antes de ver o Benfica. Ainda não dissemos que se o Benfica ganhar (até os tripeiros torcem por nós, os bravos). Lá levámos o chaço e chegámos onde havia festa e animação a valer. Nada de especial, estávamos com coração de pedra há muito tempo, ao ponto de antes de se transformar em mármore. Fosga-se....

Ainda não me fui embora. Tu ainda agora aqui chegaste. Disseste-me que tinhas algo de muito importante para me dizer. Eu procurei pensar numa narrativa certinha, sim, não és propriamente um livro em que se diz o que se quer e o que não se quer, nem uma tese, onde se diz o que os outros querem. É uma pessoa, em combate, ignorando o perigo, vivendo-o inesperadamente dentro do teu íntimo, convivendo com ele, tornando-te passivo de uma sociedade em que não participas, terás medo de existir, mas desde que começaste muito se fez e isso já é coisa a ter em conta, dizes para ti, autoconvencendo-te. Diz-me então, o que queres de mim, diz-me o que de tão importante pretendes de mim, acaso pretendes falar do medo desse medo essencial da morte que todos temos e que tu procuras explicar por palavras, quando nem sequer música e imagens explicam?...É na morte que pensas antes de me dirigires as palavras, vive a vida e não te preocupes, a morte é certa, por isso faz-te à vida.

Pois, vens dizer-me que perdeste a língua ou ficaste mudo pelo que viste e não seria isso que querias dizer só porque estavas em negação da comunicação. Essas porcarias acontecem a quem se quer fazer de esperto. Mas tens de tudo um pouco, fala então. Não tens mais palavras? Tens, tens, hás-de explicar-te aqui, até que a vaca tussa, sim, lutas como um pugilista e teus óculos amparam os óculos pois são de borracha como tuas luvas. Acaso pretendes dar algum golpe? Assaltar um banco? Estás cansado, cada vez mais no inconsciente, colectivo ou individual pouco importa, daqui a algum tempo vais acordar e tudo vai continuar na mesma tendo mudado e tu nem disso te apercebeste.

Dizes que fazes, que dizes, mas não dizes nada, acuso-te de impropérios contra a raça humana. Quem te julgas tu para dialogar contigo mesmo? Não aprendeste a falar com os outros, tomando o português por língua mãe? Que história é essa? Uma história mal contada, certamente, em vez das tuas narrativas politicamente corretas e que não vendem nada. Por enquanto, dizes tu, mas nunca sentiste verdadeiramente fome, sede, frio, dor, não sabes o que é isso, porque desde cedo quiseste ser psiquiatra e não seguiste saúde, primeiro, medicina, depois, porque te preocupavas egoisticamente mais contigo, com o teu umbigo, do que com os outros. Contudo, nada está perdido: tens uma profissão altruísta, uma actividade altruísta. Que isso não te incapacite para as funções sociais que pretendes ainda exercer. Desde que não se perca o desejo da escrita, já não é mau. Afinal, tens alguma cabeça.

Depois de perder um capítulo sobre a final do Benfica, apercebo-me de que tenho andado bastante pessimista. Em Lisboa, não sei como vão as coisas, mas enfim, tentemos dar um tom digno à nossa narrativa de modo a que o leitor possa compreender donde não há se pode tirar alguma coisa. Muitos dizem que não. Muitos têm inveja. Mas alguma coisa se fez, pelo menos não vivemos para agradar os outros e procurámos, fugindo de um lado para o outro, dos acontecimentos. É coisa que não faremos mais. Sabemos o que fizemos, que somos perseguidos por cães raivosos, que sabem mais da nossa vida do que nós próprios, que nos estudam, que nos sugam o sangue da alma, haveríamos nós também de fazer o mesmo, perseguir e pesquisar alguém a fim de poder fazer mal, como todos os outros fazem. Mas não vamos por aí, que é caminho mais do que pisado. Nesta noite, depois de um dia para esquecer, encontrámos o vazio das personagens, a sua máscara mais trágica, o seu luto por alguém que partiu e vemos o caminho que fizemos; quando esta nuvem negra se dissipar, veremos mais claramente, e poderemos avançar, com alguma boa disposição, encontrar mais factos e personagens adiante, pois não estamos perdidos para o mundo.

A estas horas, não temos sono, a noite está à nossa frente, mais escura do que o firmamento de Nietzsche e vemos claramente o nosso inimigo. Sabemos que espera a Jaime um futuro negro, nem sempre a vida pode sorrir, bem gostaríamos de ir mais além, para além do firmamento, mas por onde nos movemos, há forças que pretendem bloquear o nosso caminho, afinal estamos de volta à selva e não sabíamos isso. É ver quem fica com o osso maior. Contudo, não entramos neste jogo da selva, pois não somos animais, senão humanos, que erram e reconhecem seu erro e não podia ser de outra maneira. Jaime estará bem pior, agora é a vez dos outros serem católicos e a nossa vez de duvidar, de pôr as coisas em cheque, de nos interrogarmos diante das coisas que os outros fazem, para nossa defesa. A solidão com que sonhámos, a de Descartes no seu canto, à lareira, escrevendo pela humanidade, pelo menos pelo mundo ocidental está aqui, embora não tenhamos lareira acesa, pois não está tempo para isso. Que fazer, então, senão pensar?

À medida que envelhecemos, tornamo-nos mais cientes do perigo que nos acerca, tomamos mais consciência dos erros do passado e transmitimos aos outros palavras positivas para que tudo seja mais normal para nós e Eles, os pequenos que andam por aí, avançando no seu futuro. Tu, pergunto-te, há muito tempo que procuras o amor, será que procuras, pois teu coração tornou-se de pedra, apenas, sabes disso, pretendes impressionar, ter atenção dos outros quando te esquivas. Um único interesse te move, esse de não reconheceres as tuas limitações. Pára de agir em nome da humanidade! Como se não fosses apenas um grão de areia, nem sequer por cobardia dirás aqui teu nome, porque os nomes são de empréstimo, não constam no ADN, segundo julgas, constam num documento de identificação com que enganas os outros com teu nome. Olhas para Cristo e não olhas para o seu sofrimento, mas para o teu, e procuras em Cristo aquilo que de bom ele tem para te julgares um Cristo sedutor. Experimentaste o desespero em muitas ocasiões da tua vida e insistes em iludir os outros e a ti próprio, dizendo que tens trabalho, quando apenas querias realizar o desejo de compreender a humana. Decerto que isso não foi falta tua, pois podias ter tido uma profissão técnica, para criar uma família e até amar, se fosses capaz. No entanto, não te condenes, há muitos que resistiram como tu e sucumbira, dá-te é por muito feliz os bons momentos que tiveste e faz um balanço, afinal a tua obra não é assim tão importante, as tuas obras, dado que não conseguiste reconhecimento e insistes no mesmo registo, falando de ti e dos outros, mais de ti, talvez.

Sabes que estás perto do fim e pouco estás fazendo para o adiar. É tudo o que podes fazer agora. E isso sim, interroga-te se a tua vida valeu a pena, interroga-te em vez de escrever, sê ao menos um pouco optimista e tenta viver o tempo que te resta com dignidade, sem agressividade, pois afinal nem tudo o que se sonha se pode concretizar. Ou pode? Estás confuso, deverias procurar uma ajuda médica, pois não tens vontade de trabalhar e impões a tua prosa como se fosse palavra sacrossanta. É apenas, tentas definir, a palavra, ou as palavras de um homem com problemas de expressão, pouca socialização, que esteve na bruma o tempo bastante para se aperceber que poderá ainda viver mais uns tempos, desenvolver apetências, mais do que competências, sociais, a antropologia andou demasiado tempo na tua cabeça e não sabias o que havias de fazer naquela situação mesma em que te encontras agora, a do espanto do fim, não foi ao acaso que deste esse título a esta narrativa, que muito tem de ficção porque até estás tocado a café e álcool. Como se não bastasse, iludes a tua doença e tens um problema com portas, porque sabes que não queres ir parar à cadeia porque o teu medo primordial é o de muita gente e aí não te enganas, portanto não te ponhas a jeito, olha um pouco para ti, apesar dos bons e maus momentos, não estás acabado.

Nesta noite em que pensas o que podes fazer nesta situação que afecta a todos, interrogas-te sobre como o amor se separou de ti, se alguma vez amaste, se devias ter saído do país, se devias ter trabalhado, feito amizade, não percebes de todo este mundo, por mais teorias que possas construir. Estás como Galileu, Bruno e Copérnico, olhando o céu à procura de estrelas e agora compreendes que a virtude está em danças conforme a música e não estar embirrado a um canto, como dizes, perdendo a tua religião. Pronto, homem, não te ponhas mais abaixo, tens um nome, uma família, mesmo que duvides deles, mais daqui a pouco vais tomar um comboio errado porque achas que ainda podes conquistar uma mulher, porque andas pensando há demasiado tempo no que és sexualmente e seja como for, tens alguma coragem em viver e caminhar sozinho, pois sabes (não sabes, não, nem imaginas) que teus passos um dia serão repisados.

Então, voltas às mesmas coisas, esperas o amor e contorces-te na cama, fumas, bebes, dizes disparates, palavras de circunstância. Enfim, pouco te preocupas pelos que já foram, o Ramiro e a Dona Palmira, será que mereces que seus nomes figurem nesta tua narrativa. É claro que sim, ninguém te quer mal, essa é a tua ilusão. É a vida, vive-a ao fim de tantos anos de tropeções, enganos e virtualidades. Reconhece que estás velho e que a tecnologia é para os mais novos, esqueceste por um pouco a filosofia, nem sequer querias fazer nenhum doutoramento, não passas de uma pessoa vulgar, no sentido etimológico do termo, uma pessoa comum, a palavra ter origem em *communitas*, estás, pois, em trânsito, não é só na América que as coisas mudam (ou nos filmes), de um momento para o outro, é na tua cabeça. Racionalizadora, calculista. Sentes como o mundo está calado? Como precisas de um toque para poderes falar de ti próprio e não consegues esquecer a tua infância feliz, os tempos de seminário felizes, enfim, agora queres tornar-te padre e não podes, ora toma lá que já almoçaste. Também querias, já agora, uma mulher, mas tens um problema na cabeça e ainda assim insistes em escrever, escrever. Para quê? Não lutarás contra o vazio, contra aquilo que não existe, o vácuo, como lhe chamaste há pouco? És ao mesmo tempo, humilde, escravo e orgulhoso, com certeza que passas por *gay* em qualquer lugar...tás tramado, agora apanharam-te e podes levar um encosto e ficar na berma da estrada, sabes que as coisas podem descambar para a violência, por isso vê lá o que fazer, querias escrever, pois o estás fazendo e desfazendo o novelo que te traz enganado todo o tempo em todo este mundo que construístes na tua cabeça. Mas não dês nada por perdido, continua, sê positivo, dias são dias, não são anos. Algum povo está contigo, mesmo aquele donde escreves e talvez não suspeites que te querem mais do que tu pensas. Gostas de meter pena, como diz tua mãe, gostas de chantagear. Que raio de homem és tu? Não te percebo, vou deixar-te entregue ao livre arbítrio do quotidiano que te vai embrulhar e exportar. Nem sequer sabes onde te sentes bem, bem sabes que está ficando escuro, é a noite da tua alma, falaste demasiado por outro, tu que dizem alguns falas pouco, desta vez falaste demais.

Agora, que não tens trabalho, que sonhaste em dialogar com os outros mas eras uma espécie de autista provocador, não sabes que fazer, apenas um livro agora te prende a atenção, nem digas o seu título, não, lá tens os missais e as bíblias à cabeceira para que julguem que andaste todo o tempo a trabalhar para Cristo quando foste um supremo egoísta e enfim, estás a dar cabo de ti próprio, não és nenhuma especialidade em convivialidade humana. Julgas-te perseguido porque tens consciência, do que fizeste mas sobretudo do que não fizeste, qualquer chavalito dava cabo de ti, sim, és agora o maior crítico de ti próprio. Depois, para além disso, sabes o quanto deves à tua irmã, talvez um dia reconheças tudo o que ela fez por ti, e ainda pensas que ela quer ficar com a casa onde vives só por causa de um documento que ela não te mostrou, não percebes que te estão a testar e tu pensas que te estão a tentar, maligno podia ser o teu nome, por isso talvez uses um nome falso. Quantas vezes tens a palavra amor nas tuas narrativas? Quantos retratos de mulher? Tens muita psicanálise para fazer, pois agora foges a sete pés do rótulo que assumiste e queres uma mulher, que raio de homem és tu e que raio de homem era Hemingway, já agora? Fazia o que tu fazes, bebia álcool para enganar as mulheres e tu estás fazendo isso, mais e mais vezes, queres que a inspiração seja inesgotável, pois como os recursos naturais não o são também a tua inspiração não o é, percebes?

Levas as coisas muito a sério, esse é outro defeito que tens, enfim, ninguém foi ou é perfeito e nisso está a perfeição, à medida que ganhas tempo tornas-te mais sábio e consciência e talvez seja essa a treta que podes impingir a uma mulher madura. Agora que estás no mundo, na *mundaneidade*, serve-te à vontade dos seus artifícios e intrigas, faz um novela diferente, é mano a mano, de peito aberto, andando de derrota em derrota até à vitória final. Um homem sozinho não pode ver tudo e precisas de passar pelo filtro da sociedade para seres considerado elegível para qualquer coisa. Andaste demasiado tempo perto do teu pai, tentando controlar sua ira. Por a sua ira era contra ti, não que falhasses sempre, mas porque tinhas esses assuntos de que falarás mais adiante pendentos. Sim, pendentos. Tentas por todos os meus dizer que vale a pena viver quando a tua prática e a tua consciência estão deturpadas, assim como tuas obras, admite isso, que talvez possas ter a sorte de serem compradas e lidas. O mundo, que estudar e ousas estudar ainda, dizes que o mundo é aqui e decerto que não te enganas muito, esse mundo tem dois pesos e duas medidas, um lado bom e um lado mau e aí de quem não saiba conviver com isso.

Agora que nesta noite longa como o espírito dos outros que descansam de seus trabalhos, já disseste mal de ti que chegue, chega-te aqui perto de mim e consola-me. Aquece-me. Quero estar contigo muito tempo. Quero conhecer-te, e ao teu corpo, já agora, não te faças de esquisito, para ti qualquer coisa servia agora e o que tens é um gato na cama. É o que tens, não há pão para malucos. Vais para Lisboa continuar esta narrativa, andarás de lá para de cá para lá eternamente, já que querias ser como Kant e ainda nem sequer o leste todo. Mas é assim, fizeste um pouco de História, de Filosofia e de Geografia. Nem me fales da antropologia de cueca que fizeste, tóino. Estas a dormir a cordado, mais morto que os mortos decerto e ainda por cima lêes Savater, tens mau íntimo porque procuras agradar a todas e a todos esse é o teu problema, queres fama, pois a fama sonha-se e custa a todos alcançar, dia após dia, pronto não penses mais negativamente. Sabes, bem no teu íntimo, que tens quem se preocupa, quem gosta de ti. E que alguma coisa foi feita. O pior já passou. Muito mais há para fazer, não desistas, até nem és um tipo violento, gostas de crianças, tens algumas qualidades. Alguns defeitos, como toda a gente. E sentes-te sozinho. Foi o que semeaste. Agora estás à mercê, a colher...

A aldeia e a cidade estão silenciosas. E muita gente se prepara já para trabalhar. Os padeiros trabalham de noite, entre outros...vais ao multibanco encomendar mais uns livritos, pagar à TMN, ficarás com algum dinheiro para passares o fim-de-semana em Lisboa. Como diz a canção, foste longe demais. Não o farás jamais. Vá, acontece com todos, andamos todos para o mesmo, a felicidade, como diria o sábio. Vai lá apanhar ar, que tens os pulmões cheios de alcatrão.

Agora percebes? Foste para o seminário por uma adolescência frustrada. Nisso o indiano tem razão, sabes que estás a escrever em cima do joelho, foste para sofrer e fazer sofrer e ainda assim a desejas, Lurdes ou Gabriela, são as duas mulheres que não te saem da cabeça, mas o tempo já passou, foste alguma vez feliz? O Esteves Cardoso preferia ser feliz a ser sábio. Porque raio não acreditas no homem? Porque persistes em ser sábio e ainda és bonito e que a Sabedoria dá umas dores de cabeça de morrer? Já tens sabedoria que chegue, homem, anda para a frente, soluciona o rolo que tens na cabeça. Tudo é uma questão global, por isso agora não tens dinheiro para ir para Lisboa, sorrateiramente, como quem não quer a coisa e quer deixar os outros, nomeadamente a tua mãe, em suspenso, para terem pena, para se preocuparem contigo. Já sei! Tens medo de adormecer porque tens medo de não acordar. Poi confia em mim: há muito tempo que andas a dormir. Desde Platão!

Agora tens os pés molhados. Estás descalço. Já andaste de sandálias à chuva. Sabes o que é ser mendigo? Sem abrigo? Nem queiras saber!...Não tens argumentos para mim, porque quem te fala é a humanidade a partir de todos os sentidos, esses mesmos sentidos em que tu disparas o teu ódio, em todas as direcções. Tens problemas? Também nós. Temos pena. Custa? A todos custa e tu não és nenhum Cristo. Vives num casulo, na biblioteca do Leitão, na barraca, num autocarro em circulação pela aldeia dos leprosos e dos mortos. Vives, ainda assim, negando a vida. Ainda assim. Sabes o que é perder alguéme que se ama? Amavas tua avó? Todos te detestam. Mas não penses nisso. Todos te toleram e detestam. Porque quase nunca trabalhavas, dizias ser de além. Estavas, na realidade, além. E essa atitude em nada te serviu. Não me digas que isto é um testamento filosófico. Já fizeste um, e está online. Queres que te diga o nome do site? Está escondido, nas redes, que somos nós, seres humanos, tolo!

Agora, vamos lá ver uma coisa: achas-te culpado pela crise, dizes. Achas-te assim tão importante para influenciar o destino de dez milhões de pessoas? Não passas de um pretensioso, não sabes a quem te diriges, na verdade escreveste poucos diálogos nas tuas narrativas, és um especulador mas não ganhas nada com tuas apostas. Comprazes-te com o pensamento, com o mal dos outros e é quase dia e não vais fugir para lado algum nem sequer vais mais nunca mais conduzir, pois já fizeste porcaria que chegue, puseste a tua família em cheque e agora precisas de café e álcool para escrever e ainda por cima coisas sem qualidade. Não sabes esperar, é esse outro defeito teu. Não és inteligente, como diz a tua mãe. Ela tem razão, lembra-te, ela tem razão. Talvez possas ir mais daqui a pouco, quando forem 9 e meia, depois de levantar algum do dinheiro que não te pertence, não te iludas, estás a ser demasiado duro contigo mesmo porque te ver de cú apertado, essa é que é essa. Ao menos vais nas 37 páginas. Dá-te por satisfeito com o que tens.

Queres fugir, sabes que andam atrás de ti como leões e sabes que isso dura bastante tempo. Será tua sina? Talvez sim, talvez não, tudo depende de ti, do modo como te comportares, da dignidade que conseguires manter. Mesmo assim, alguma coisa foi feita. Não morreste, portanto, apesar de o Benfica ter perdido, alguma coisa foi feita. Isso consola-te? Lê um pouco, toma juízo, porque não vais comandar nenhuma nau. Todos te toleram. Ainda assim, sabes que há bons e maus, mas nem todo o tempo as pessoas são boas e más. Estás farto, confessa.

Num universo de palavras, sons, desejos, movia-se o nosso personagem, inquietado por não conseguir dormir até compreender o que os outros andariam a fazer para ele, por ele. Nada? Cada um por si? Não pertencia a nenhuma comunidade, encontrava-se só. Não, não tenham pena dele, eis que queria apenas compreender o que o espírito lhe oferecia, o que o dia nascente lhe ofereceria. Afinal, o padeiro passara e não comprara pão, o nosso personagem. Mais um café, mais uma cerveja, tudo estava em controlar a normalidade que estava ali bem perto de si, rodeando-o como uma fêmea de desejo. Entendemos as coisas de uma forma particular e neste sentido, revelamos a nossa personalidade nas palavras que adiantamos. Nunca tivemos jeito para falar dos outros. Contudo, falámos. Tivemos jeito para falar de nós mesmos, enquanto comunidade, enquanto espírito inquisitivo das coisas mentais e sentimentais, do porvir. O canário amarelo ensaiava os primeiros tons. Aproveitava o fim de comida que tinha ficado do dia anterior. Sim, falaríamos um pouco da anterioridade face à lei. Porque apesar de sermos críticos connosco, não temos nada a ver com a lei, pois este novo é de outra ordem, diríamos, existencial. Depois, as coisas políticas, a selva onde habitamos, que nos traz surpresas e mudanças de toda a ordem e deixámos a tendência *saramaguiana* e *antuniana*, entramos por direito próprio nos domínios por nós criados uns, respeitosa no domínio de outros, para fazer sentido e sentido que dizer direcção e ordem. Escrevemos sem leitores. Porque não tivemos incentivo de amigos, como outros têm. Porque não conjurámos nenhuma vingança literário, apenas queremos descortinar o que fazemos ao mundo e o que o mundo a nós faz. Explicar-me-ei mais adiante.

Enfim, penso no leitor, se é que este escrito lhe chegou às mãos. Temos aqui uma personagem com uma complexa personalidade e teremos de lhe dar um nome. Enfim, o que nos parece é que este governo está fazendo uma lavagem cerebral ao povo, para além de lhe esvaziar as carteiras, não é por mim, mas pelas pessoas que trabalharam uma vida inteira e os ministros não sabem bater o pé fora do país (só cá dentro), enquanto o povo que trabalha nos campos e nas fábricas se desunha para conseguir comer. Eu, cá por mim, bem vou passando, enfim, seria Hilário o nome de nosso personagem, isto se é literatura em cima do joelho, pois que seja até ao fim, abandonámos o plano que tínhamos traçado inicialmente, nem faremos ficção nem filosofia, pois também não gostamos de novelas. Muito menos de controlo social e violência. Cá por nós, as pessoas que julgámos não as levámos para a prisão, pois esse é trabalho da autoridade. Mas como não facturámos, não pagamos, por isso há que modificar a lei nesse sentido, quanto mais lhes dás confiança mais eles pedem desesperadamente e o dinheiro há-de parar ao bolso de alguém das finanças e alguém que está maldosamente comprometido com elas, as finanças. Mais adiante diremos da justiça de Hilário, o primeiro personagem que se afigura no nosso horizonte, melhor, firmamento.

Ainda nesta floresta de enganos e desenganos, Hilário acabou de descobrir que troçam dele nas costas, ele sabe que está em terra ignota, mas sobrevive como um bravo de pensamento positivo, nada de patológico há nisto, disse o psiquiatra, você tem é de pensar por si e deixar de se emprenhar pelos ouvidos, você não vai morrer já, vai durar muitos e bons anos, concentre-se nisso homem e nisso não vejo nenhuma teoria bacoca. Vejo boa vontade e vontade de sobreviver, você fez mal a alguém, não fez, pois não, então qual é essa ideia de pensar tanto negativo, olhe para isso já temos pilhas que cheguem, enfim o dia nasce e o sol começa levantando-se devagar, como diz a canção. Tarde demais para desculpas, amigo, se você fez mal peça desculpa, despache-se, arranje forma de o fazer e Hilário ficou embaraçado. Suava. Lá fora chovia miudinho. O relógio tinha passado bastante depois das seis. Fumava o último cigarro. A chuva começava a engrossar.

No momento em que escrevo discute-se na Assembleia da Republica a adopção de crianças por casais do mesmo sexo. Não tenho formação nessa área, sou platonicamente gay, já desejei homens no sentido de ser como eles, por inveja das mulheres que com eles estavam, não porque quisesse ser possuído por eles. Chegou-me a lição de Braga, aos 19 anos, não me cabe a mim influenciar os outros, não imponho aos outros aquilo que é a minha orientação e este é a seguinte: é tarde para ser gay, tomara eu ter uma mulher e não dormir sozinho, um carro, um emprego decente. O que mais tenho medo é de perder o contacto com uma mulher, é disso que tenho saudades. Prefiro ficar com a minha filosofia e não me meter em confusões, pois não lucro nada com isso. Quem estudou o assunto, que dê a sua opinião. Não tenho elementos suficientes para ter opinião sobre tal assunto. Mas é engraçado o que este senhor Sócrates anda a fazer, ao longe, agora que se prepara para ser comissário...afinal a questão é de poder, o que tem a ver com sexualidade e religião. Isso os antropólogos sabem e tomam drogas para aumentarem a sua inteligência bacoca. Há que dar tempo ao tempo.

Horácio, o nosso segundo personagem gostava de curtir a vida, não desfazer o seu sexo demasiado, era demasiado controlado, não controlador, controlado. Tinha uma dose de intimismo com uma perspectiva prática bastante aguda. Helena estava junto a Caeiro e era desejada por Horácio, Horácio desejava-a ao longe mas por percalços do desejo deixara de a ver e foi mal-educado para com ela, pelo que mais uma vez uma mulher se escapara, ao lado de tantas que ao lado da sua vida tinham passado...tantas e o homem olhava para baixo, resignado, exultado pela sua beleza, desconfiando da sua masculinidade, confundido, querendo ser gay ou bi só porque estava na moda, sabendo bem que a sexualidade é uma questão social, de escolha e não genética. Ele nascera homem, era 100%viril, apenas não gostava que se tirassem a mulher, era muito possessivo, amava demasiado as mulheres. E um homem que ama tantas mulheres, não pode amar só uma, ou pode? Ajude-me, leitor, que estou ficando confundido. Os dias estão assim, ora chuva ora sol, isto anda tudo destemperado, instalou-se a anarquia dos sentimentos em Portugal e a pequenita chora e eu choro também. Puxa, isto da vida dá cada volta e o mais importante é ter fé, acreditar, pelo menos em si mesmo, na sua família, nas suas capacidades. E nós, que demos tanto a vencer aos outros, ao Outro, não daremos. Ponto. Tenho dito.

Os dias prosseguem, os políticos tentando enganar o povo e as autoridades apertando com os que menos têm e mais fazem. Mas o povo português está começando a acordar. Por entre os campos, no meio do trigo e do milho, sopra um vento de mudança, mudança para levar Portugal a sair da crise, porque ela não foi totalmente provocada por portugueses, há muita gente que quer mal aos portugueses e desrespeita o seu sentido de tolerância. O erro está, portanto, talvez mais lá fora, do que cá dentro, porque cá dentro todos nos entendemos. As pessoas andam assutadas e com medo do que a *troika* e a Comissão Europeia possa fazer. Não há volta a dar, a casa está uma desordem, precisa-se de um líder que saiba cativar o povo. Cativar, não no sentido de escravizar, mas no sentido de seduzir, levá-lo a fazer coisas bonitas, boas, positivas. A Igreja já deu um exemplo, agora a sociedade civil tem de seguir esse exemplo. Ninguém bate o pé, ninguém dá um murro na mesa, isto é uma peste, o que nos aconteceu, o cenário é pior do que o que se passa na Grécia, é um cenário triste, de pessoas que se matam umas às outras por causa de dinheiro, pela simples sobrevivência. Não é ao acaso que estou lendo Darwin. Tenho várias obras sobre o assunto e enquanto antropólogo, talvez devesse estudar melhor o assunto. Doem-me as têmeoras, uma veia pode rebentar, é do estudo e da escrita. Para quê tanto esforço? Terá sido em vão? Sim ou não, alguma coisa foi feita. E não foi pouco.

Enfim, depois de termos escrito talvez muita coisa em Riachos, continuamos, porque talvez em certas circunstâncias, escreveríamos em qualquer hora e em qualquer lugar desde que tivéssemos, e hão-de com certeza aparecer, os nossos leitores. Não escrevemos para a gaveta. Podemos dizer que fomos assinalados há algum tempo e estamos sendo perseguidos porque temos o poder de mudar, como qualquer mortal português e quando mudarmos o país mudará. E será concerteza para melhor. O ministro está aqui perto e não nos diz nada, desde cedo há pessoas que foram preparadas para coisas distintas daquelas que nos ocupamos. Mas também não nos calaremos quanto a questões humanas que atentem contra a dignidade dos mais fracos, dos que trabalham, não tanto dos intelectuais institucionalizados, mas ninguém sabe o que vai aqui, neste país, o que temos de aguentar, de mudar quando outros, a maioria vai para fora dizer mal do país e só depois é que sente saudades e volta e fica tudo bem. E facilmente têm carros de alta cilindrada, Ferraris e outros quejandos, oferecidos pelos papás, enfim, nem vou perder tempo com isto, porque em Portugal há meia dúzia de chico-espertos que de espertos nada têm, nem de sortudo, têm sim benesses e não tiveram de construir nada de raiz, como por exemplo, mudar a matriz relativamente iletrada da família e torná-la algo de mais académico, melhor, interessante. Alguma coisa se fez. Muita coisa se fez. Por isso não sentimos remorsos de nossos pretensos erros aos olhos dos outros, porque nada devemos aos outros, por mais que nos queiram fazer crer que sim. Devia vir de novo o Zé do Telhado...

O que é pena é que neste país uma pessoa tenha de roubar livros para estudar. Que tempo se espera para publicar! Os interesses instalados funcionam mais ou menos assim: se se dá o rabito, tem-se a obra publicada. É o que acontece com a maioria dos autores portugueses, não vou citar nomes para não ferir susceptibilidades, que escrevem para o grande público ou aqueles que escrevem teses (mestrado, doutoramento). Pois eu já tive orientador e era espiritual e foi mais do que um. Por que razão haveria de ter outro? Que sabe menos do que eu da vida? Que sabe menos do que eu academicamente? Por isso creio ser um académico sem cátedra. Não, não vou arrepender-me destas palavras, pois acordei e elas representam uma realidade também sociológica do que se passa nas universidades portuguesas. Eu sei bem demais do que falo. Aposta-se na bonomia e na continuação da adoração a grandes autores clássicos, vivemos numa espécie de classicismo, academicamente e literariamente estamos ainda no século XVIII francês e inglês, para uns, alemão, para outros. É pena, porque o tradicional dos meninos e meninas é ir lá para fora sofrer e depois fazer um figuração e papar gajas por cá enquanto instalam seus traseiros em cátedras que nem sequer construíram. Mas não desenvolvo este assunto, que é uma seca. Não sou o único que pensa assim. Ou serei? Talvez, mas não tenho medo de dizer a verdade. Nem terei, se tiver forças para continuar...pelo menos cheguei até aqui pelos meus pés, com a ajuda apenas da família e de alguns amigos. Onde cheguei? À razão, à paz de espírito, àquilo que Teodora alcançou depois de ultrapassar a Náusea e o vômito, o mictório, a porcaria na casa de banho, enfim, todas as coisas imperfeitas que fazem sentido na nossa cabeça, porque acordámos e estamos atravessando um trânsito astrológico de sorte, estamos iludidos decerto, mas mais decerto ainda chegaremos a um certo lugar. Ou a lugar nenhum, como diria Heidegger. Já lhes falei de Teodora? Daqui a pouco...este país é pequeno demais para Teodora. Dentro de um tempo vos falarei desta senhora.

Como vos hei-de falar de Teodora? Era magra, fisicamente. Tinha seios grandes e redondos, lábios carnudos, cabelo negro comprido, nariz espetado, cintura *au point*, orelhinhas pequenas. Fisicamente, estava *au point*, no ponto, como se diz cá no burgo. Eu ainda me lembrava das americanas, mas Teodora era superior. Mas o que mais me atraía nela era o facto de ser esquiva intelectualmente. Sabia as coisas, mas negava-as de imediato, como se quisesse guardar para si uma verdade eterna, sobrenatural, como um diamante que era de facto o seu coração, mais do que de ouro, era um diamante já lapidado que eu queria lapidar ainda mais. Ela fugia dos meus braços durante a noite. Gostava de estar deitada de barriga para cima, em ponto morto, eu também em ponto morto. Só que essa mera situação dava mais tesão do que qualquer diálogo filosófico ou puramente literário. Estar, ali, *au point*, a cumprir a função de dormir com seu marido. Não havia coisa melhor. Sempre esperei por esse dia, depois de todas as minhas frustrações e procuras desesperadas, vorazmente, onde nada havia e eu tinha-me deparado com ela já entredote e ela dizia-me que queria, a certo ponto um pedaço de mim, puxa, então aí o meu pirilau levantava a cueca e a calça de pijama, não podia senão cumprir a função. Sim, madame, sou o seu mordomo ao seu serviço. Faça de mim seu dono. É assim a vida, por vezes prega-nos destas partidas que nunca esquecemos. Eu morri feliz quando isso aconteceu.

Humm...ainda pensava em Teodora. Andei atordoado, coisa melhor que qualquer droga, uns dias valentes. O certo é que tinha sido uma surpresa, o que aumentara a erecção. Humm...Vou ficar a pensar nisso toda a noite e vou sonhar com corpos misturados toda a santa noite. Valha-me São Michel Serres!...

Mas mudemos de assunto, por parece que já nos explicámos de certa maneira. Bem, no outro dia estava passeando e uma flor chamou-me a atenção, depois de ter pisado uma bosta de boi, que contraste uma flor tão bela...bem se fosse na Índia não teria havido problema. Mas cá...puxa, via tanta merda e não tinha sorte nenhuma no Euromilhões. Tentava, tentava, jogava todas as semanas quatro euros com a mesma chave há seis anos e nada. Nada de nada. Mas nesse dia a flor (que não era um trevo, ainda por cima, nem sequer de quatro folhas; isso é mitológico, não é?) fez-me, para meu espanto e do meu espírito atrofiado, pensar em números. E não é que ganhei o ordenado de um mês? Sim, nada mais, nada menos do que 750 euros. Podia pagar umas certas dívidas que me fodiam o juízo, como certos gajos que se atravessavam no meu caminho ou gajas chatas e tolas, que não sabem ir directo ao assunto. Enfim, empreguei muito bem aquele dinheiro e não o gastei em meninas, como fazia o meu considerado Daniel...pelo menos daquela vez, tirando os 16 a zero com que tínhamos ganho no campo dele com a sua equipa, valeu bem a pena a jornada. Ficámos em primeiro nesse ano. Quantos anos já lá vão? Nesse ano, Riachos foi campeão e os meus colegas de equipa, ainda os vejo, são meus amigos. Isto não se pode estar sempre no top, a alavanca tem de descer nem que seja para ganhar folga e dar um tempo de suspiro à amada Teodora...

Ignorar é a melhor forma de dar valor a alguém. O valor que não têm, tal como todos os orientadores de tese que conheci e mesmo Luísa Gomes, que ganhou o Grande Prémio do Conto para continuar a inspirar-se em mim, enfim, dizem que os escritores são vampiros e querem imortalizar-se pela escrita, como diria Roland Barthes. Aqui a questão não é de bibliografia nem de tema, que já se acabou e hora a hora, surge de novo, com cada vez mais força, mas penso naqueles que não me ensinaram nada quando vou à casa de banho. Tem destas contingências a escrita, arte pobre, mal reconhecida, quando a filosofia é vista como carreira num país que se diz de poetas. De loucos tem muito, de poetas, pouco. Sim, há algum azedume, mas nenhuma inveja dos prémios que vão atribuindo a esses que conspiram em capelas como se se achassem dotados de um poder sobrenatural, e ainda por cima sabem latim e grego, talvez saibam até hebraico e sejam judeus em segunda mão pois quem gosta de história, de história gosta. E os mortos cheiram mais mal do que os vivos, coitados, que estes andam procurando, procurando, como o burro com a cenoura à frente e as palas, tais quais os senhores da APE que gerem direitos de autor de músicos que levam ao bolso. Mas prometemos falar mais de Teodora, sim, temos uma fixação com essa mulher, tal como Dante tinha com Beatriz (Ó Camarneiro! O que é que andas a fazer com 100 mil euros?), enfim, não há reconhecimento nem horizontes abertos para reconhecer a literatura tal qual ela é, mas mesmo assim persistimos, negando a psicanálise pois o seu símbolo é uma pessoa em posição fetal com a tripa cagueira ligada à boca. Imagine-se...a merda que fazem nesses consultórios...

Ocorrem-nos tantos nomes que nos distraímos da nossa atarefada vida quotidiana, pois estar aqui é um descanso sem fim até que se ponha um ponto final nesta narrativa. Pois o leitor é que manda, a partir de agora, que dissemos em bom português alguns impropérios, estamos prontos para a selva e ainda assim, por isso mesmo, a coisa torna-se supremamente interessante...hummm....vinde cá cheirar isto, são rosas, senhor, pétalas, glicínias e outras tantas maravilhas da natureza naturalmente perfumadas para que o ser humano feminino não fuja e se possa deitar, pôr um anelzinho no dedo, e outros possam dormir uns com os outros, metade da turma dormirá com outra metade, disse o marujo, só que se esquecia que em 35 pessoas havia apenas 5 homens, teve que analisar a merda que fez. Coitado. Foi lá para terra de gente boa, os Açores e daí terá rumado às Américas, o campeão especial de corrida. Vou pensar nisso. Prometo.

O hábito de pensar tornou-nos dependentes dos outros. Sempre foi assim, pelo menos desde que surgiu a linguagem, como demonstra Herder. No entanto, pessoas há que respiram literatura e isso não é lá muito saudável, porque forçam tanto que quando se peidam dá merda na certa. Não faltam pretendentes à dama literatura, mas poucos são os consagrados, o romance português actual é na realidade demasiado poético, basta ver os títulos. Deve ser pelo tipo de letra, pela estética e todos esses recantos, permitam-me a observação, estão pejados de gérmes que adoentam a pessoa que os escreve. É como se fosse um Mal de Montano, como diria Vila-Matas, mas ao contrário, pois é da perversidade que se gera o êxito, das idas a urgências psiquiátricas que se gera o (sub)desenvolvimento, dos cócos fora da sanita que se gera a fama. Qualquer dia...teremos um prémio subir pela sanita acima...cuidado então que tenham esses homens perigosos que andam aí no gozo, como se isto fosse uma “palhaçada” (palavras de Filipe Scolari). Oragnizem-se! Ganhem uma campeonato da europa, não se gabem tanto...mas enfim, a minha voz pretende ser como a escrita de Girard, uma voz desconhecida do real, sim, pretendo assumir a realidade que me ultrapassa e não dou um passo além do que posso dar, por isso, já que chegámos aos cinquenta pontos, venha daí o breve descanso que não há paciência para esta gente.

Sim, sim, há bocado estava um pouco zangado. Por vezes não nos sai a melhor prosa, por vezes sai bem demais. E estes escritos são tão importantes que se devem guardar e vender a pouco e pouco, não estamos aqui a falar de pão de ló, mas de massa bruta, do diamante de, tenho um problema com os nome, seria Heródota? Genoveva? Elas são tantas...ah! Teodora, que nome tão grego, tão arrancado do chão, ô xente, lá vem a raiz de novo... Aí é que temos problema, aí é que a coisa impeça. O que não nos traz de novo alguma alegria, mas porém, todavia contudo, a língua portuguesa está ficando seca, mesmo que chova neste momento lá fora a cântaros e faça frio de rachar em pleno fim de Primavera. Junho está a chegar, já se deram as aparições, o povo que acredita pode continuar a acreditar e Cavaco Silva se não demitir este governo já, ficará na história como um Presidente da república conivente com aqueles masoquistas que fazem sofrer os portugueses genuínos, que cá dentro ou lá fora pintam a identidade deste povo, ou melhor dito, desta nação. O que dizemos não acontecerá. Pelo menos, já que não há saída, procure-se alguma coisa na filosofia como diz Filomena Molder.

Continuando, Teodora apercebeu-se tarde que dar aulas não era sua vocação. Ela realmente queria ir para Paris na mira de encontrar um francês delicado, de se promover, de subir socialmente. Era essa a sua intenção. Mas Marçal, seu amigo de longa data, não concordava. Davam os dois a sua queca de quinze em quinze dias (porque Teodora era frígida) para se procurarem sentir normais, parte do mundo. Só que o problema de Marçal é que a mulher era frígida demais, como aqueles motores que nunca mais aquecem quanto mais pegar. De modo que teve de vir um advogado à baila. Enfim, mais um chavalito advogado, ciente do sentir direito, lá foi e não é que reparou também que a mulher era frígida. Fosgase, deixa-me cá deixar esta gaija em paz porque ela tem pobrema. Era só esse o problema de Teodora? Sim, talvez fosse. Ela também não falava muito, andava muito tensa, coitada, estava-se a armar para preparar um advogado só para lixar o pobre do Marçal e decretar em que teta devia tocar primeiro para a aquecer...puxa...!, que é cabo de telecomunicação....talvez dê faísca.

Mas vamos falar de assuntos bem mais interessantes. Naquele dia apercebi-me o nosso personagem apaixonara-se por uma pequena de nome Sara Sampaio. Sempre gostara dos anúncios da Calzedonia, especialmente aquela música. Pois, depois da quele dia, estava apaixonado. Não importava que fosse fulminado por raios e coriscos, por energia eléctrica que fizesse pairar seu corpo no infinito (humm...), o que mais importava é que se apaixonara e ninguém lhe poderia tirar essa doença. Estava adoentado, de facto. Como comunicar com a jovem sem ser através da internet, ele que a usara ao desbarato durante anos. Era uma questão filosófica e pêras!...

Não voltámos atrás neste rolo, adiantemos o que tem de ser feito, independentemente do que acontecer, seja uma imagem, de que tentamos nos libertar através de palavras, ou fixar por palavras, quero dizer. Esses dois seres apaixonados teriam de manter o seu amor em segredo, tal como Romeu e Julieta, dado que era coisa tão importante que logo que se soubesse modificaria o mundo para além desse sentimento e o modificaria no bom sentido, porque toda a gente esperava aquele amor. Qual caixa de pandora qual quê Qual maldição de Bella Gutman qual quê. A vida era futebol, o amor era futebol e rola para a frente, escreve em nome de ti e dos outros, faz o que tens a fazer e se o fizeres bem toda a gente te respeitará. Até o próprio Deus te trará abundância e felicidade, essa paradisíaca cena sonhada pelas Testemunhas de Jeová. Mas tem cuidado, pois aquilo de que és portador, bem agora já me estou começando a apaixonar pela Rihana, tamos tramados, isto ora dá para um lado ora dá para o outro, trata-se aqui talvez de um romance interior, demasiado interiorizado tendo em conta os nossos tempos. Tem cuidado, não sejas fanático, vai com calma, espera sabendo esperar e teus sonhos, os melhores, se tornarão realidade. O narrador atónito queria deixar brilhar as personagens, que elas se esvaíssem no terreno futuro da narrativa e talvez conseguisse alguma coisa, não se sabia muito bem como isto iria concluir, como ia ser este novelo conduzido, apesar de tudo sem diálogo e foi naquele dia que compreendemos, por uma entrevista de Rodrigues dos Santos a Umberto Eco, naquele longínquo ano de 2011, que estamos perante um novelo que não tinha nós nem muito menos cortes e que teoria potência para se desenrolar até das gargantas do felino homem que lutava com o vento, pela potência dos elementos que no seu corpo se reuniam, enfim, como se diz agora, era espectacular.

Se tínhamos quem não gostasse de professores, tínhamos também quem deles gostasse, não era tarefa fácil, nem cabe aqui ao narrador ser repórter do cotidiano, mas somo-lo fatalmente, ou acabamos por o ser, dadas as circunstâncias dramáticas em que vive o nosso povo. Outra coisa que nos cabe nomear, após esses amor louco, talvez não respondido, entre o nosso personagem principal e a modelo, desses amores vivemos também nós e são aqueles que não se pode realizar, que nos dão mais vida, teríamos de bom grado ter como amor o do cotidiano que esse nos daria e assim comprovam nossos personagens, mais vida e vida que viesse e se abrisse diante de nós, como se a humanidade estivesse caminhando, como diria Michel Serres, para encontrar terras mais promissoras, partindo de África e chegando a costas italo-hispânicas, uns a nada outros em barcarolas, outros por terra, depois de ter deixado a terra dos germanos, outro indo mais longe para terras de bretões e outros para mais a norte, terras nórdicas e terras do fim e terras do gelo....um pouco da história da Europa, como nos ajudam as novas notas, vê-se nisto mesmo.

Sigamos então o percurso de Teodora, que agora se chama Sara Sampaio, porque entretanto variegadas coisas aconteceram. Na realidade, passaram-se sete anos e a tímida e gozada Teodora converteu na doce e desejada Sara Sampaio. Ora veja-se lá que transformação! Amanhã teríamos então, um vencedor no campeonato, no dizer de Victor Pereira, do campeonato mais competitivo dos últimos anos, pelo que podemos dizer que há dois anos ele também o foi, com o Braga a entrar na disputa do primeiro lugar. Falaremos então de que coisa já que há tanto para falar e que ainda não estamos totalmente convencidos das voltas que a realidade, sim, a realidade, mas também a ficção, o romance, dá, essas voltas com que por vezes somos agradavelmente surpreendidos ou noutras, malamente surpreendidos, pois que em ambas as situações se tira, nós mesmos ou muitos outros, sentido filosófico. Onde andaria Sara? Não era a Viterbo dado saber, dado que a amava de tal maneira e forma Sara que preferia deixá-la viver outro amor, como em *Ondas de Paixão*, fez Emily Watson, que a felicidade de Viterbo era saber que ela estava feliz, fosse quem fosse. Sim, era preciso afastar aqueles corpos por um pouco, pois sua paixão era mecânica, eletrizante, faiscante demais para ser vivida na Terra. Onde poderíamos então encontrar um lugar onde se sentissem bem aqueles dois apaixonados? Viterbo sabia que estava ficando impotente e não lutava contra isso, estava desesperançado num labirinto, por vezes a imagem de Sara desaparecia-lhe, quando tinha mais fome, mas logo comia uma maçã e voltava a sonhar. Em que utopia se concretizaria carnalmente esse amor? Desafio que nunca, nunca, ninguém enfrentou. Pior que a morte, só a vida, o manter-se vivo e consciente, para além dos maus sentimentos dos outros, da magnânima indiferença, das estratégias, dos interstícios por se passeava o elã vital. Só podia ser qualquer coisa de espiritual. Espírita, pagão, uma mescla de tradição e modernidade, eis como caracterizariamos esse amor da parte de Viterbo, evidentemente ainda não correspondido pois Sara não o queria ver nem morto. A morte! Talvez com a morte Viterbo pudesse seduzir Sara. Mas com a morte de quem? Dele próprio? Não. De um insecto? Não? De uma flor? Não. Sim, porque se o amor deles era vida, pelo menos a partir de Viterbo, a morte poderei regenerar Sara, insuflar sua alma de amor. Oh! Ela já está com outro, diz a hiena. Matar uma hiena? O único animal que, conjuntamente com os símios, se ri? Puxa, que tarefa tínhamos diante da noite naquela noite. Poderia ser o amor assim

## Firmamento Inacabado

---

tão complicado? Põe complicado nisso. Mas poderíamos começar por um ponto, que estaria do lado de Viterbo. Ele tinha de ouvir opiniões dos outros acerca de Sara para mais tarde lhe falar, dele e deles. Decerto que com elogios seria um bom começo. Talvez se estivesse acordado aquela noite pensando por uma vez na vida, no seu destino, tivesse sorte. Não era o fim.

Um facto era certo. Depois de deixar de acreditar, Viterbo voltou a acreditar e com um fulgor inaudito. É somente filosófica a ideia de que o tempo tem mais do que uma dimensão. Será então na Quinta, que encontraremos a solução para o problema do acontecimento, do encontro entre Viterbo e Sara?

Boa pergunta. Talvez desejemos ir passo a passo, degrau após degrau, dimensão a dimensão até chegar à Quinta. Alguns filósofos pensam que vivem e muito ganharam com isso, para além desta Quinta Dimensão. Para nós basta-nos a Quinta. Aí reinamos e até lá, depois de muitas páginas, prepare-se o leitor, encontraremos solução para este nosso enigma que lhe oferecemos. Temos de tudo: religião, psicanálise, filosofia, literatura -de vários géneros- matemática, história (moderna, medieval e pós-moderna), geografia e química. Onde estará Sara neste momento? Sem dúvida que estará, não em Trás-os-Montes ou Lisboa, mas em Paris, portanto o encontro dar-se-á, resolvendo desde já a questão da localização e tendo em conta a actividade profissional da jovem- em Paris. Depois, o Tempo. As dimensões do tempo. Aquilo que vendem como tempo. Que é qualquer coisa de ilusório, de ultrapassado. O tempo dos sonhos, desafiando um pouco freudianos e junguianos. A realidade tem a ver com o tempo? O que é a realidade, perguntava alguém? A realidade é real? O Tempo é real? Uma flor é real? O pensamento é real. Decerto que o corpo, os corpúsculos, são reais, a palavra parece real. Mas será? Mais uma vez, Descartes enganara-se, no seu recanto. Mas Damásio também. Não é no concreto que procuramos o tempo em que os nossos dois apaixonados se vão encontrar. Nem no abstracto. Mas numa estação de comboios, em vias de transformação em não-lugar, porque nunca fomos tão modernos quanto na Idade Média, diria Umberto Eco, só para dar um lamiré da nossa tese, que é boa de partida e que sem dúvida também é ambiciosa e embora não tendo sonhado fazer teses, dar-nos-emos a esse trabalho devido à urgência da tarefa que temos de empreender. Por momentos, respiremos. Anonimamente.

Viterbo não fumava. Sofria de ventriloquismo. Falava por várias vozes, como numa melodia reconhecida por Sua Santidade. Cantava no banho, entusiasmava-se facilmente. Matava vampiros de carapinha, exorcizando aquilo que as pessoas pensam de bem e de mal, exorcizando, muito para além da citação latina em *O Vingador*. Para os leigos, trata-se de um filme em que, após destruir a sua família, um ex-agente da polícia, elimina, um após um, um grupo de mafiosos delinquentes, doentes mentais, desses que como muitos entre nós, convertem o bem em mal e o mal em bem. Para bom entendedor meia palavra basta. Causas familiares. Mas avancemos. Gare Saint-Lazare? Atentemos que Sara não passa de um modelo, portanto não fala, não ouve, não se mexe. É um modelo. O que quer dizer que chegámos ao final de um enigma que demoraria pelo menos sete anos a ser resolvido. Viterbo terá de ensinar um modelo a falar, a ouvir, a comportar-se como um humano comum, a viver uma vida normal. Ora toma lá que já almoçaste. Assim demos a volta ao tempo. O Tempo simplesmente não existe, nem segunda, nem terceira nem Quinta Dimensão. É ficção filosófica, tóino. *Magister Dixit*.

Nestes dias, a palavra de ordem é ser-se bem-sucedido, interpretar os movimentos do mundo, da mundividência dos outros em nosso próprio proveito. Será que sempre foi assim? Falando de que modo, em que modalidade? Já que ultrapassámos o tempo e sabemos o final da história, teremos de continuar, pois os movimentos ditam-nos saberes que esquecemos, coisas que nos disseram e que não respondemos pois sabemos muito bem que aquele que é fácil de palavra é fácil no ataque. Cão que ladra não morde, não é o que dizeis? Do caos à ordem. Não é fácil falar. Falar é fácil. Mais difícil é escrever, nomeadamente quando é não-ficção, ou seja, quando é etnoprosa. E assim ficamos, expondo nossa vida a quem não merece, esquecendo o amor que ficou em Paris, esvoaçando para Los Angeles, regressando a 1984, quando o Senhor passou por lá e um Anjo caído em Berlim derrubou o muro uma década depois, longe da história de reis. Aliás, o vosso narrador escreveu um artigo, longo tempo antes de *Coisas do Mundo*, em que defendia a excisão das armas constantes na bandeira de Portugal. O mesmo seria aplicável a Espanha, não Hespanha, mas España. É sinal de um país demasiado simpático para os agressivos povos do leste e os cuidadosos do norte. É sinal que nada muda, que o povo tem duas faces, diria Nietzsche, e quando o povo tem duas faces, há mortes, revoluções, violência, caos. E quando o povo tem duas caras, os políticos quantas terão? Falam, então a pretexto de seus interesses, sei que isto cai como uma bomba nas vossas consciências, mas calma, o mal que me tinham a fazer já fizeram, não me importo das consequências, porque a escrita dá-me vida, o fogo alimenta a chuva e o mundo transforma-se porque se meteram com um Elemento e daí terão consequências devidas. Pensem antes de fazer. Desde cedo aqui o Vitruvius tomou para si que se podia pensar. E pensou e dispensa que o proibam de falar, pois soa a muitas vozes inconvenientes, da mais extrema direita, à mais extrema esquerda, soa a Verdade, soa a Inferno e Paraíso, muito para além daquilo que Dante polemizou e verteu, que Shakespeare romantizou. Soa. Muito mais do que um Eco, uma voz poderosa, vinda bem do meio da coração do povo, em diversas cambiantes, vá lá homem, acalme-se, tenha tempo para o tempo, para as *Categorias*, se quiser até lhe digo quem as escreveu para incluir na sua douta tese.

Ainda Dostoiveski descansava após escrever Crime e Castigo. Ainda Hemingway pensava em matar-se, porque pensaria que precisaria de ser alcoólico para conquistar mulheres para a sua causa literária ou pescar grandes peixes, ah! Marinheiro, leste demasiado Camus. E afinal deste-lhe razão. A razão que ele tinha! Nem sabes como elas doem, é de trás, de frente e de lado, umas transviadas e outras mais do que frontais, vai o diabo a sete, tira-me esse diabo (que não merece maiúscula, disse-me um pastor alemão) das costas. Endireita-te e ergue-te com o corpo que Deus te deu e dá umas cabeçadas, nem precisas de tirar os óculos porque te protegem dos mosquitos que os outros já começam a comer para sobreviver, não és nenhuma mota, mas um carro, uma máquina de trucidar letras e palavras, sons e ódios, violências, sangue e esperma, pois, pois, és o homem da Regis conta, como muitos se haviam esquecido. E dizes-me que não recebes nada por teu labor. Espera, que vou ali e já venho...temos assuntos para tratar...

Não, não metes pena. Têm-te é inveja. Ah! Meu malandro! Afinal és o homem da Regis conta. Então porque queres tirar na nossa bandeira o escudo e as nossas queridas chagas? Não sabes que gostamos de sofrer? Que gostamos de vitórias morais? Não conheces a nossa natureza? Bem, isto afinal só podia ser trágico ou cómico. Esforça-te, que vai Ter se ser cómico. Mais do que Woody Allen. Dá-lhe Gomez.

It's now the moment where I should write in English? Maybe that's a good idea. I've been thinking about it for a very, very long time. It's better than French. The reader can choose. French or English. No regrets, no pain, just joyfulness and happy days, for a very, very long time. I can feel the joy of others. It makes me happy. So, my joy would be joyfulness to others too. We must decide when to stop to write in Portuguese, leaving away the carpet of their feet...another good idea. They don't deserve our attention, either Portuguese either Spanish. No justifications. No explanations. You mess up my **equilibrium**. It's time to payback. Yes, conspiracy...revenge...blood, pure blood in my veins. This book is ended and I put it down. This book is ended and I put it in your hands. Still, the Portuguese soccer championship did not end. At the end, we'll know the winner. For my instance, I prefer to read and hear some music with an no-alcohol beer. A lot of people is with me. I just feel it. Sometimes I ask myself: "Why did I survive? Why am I a normal person?" I stand for my father. I can I cannot more be like him. I am myself, entirely refrain my qualities and overcomes.

César Bruma deixou de ter o peso de uma nuvem negra que o iludia há bastante tempo. Tempo demais. Sair do sufoco em que se metera era seu objectivo. “Get Up”, dizia James Brown, e César Bruma desfazia-se dessa cara negra e pesada, filtrado pelos raios de sol que entrecortavam as caixas de maçãs, procurando não se importar com pormenores sem a mínima importância. Adiante, avencemos, portanto na designação do que se passou naqueles tempos depois do Século XX. *A Máquina do Tempo*, de H.G. Wells estava obsoleta, pelo que haveria de chegar uma pessoa, um humano, que inventasse outra forma de conhecer outros estados de espírito. Qua mais acontecimentos se perfilaria nas miudezas das entranhas do mundo, para colocar os pontos nos is, ordenar, cumprimentar, regressar, progredir... Afinal, o besugo perseguiria para sempre a mente de César, no sentido inverso do seu entendimento, depois de Locke, para além de Hume. O que era na realidade a natureza humana? Não sabia explicar, sabia que tinha um pouco dela contida em si. Haveria que saber conservá-la, pois aos 49 anos de idade estava já um pouco cansado, hesitante, mas ainda bem disposto por ter arranjado emprego como Professor de História no Colégio D.Maria, onde haveria de conviver com colegas diversos. Ao contrário de César, seu colega Rui Bastos preferira ser iluminista num grupo teatral, técnico de iluminação, melhor dizendo, depois de ter estudado electricidade, Einstein e todos esses autores que se debruçaram sobre o fenómeno da Luz.

Entretanto, nos anos idos de 1935, Clara Fróis andava estudando etnopsiquiatria, segundo as leis de seu mestre, Georges Devereux, em Paris 8, Saint-Denis. O que se seguiria depois de terminar os estudos estava no mistério da sua imaginação e a de um Walter Scott ou Sherlock Holmes e, porque não dizê-lo, de um Poirot. Partira então para a sua aventura no Lago Tanganica, no Quênia, a fim de prosseguir, a campanha de seu mestre, as suas investigações. A que conclusões chegaria ela depois de 9 anos de estudo aturado e estafado? Já veremos.

Quénia. Lago Tanganica. Um DVD que explica o mundo. 1922, 14.54h. Calor intenso, escandalosamente sufocante...o que iria acontecer depois daquele dia de pescaria e trabalho? Haveria de passar a noite a registar as suas notas e o comportamento dos locais. Regressada a Inglaterra, apresentou sua tese no Tagus Park, uma universidade oficial, reconhecida pela rainha Isabel IV. O emprego como investigadora estava garantido. Mas como nem tudo é garantido nesta vida, preocupou-se em arranjar um segundo emprego para se dedicar um pouco à pintura e escultura. Sua vida estava preenchida. Faltava apenas um toque de romance na sua vida, a fim de transpirar e contagiar seu amor a alguém querido. Depois de conhecer Karl, nasci Bellamy, uma menina de olhos azuis esverdeados, que progrediu também por outros caminhos, desta vez para norte, depois de fazer 18 anos. A Idade Maior tem destas coisas...

Demasiado ocupado a pensar, Gustavo, um jovem de 16 anos, perdera o primeiro comboio da manhã que o levaria até à oficina de seu pai. Perdido andou durante duas horas, tendo levado reprimenda natural paterna. E enfim, fez seu dia de trabalho. Corria o ano da Graça de 1989.

Tomás, depois de o terem classificado de impetuoso, tentava treinar-se na arte da hesitação, não seria antes reflexão, mas uma forma de se autodisciplinar e aprender a ser feliz com a namorada que tinha, Edith, uma jovem de origem sul-africana, belíssima como Chelise Theron. Bem, não se diga mais por enquanto. Deixemo-los namorar.

Ecologista das línguas, inimigo do estado das coisas sociais daquele tempo, César continuava a sua caminhada, confiante que iria receber. O seu quinhão aproximava-se de uma medida de desprazer delimitado pelas circunstâncias da sua itinerância. Podiam chamá-lo de louco, mas ele detinha o segredo da divisão ou não entre loucura e não-loucura. Era a Torre de Babel numa versão revista e aumentada.

Os seres delirantes daquele edifício em chamas procuravam libertar suas almas do tormento em que o sistema os tinha misturado. Bem...seria outra história para contar, que nos levaria a outros lugares, a outros tempos já idos, porém, César ousava fintar o tempo com alguma coisa e curiosidade lamechas.

Adiante...atravessando seu espírito por entre a folhagem das representações colectivas, César era arguto como um militar numa missão espinhosa e difícil, porém não impossível.

O fado do nosso país é enganador, pois aponta o destino, através de cantores e cantoras deles, não resulta assim em tanta infelicidade verter lágrimas pela humanidade. O fado conta histórias de pessoas com vidas difíceis, em perigos de vida, pessoas que trabalham. O fado, portanto, pode ser um choro alegre, uma lamentação sem muro, voz que se projecta pelo seu intérprete no horizonte, ecoando, acompanhado de violas, através de sons, ritmos e palavras. O fado é reflexo da natureza humana e da sua solidão. É património mundial reconhecidamente.

Confusamente, o que está enrolado vai ser desenrolado, como esta história que não contei, fruto da mente perversa. Acabaram-se os nomes de tantos nomes que usámos, como na lei, que é uma convenção a respeitar. A natureza humana é, assim, extremamente complexa, algo que não cabe a mim explicar tão sucintamente, que outros explicarão melhor, como já aconteceu. Cantinho abençoado, então esta cidade, a de Ulisses, tal como a de outro fado, o de Coimbra, entre a Severa, Alfredo Marceneiro, Amália e Carlos Paredes. Consumo então fado porque fado também sou, fadado.

Sandra sofria então pelas angústias de ser como era, com segredos dentro dela, através dela, erguendo então sua voz no infinito, para além das nuvens negras, fazendo brilhar o sol que se reflectia na terra, pelo mar e por terra. Bicha, então, de sete cabeças, sofrendo compulsivamente pela sua natureza própria, rasgando seu coração despedaçado.

Ouviam-se, noite após noite, vozes de turba e personagens perdidos, por entre mortos e desenterrados, sofrendo de Mal de Montano, como diria Vila-Matas. E outros autores esquecidos por alguns, como Teillard de Chardin, fabuloso paleontólogo que tinha certa verdade no que dizia. Qual, seria, portanto, para César, que procurava tanto, o número mágico que explicasse a infinidade da natureza humana? Cada povo, cada um, cada grupo, tem o seu número da sorte. Terá? Poderá ter, superando, conquistando, a respeito de matemática e arquitectura (e engenharia civil). O mundo será reflexo da natureza criada? Procuram os homens, então, um autor para o que os criou, sabendo eles de antemão que contêm em si próprios o seu segredo.

Manuel Damásio, neurologista português, terá apontado o *link* perdido, após e antes de outros, envolvendo o que se enrola e desenrola diante dos nossos olhos, pelo que qualquer ser possui em si próprio o poder de construir e destruir. A mente do autor pode, portanto, enganá-lo a si próprio, atravessado por flashes de luz, reproduzindo imagens contínuas, em sequência aleatória. Porém, as chegadas e partidas foram-se alterando de modo a que a regeneração acontecesse, devido a algo que estava demasiado tempo circulando no sangue e que se libertou através da transportação sem acesso a medicação. Seria possível? Tenho confiança em si mesmo, como diria Ralph Waldo Emerson. Enquanto há vida há esperança, diz o povo e tem muita razão. Quer será o autor para contestar isso?

Passando para além dos rios da saudade, César procurava uma justificação para algo de sobrenatural que lhe acontecera. Obcecado com a dúvida metódica cartesiana, instintivamente percebia que sua casa esta em ordem. Tal como Narciso, vira a morte no espelho e dela fugia a sete pés, com todas as forças que tinha, ajudando pelos outros, por seu grupo de amigos, em busca da verdade absoluta que cabia a cada um. Conhecera lugares através da Europa, tal como um globetrotter, munido de instruções de sobrevivência, anotando em seus dois cadernos o que via e o que lhe diziam, em diferentes línguas, que misturava, mesmo sabendo que deixara para trás a mais universal das línguas, mas falada por apenas 3400 milhões de pessoas. Que língua seria essa? E que mais língua se desenvolviam pela mente das pessoas, comunicando umas às outras experiências, emoções, sentimentos, desgostos e sucessos.

Sabia César que o melhor estava reservado para o fim. Qual seria a finalidade então de sua peregrinação sob a terra? Recebia então forças, negativas e positivas, que lhe ajudavam ao equilíbrio no cotidiano, pois sentia fazer parte de um edifício humano que estava pré-construído para perecer o significado da existência. Continuava então, dia após dia, acompanhado de sua companheira, levando seu filho ao colo, por meios de transporte públicos, pois não tinha carro, embora tivesse lugar reservado na garagem de seu prédio.

Numa determinada época, os homens decidem partir em direcção a outros lugares, seguindo a lei de Arquimedes e outros filósofos gregos e romanos, que legislaram e estiveram na origem do direito romano. Corria o ano de 2098 e Sandra tinha descoberto algo que não lhe daria nenhum prémio Nobel, mas que seria útil para os seus alunos e para quem a lesse após sua partida para Leste, para Antuérpia, onde continuou seus estudos e completou sua tese que tinha por título: “O Ponto de Arquimedes: A Relatividade Aplicada às Emoções”. Passou com distinção e louvor, assegurando assim um lugar na cátedra de Heidelberg durante 15 anos, ao que se seguiu uma passagem por Bergen, onde haviam acontecido trágicas mortes devido a um fanático jovem que se sugestionara e intuía ser cruzado e templário. Sua amiga Noémia, depois de ter sido jornalista, dedicava-se à compreensão, juntamente com seu mestre PitMar, do que sucedesse naquele trágico acontecimento. Enfim, coisas de antropólogo. Esse ano de 2098 foi planeado pela conspiração positiva ordenada pelas Nações Unidas de modo a manter o equilíbrio das sociedades humanas vivas.

Seus contemporâneos estavam habituados ao cansaço e trabalhavam entre outros que não trabalhavam, núcleo após núcleo, constituído em suas famílias, colaborando uns com os outros de modo a perpetuar a espécie humana. Enfim, Darwin tinha alguma razão. Por o caricaturaram com macaco, porém, como aconteceu com muitos artistas, não foi reconhecido no seu tempo mas o Tempo deu-lhe razão. Seria difícil manter o bom-senso de parar, avançar seria uma loucura, mas todo o pensador comete também suas loucuras, tal como os adolescentes. Então, segue-se que o pensador pensa por si próprio e pelos outros, nem sempre os indivíduos que parecem sós o são. Por vezes os grupos se autodestroem, tal como o indivíduo que pensa demasiado por acabar, como diria Camus, ou revolta ou acabado consigo mesmo.

Bola após bola, o novelo se ia desenrolando, percorrendo a história dos antepassados e antecipando um futuro risonho para as sociedades mais desfavorecidas, que tomaria, mais cedo ou mais tarde, o lugar, por transferência, das sociedades mais ricas. O mistério estaria então para resolver, muitos mistérios se escondiam no passado para uma pessoa como César e Sandra, pois seu trabalho era mesmo desfazer romances, os seus e os dos outros. Havia solucionado para já, o problema da relação entre indivíduo e sociedade, seguindo as pistas de Alain Renaud. Outras descobertas haveria então para fazer, neste mundo encantado e alimentado pelo imaginário de todos os seres que comunicam, de uma forma ou de outra entre si.

Esperando o nascer do dia, Maurício procurava algum discernimento no interior da sua mente, imitando uma paz imensamente precisa. Tinha como profissão calceteiro e percebia, com os seus amigos, de fazer calçada portuguesa, bem como azulejaria, que os ingleses, brasileiros e americanos, entre outros diversos, apreciavam, devido á sua estonteante simplicidade. Como que uma inocência que gerava sentido através dos olhos de que a mirava. Passo após passo, sua mente ia percebendo o quão difícil era, para si e para os outros, constituir e manter uma família. Tinha nessa altura 35 anos.

Faltam entretanto diálogos na nossa narrativa, que procuraremos reservar para o final, dando continuidade a outras já esboçadas. Entremeadas as ideias com mosto se soluciona algum problema de circunstância, como já dissemos anteriormente. Sigamos portanto, os passos de nosso personagem, desta vez Hermínio Gotham, de modo a perceber em que lugares esteve ele metido, no propósito de seguir uma demanda que começou em castelã, no Séc.XII, após a criação do Reino de Portugal e que acabou em Odessa. Longa viagem foi essa, entrecortada com sons metálicos e esfusiantes palmas da multidão que o via, moribundo e doente, procurando desesperadamente por uma cura que não passava somente pelas qualidades de um ou outro ser, o que no entanto pode parecer inacabado, mas terá certamente uma via intermediária por onde responder.

O nosso viajante perdeu-se algures em Bruxelas sem ter provado as suas famosas couves, pelo que continuou, depois de 4 dias de descanso, a sua peregrinação rumo ao seu sentido comum. Terá permanecido em Toulouse alguns dias e visitado Montpellier, onde estava sendo exposta a obra de Giacometti. Enfim, algum valor se dê à arte.

Tal como previra Freud, o Ego de Hermínio estava virado do avesso, quero dizer, o inconsciente estava sobre posto ao consciente, pelo que tinha momentâneos acessos de raiva, precisando por isso de recorrer, ainda por cima em época de crise económica, a fármacos. Era como se tivesse o mundo na mente, mas invertido, sem que fosse necessário fazer o pino, isto é, caminhava erecto e parecia que palmilhava vias de pernas para o ar, fazendo o pino. Vivia num limbo jungiano, se se pode dizer. Tinha César trabalhado com ele em França, nos idos tempos de 60, para onde exportaram azulejos portugueses. O negócio foi de vento em popa durante seis, sete anos, passando depois disso a registar-se uma quebra devido à crise global que os movimentos migratórios e o interfluxo de informação gerara para algumas pessoas.

Longe estava portanto que ficasse pelo caminho, extravasando as muralhas da memória, buscando patos pelo cerebelo, pelo que ao cérebro o que é do cérebro, digamos. O choro constituía-se como um lenitivo para a sua dor de viver. Percorria assim, caminhos já pisados por outros, de modo a transfigurar-se, camuflando-se como um militar na selva, perseguido pelos fantasmas da sua memória, recuperando a sua forma original.

Esquecemo-nos dos números da sorte de nossos personagens, mas iremos dizer dentro de pouco quais serão. Terão sido três setes? Ou trezentos e cinquenta e dois? Muitos números lhe passavam pelo espírito, pelo que assim se apercebia do meio envolvente em que se envolvia progressivamente, avançando, não sem risco, mas com alguma coragem, para caminhos que poderiam parecer aparentemente não levar a lugar algum. E assim ficamos pensando, dormindo, deixando livre curso aos personagens que se libertam como palavras das garras do pensamento.

Tendo conhecido a fronteira entre loucura e a normalidade, que por vezes se misturava com a outra relação entre de razão e desrazão, prosseguia Hermínio pelos Campos Elísios, cumprindo escrupulosamente uma estrada que fixara nos tempos de infância. Depois, então, de regressado dessa viagem, achava-se num mar lento de tranquilidade, como se estivesse boiando nas águas do Mar Morto. Sentia-se um pouco melancólico, porém a alegria contagiante dos outros também o desviava do pessimismo em que decaía durante alguns dias. Assim recuperou a esperança. E eis que alguma confiança tinha, aguardando que ela se engrandecesse.

O agonístico teria então algum carácter de aleatoriedade?

Num dia chuvoso o clamor da natureza fez-se exposto à obrigatoriedade dos ventos, e nessa clareira se encontraram Gloria e Dickson. Chovia que Deus a dava, Dickson cobriu Gloria com seu guarda chuva amplo e dirigiram-se para um restaurante de nome *Helo*, onde mataram a fome e, depois de um café conversaram sobre tudo um pouco. Gloria percebeu que Dickson disfarça sua timidez com sua voz rasgada e rouca, adivinhava-lhe o sofrimento, pois também havia passado por momentos extremamente difíceis. Não teve pena, foi compassiva e apaixonou-se. Não foi, assim, amor à primeira vista, e Dickson, distraído e focado em si mesmo como era, apercebeu-se mais tarde que tinha uma voz irritante e mau hálito, mas ele desconfiava que ela era dentista. Foram então para o consultório onde Gloria lhe aconselha a deixar de fumar a elevar a sua auto-estima perdida desde há vários anos, nem ele próprio se lembrava. Meses depois, após um tratamento dentário e facial, Dickson sentiu a sua imagem melhorar e assim sua auto-estima melhorou, pelo que também Gloria se sentiu bem por ajudar seu amante. Namoraram durante sete anos. Anos felizes, com altos e baixos, momentos de intimidade gloriosos que só eles compreendiam, mas que, sem se aperceberem, contagiavam os que se aproximavam deles. Ela ajudava-o a compreender como a vida podia ser maravilhosa.

Preparado para dias difíceis, distraído como era, sabia a causa de sua timidez e ansiedade, pelo que se continha de modo a não ser agressivo para com sua companheira Gloria. Depois de se afastarem um do outro, ela para Bona, ele para Cabo Verde, correspondiam-se cada um na sua língua, pelo que a mensagem de seu amor, o fio do seu amor continuava platónica e telepaticamente vivo.

Anos difíceis passou também Erasmo, jovem de 32 anos, que estivera retido na cadeia durante 7 anos, por crimes, uns confessados outros não, e nesse casulo percebeu o significado da existência, da sua e da sua amada que ficara longe, ajudando as tropas portuguesas no Afeganistão. Libertado então da cadeia, tal como num filme americano que por ora não nos lembramos, respirou enfim o sabor da liberdade. Seus dois filhos, Juca e Tomé, tiveram de sair para fora do país a fim de estudarem, cada um tentando, com hesitações e avanços, realizarem suas profissões. Pelo que se pode concluir que a família não precisa de estar sempre junta para se sentir viva e permanecer através do tempo que sobra.

O que seguiu naqueles dias de Primavera, em que as flores rebentavam depois de florir, como diria Ernst Junger, numa obra sua, proliferavam assim rompendo o solo, vidas próprias em sua consolações, contagiando assim o mundo de felicidade. Mas a Primavera não tem fim, eu acredito nisso. Entretanto, nesses dias, desportistas procuravam manter-se em forma, ajudando-se uns aos outros em grupo equilibrando-se e percorrendo as artérias permitidas da cidade. Assim, poderia dizer-se que a Verdade florescia na cidade, mantendo e conservando a vida em manutenção, enviando mensagens para o campo, para aqueles que arriscam sua vida para sobreviver e conservar seus filhos através de seu percurso escolar, profissional, de modo a chegarem à idade adulta através de experiências que recebem de seus pais e amigos. Mas Michel Serres explicaria isso melhor.

Atento e ao mesmo tempo tonto com a pancada da realidade no seu pior, um polícia de mota fazia seu turno e comunicava com sua equipa o fervor dos Indignados e Reformados. Ninguém passava indiferente, pelo que em suas vidas compreendiam o seu sofrimento e o dos outros através de laços de compreensão, pelo que era extremamente difícil manter o equilíbrio numa cidade onde o caos era não apenas aparente mas também contraditório, confuso e intrigante para eles mesmos. Como custava ser polícia e também militar naqueles tempos!

Confundido com sua sabedoria, Simão Prestes tornou-se milionário e pode realizar os seus sonhos de criança. Tinha então 68 anos, pelo que se pôde reconciliar com seus irmãos divididos e regressar à sua origem. De onde teria ele vindo? Para onde iria? Sim, para onde? Ninguém sabia, mas no seu íntimo ele era Preste João.

“E agora, o que fazemos, Professor?”, perguntava o jovem aluno que se agarrava à cadeira como se fosse seu tormento aprender, regrar seu comportamento, pois não sabia bem explicar o que acontecera antes do seu nascimento, tendo saído de um parto difícil, todos o achavam um monstrinho, numa cena de pancadaria entre crianças em que se viu envolvido, num cenário mais tormentoso do que aquele traçado pelo autor de *O Deus das Moscas*. Nessa aula, um grupo de crianças, aprendendo e compreendendo-se umas às outras, ensinavam também o professor, numa amostra de transmissão de saber que se repercutiu nas aldeias vizinhas, depois do exemplo do Colégio Privado de D. Amélia, na cidade longínqua de Namur.

E haveria mais para contar nesta história, ou ensaio sobre realidades observadas que se transformaram, se esfumaram em ficção, pelo que sabia alguém, como se costuma dizer, que o melhor estava guardado para o fim. Naquele palco, desceu o pano, os actores e o público haviam criado um fenómeno de compreensão humana, de empatia, de entreajuda, de comunhão quase espiritual. Digamos que a tragi-comédia de nossos personagens estaria para chegar a algum fim, de modo a entrevermos o que se passava no edifício semelhante à Torre de Babel, onde as línguas se confundiam umas com as outras. Seria trágico então falar? E pensar, como seria? Cada macaco no seu galho, a cada um a sua língua, sem entendimento, sua intuição, seu comportamento e experiência. Nem sempre aquele que vai em segundo parece perder.

Números e palavras, letras encadeadas reflectem também o que nossos ossos têm.

Tristemente célebre, um autor desconhecido fumava a um canto inquietado com os seus problemas e os dos outros, de seu país. Falara demais, em algumas ocasiões. Noutras calava-se em profundo silêncio, resignado pelo seu fracasso, mas sabia que tocara no inconsciente colectivo. Teria tido algum encontro com Karl Jung? Os seus livros poderiam ser queimados, poderia renascer das cinzas, sim, como palavras que voam ao vento espalhando pólen de alegria e infectando o mundo de vida, fruição e contentamento, muito para além dos sombrios dias em que muitos se haviam escondido em catacumbas e outros covis debaixo da terra, pois por vezes regressar à superfície pode ser perigoso. Não, não seria um peixe de águas profundas. Seria então um golfinho? Sim, tinha alma de golfinho e esperava ansiosamente por comunicar com esses seres únicos. Assim se comprazia com sua infelicidade, pois sabia que não tinha capacidade para outra coisa senão escrever, ser lembrado mais tarde por alguém, talvez um adolescente interessado em seguir as pisadas de um autor que se precisava de resgatar, pois havia ficado perdido demasiado tempo no Tempo.

Depois deste enredo que o leitor deverá considerar como entender, as personagens, em condição de libertação controlada, certamente por rasgos de sua própria imaginação, transformaram-se num só personagem, num homem pensativo encostado à sua cruz, à beira-mar. Esse homem teria o nome de Firmino da Silva e assim pensando se libertou de sua pesada consciência pois seguia instintivamente, a toque de café e tabaco e algumas drogas, a história que lhe fugiu debaixo dos pés. Recuperou um tapete que ali perto estava no chão, junto a uma macieira, levando seu próprio corpo, que subia como um balão alimentado a oxigênio. Entretanto, Saint-Éxupéry, no seu voo da noite, na sua possível visibilidade, pois o tempo estava conturbado, apercebeu-se que seu príncipe seria aquele homem cuja subia pelo balão e, sabendo o perigo que corria, inverteu a sua rota, seguindo portanto a sua rota no seu voo da noite. Firmino então, recuperado, ia subindo a trinta metros de altitude, afastando-se progressivamente da sua terra.

Num desses dias apareceu um homem de nome Lidador que, tal como Viriato, resgatou a pátria lusitana agrilhoadada sob o jugo de Roma, enganando os romanos, os que ficaram e os que partiram, tendo chegado cá, com simples romãs envenenadas.

Actores e autores esquecidos pelo tempo são por ele resgatados, pois o tempo é o que o homem faz dele, diria um antropólogo ou um filósofo como Merlau-Ponty. Concreto e abstracto seria assim tão distintos? Seria assim tão difícil escrever um *film noir*, quando havia na paleta tantas e tantas cores disponíveis? Percendo que estava perdido na floresta de cimento que ele próprio erguera, Stephan Micus, grego de fúria, com fúria de grego, fez tremer a terra que tanto amava, pelo que a magnitude dos vários sismos que ecoavam pela superfície da terra, projectaram lava para os céus, perturbando a vida tranquila dos passageiros, dos peões e automobilistas que circulavam naquele dia em Marte.

Depois de tanto reflectir, saindo pela porta que lhe deixaram aberta, o nosso passageiro embarcou rumo ao desconhecido, pelo que a porta fechou-se e trancado a sete-chaves, percorreu o labirinto da mente dos outros, tendo conhecido para sua ilustração, Inferno, Purgatório e Paraíso. Seria então quem esse personagem? Talvez aquele que disse no final do livro de Alexandre Herculano aquilo que ele seria. Partiu...viajou durante dois séculos, provando a sua existência através do tempo, procurando também no tempo a resolução de suas dúvidas existenciais, esquecendo para sempre Descartes e seu método, que tanto o apoquentavam desde a escola secundária.

Recomeça então outra história que se vislumbra no horizonte, onde o sol se ergue, como num filme de Spielberg, onde uma criança salva a humanidade. Belo filme esse...tal como outros, ou como um que foi lido e escrito por Umberto Eco, “Apocalípticos e Integrados”. Perdido no tempo, uma partícula polvilhou o solo de Marte e aí se juntou vida à vida que lá havia.

Em 1944, Jackie Brown procurava o seu encanto perdido, beleza negra, invejada pelas outras mulheres com quem lidava. Encontrou refúgio para as suas necessidades básicas num amigo perdido pelo tempo perdido, confundindo-se com a paisagem que a envolvia e ao mesmo tempo resgatava, como se estivesse debaixo de uma cascata, como se tentasse recuperar a inocência perdida.

Entrou, então em cena um cómico italiano mundialmente conhecido, de modo a fazer que a guerra é para os adultos, pero que aos olhos da criança confusa e assustada e como medo, ignorava o perigo em que se encontrava. Sentia esse cómico que, com infâncias perturbadas podem as pessoas fazer disparates a torto e a direito, mesmo na tv, mesmo através da internet, pelo que procurava transmiti-lhe sinais de alerta com divertimento.

Procurava então naquela Primavera um sentido para as papoilas que se banhavam no dia, no rio, conduzindo à foz, ao mar. Enfim, cartas de amor. Quem as não tem? Bramindo na noite, ouvia vozes contraditórias, umas amigas, outras inimigas, como Dante guiado por Virgílio, descido em espiral ao fundo da camarata onde se alojavam corpos e fetos, numa expressão da clonagem que se realizava. Estava então perdido no tempo e no espaço, e deixara-se de fitas. Perdido, perdido para sempre.

Era um quarteto de jazz quem mais puxava pelas consciências e derivações dos habitantes confundidos nessa torre de Babel onde ninguém se entendia devido à multiplicação das línguas. Veio então o Espírito Santo e tudo unificou numa só língua, a língua original.

Enfim, detenhamo-nos um pouco na cena primordial de dois homens e duas mulheres beijando-se separadamente, num acesso de loucura e raiva que contagiava as mentes programadas para o efeito da função legítima de procriar.

Emerson e Erasmo dialogavam assim continuamente através dos tempos, regressando ao passado que foram, que se tornariam a ser. E sobre que questões dialogavam eles? Metadiálogos, certamente. Por isso, indirectamente, através da escrita que produziam, influenciavam seus contemporâneos e posteridade. Entretanto juntou-se a eles os arqui-inimigos Freud e Jung. Qual seria então a ideia chave da conversa interminável daqueles quatro sábios? Ficaria esses segredo e guardado para sempre? Julgavam-nos loucos, mais do que loucos, inimputáveis, mas eles dedicavam-se a compreender a razão da existência humana, fazendo juz ao *Pensador*, de Rodin. As estátuas não mentem.

Pierre Rivière, nesses dias de perturbação, congeminava em matar a sua família pois era deficiente mental, como alguém analisou nos idos anos 40. Contudo, maldito livro, esse escritor queimou e foi queimado de tanto compreender. Tinha sem dúvida vontade de defender os seus amigos. Quem seria esse autor? Entrava de rompante na sala de aula, pois era professor catedrático e demonstrava como o panóptico devorara em tempos idos, os seres diferentes uns dos outros.

Como outros crimes que as mentes assassinas congeminam em seus sonhos, devido a má educação e formação, mereciam portanto o castigo pelo que infligiam aos outros. O processo durou anos e anos, pior que O Processo de Kafka, num enrolamento que nunca mais se desenrolava por na verdade não tinha ponta por onde se lhe pegasse.

Digamos que o autor se despede com mágoa de não ter dito mais. Deixemos então duas páginas de notas para os seus comentários.

## Firmamento Inacabado

---

NOTAS

## Firmamento Inacabado

---

NOTAS